Talant de bien fere
Dom Henrique
o Infante
Memoria Historica
Primeiro premio de concurso no quinto Centenario
por
Alfredo Alves
Real Lith. Lusitana. Porto.

DOM HENRIQUE, O INFANTE

ALFREDO ALVES

DOM HENRIQUE

O INFANTE

MEMORIA HISTORICA

PRIMEIRO PREMIO DE CONCURSO NO 5.º CENTENARIO

PORTO
TYPOGRAPHIA DO «COMMERCIO DO PORTO»
108—Rua do «Commercio do Porto»—112
1894

A MEU TIO

Joaquim de Oliveira Guimarães

A MAIOR GRATIDÃO.

CAPITULO I

O NASCIMENTO DO INFANTE

Em fins de janeiro do anno de 1394 (era de 1432) uma numerosa cavalgada vinha lá do sul em direcção ao Porto. Accorriam ao caminho, a vêl'a, os povos dos concelhos ruraes, n'uma admiração e n'um respeito, pois que ella era uma cavalgada real. Effectivamente, ao passo regular e pesado do seu cavallo de jornada, lá vinha D. João I, em toda a robustez dos seus trinta e seis annos, acompanhando Dona Filippa, a rainha, que em umas andas forradas de brocado se reclinava, de enferma. Vinha quasi nos ultimos tempos de gravidez a bondosa senhora.

Atraz, em azémolas de jornadear, seguiam as *donas* e *donzellas* da sua côrte: D. Brites Gonçalves de Moura, a camareira-mór, D. Berengaria Nunes Pereira, D. Beatriz de Castro, D. Thereza e D. Leonor Vasques, e D. Brites e D. Leonor, primas do condestavel; bem como as amas dos infantes com D. Affonso e D. Duarte e D. Pedro, ao collo.

Depois, montando corceis fogosos ou possantes muares, desdobrava-se o longo séquito dos que na casa dos reis tinham seu officio: Gonçalo Lourenço de Gomide, escrivão da puridade, e João das Regras, o chanceller, Alvaro Gonçalves Camello, marechal da hoste e Gil Vasques da Cunha, alferes-mór; o mordomo da rainha, D. Lopo Dias de Souza, e Lourenço Annes, seu chanceller; e muitos mais, muitos, da côrte.

Em seguida, e em turba, cavalleiros e homens de armas, escudeiros e pagens,

e cavalleriços e azemeis, tudo n'uma confusão de vozes, retimtins de espadas, estalidos de látegos e bater sonoro de ferraduras, pelo leito pedregoso da estrada.

E assim vinham descendo para o Douro.

A paizagem então mostrava todas as tristezas do inverno; as arvores como arcarias de ramos de onde haviam cahido as sanefas côr de esmeralda, que a primavera n'elles dependurara; nuvens escuras correndo do sul e arrastando pelas copas dos pinheiraes as franjas humidas de suas roupagens de nevoas; os prados sem esmaltes de boninas, os pomares sem suspensões de fructos; e pelo ar de espaço a espaço, um pio de ave resoando como um queixume de quem muito soffre.

Uma aragem frigida era então bem cortante, e por isso, na comitiva, lançavam-se aos hombros as *opas empennadas*, e os gibões de felpo e os capelliços; as senhoras preservavam o setinoso das faces com os folhos de suas coifas de lã, e D. Filippa sentia-se desfallecer de fadiga, n'aquelle ambiente humido e sombrio. O seu olhar azul e sereno turbava-se de cansaço; mas D. João I, a seu lado, sollicito, fallava-lhe e ria, animando-a; e a sua voz forte retumbava a incitar a marcha, e então n'um arranque de enthusiasmo os charamelleiros e *manistreis*, a cavallo, á frente, floreavam em suas trombetas de prata uns toques que os échos repetiam n'uma sonoridade alegre.

O Rei! O Rei!—bradava o povo, correndo.

E pela margem esquerda do Douro a multidão apinhava-se, esperando. Nas *tercenas* de Villa Nova, o senado do Porto aguardava o monarcha; ahi estavam, portanto, Gil Gonçalves e Domingos Annes, juizes, Pero Vicente, Affonso Martins, Pero Annes e João Affonso, vereadores, com suas varas de insignia, bem como Affonso Gonçalves, procurador.

Numerosos barcos convergiam, como peixes em cardume á flôr de agua, para a fusta real, toda engalanada de flammulas e pendões: na margem do Porto, ao grande arco ogival da quadrella de Miragaya, D. João de Azambuja, o Bispo, e o clero e os mais grados moradores da cidade olhavam a praia de Villa Nova; e ao longo da prancha de desembarque ahi, Estevão Affonso, anadel, fazia desenvolver em fila os seus bésteiros de conto e *arricaveiros*, como guarda de honra.

Chegou emfim a cavalgada ás *tercenas* de Gaya; vigorosos braços de *homens da vintena* cortaram com os remos a corrente torva do Douro, fazendo com que a fusta galgasse em bem pouco tempo, a distancia de margem a margem; e de braços abertos acolhia o Bispo a D. João I, e o povo, clamando, fazia-lhe saudações que enthusiasmavam.

A rainha era objecto das attenções especiaes da população feminina; encaminhando-se o séquito pela tortuosa rua dos Banhos á denominada rua Nova,—que então se começava, por *anúduva*, á qual eram obrigados os povos da cidade e seu termo—abriam-se as adufas e a ellas surgiam as moradoras do Porto a dar as boas-vindas a D. Filippa, e como se estava no inverno e nas *almuinhas* não haviam rosas para esfolharem sobre a rainha, só com as rosas de suas faces, sorrindo, era que ellas mostravam toda a alegria que lhes ia na alma.

A comitiva parou junto ás casas do *Almazem*, aposentadoria real. Gonçalo Lourenço, almoxarife, veiu segurar de redea o ginete de El-rei; ao passo que as *donas* e *covilheiras* iam ajudando a descer das andas a rainha.

Subiram então ao sobrado da casa e o senado, com sollicitude, foi receber as

ordens do soberano. Durante a residencia real no Porto, só os mais grados officiaes da côrte teriam aposentadoria na casa do *Almazem;* os outros e restante comitiva installar-se-hiam pelas habitações dos moradores da cidade.

Os infanções-burguezes não viam com bons olhos taes hospedes, não; mas como eram leaes e generosos, a hospitalidade n'elles não se mostrava mesquinha. Verdade era que para aposental-os ahi tinha o Porto as estalagens das Congostas, do eirado do Souto, da rua Chã, de Cima de Villa e de Miragaya. Mas essas casas davam pousada por dinheiro, e os da *companha* do rei queriam abundancia barata.

Todavia o senado lembrou discretamente a D. João I o cumprimento da carta regia, da era de 1428 (A. D. 1390), pela qual se prohibia aos que acompanhassem o monarcha, em qualquer visita á cidade, que pousassem na rua das Eiras e dos Mercadores bem como em casas de viuvas. Foi um acto prudente e cautelloso dos vereadores, que de pouco valeu, todavia.

Em breve tempo começaram as costumadas rapinas da creadagem da comitiva real; desappareciam de casa dos mercadores as *ballas* de *londres*, *bristoll* e *valencinas*, alfaias, barris de vinho. Os maioraes, ricos-homens, cavalleiros, escudeiros, iam-se, da mesma forma, tornando hospedes violentos. Não havia remedio senão reclamar.

—Queixemo-nos ao Rei!—disseram todos, e havia entre a população um rumor surdo de despeito e odio. Assim fizeram, pois isso mesmo deliberou o senado em sessão de 4 de Fevereiro. (1)

D. João I encarregou o marechal de pôr cobro aos desmandos dos da comitiva e continuou residindo no Porto, á espera que a rainha desse á luz. Effectivamente um mez depois d'esse dia em que o senado resolveu ir pedir justiça ao monarcha, na torre da Sé começou muito garridamente um repicar de sinos, apesar de ser quarta-feira de Cinza.

Nascera um Infante; e o bom povo do Porto, sempre leal e sempre nobre, esqueceu os aggravos de vespera e correu em frente ao *Almazem* a victoriar os soberanos. E faziam-se votos de felicidade ao recemnascido; e as raparigas, em danças, divagavam pelas ruas, a cantar; e juncava-se de hervas aromaticas o pavimento em frente á casa, onde o menino começava a vêr a luz do mundo. (2)

No dia seguinte os da côrte e o senado e a clerezia e as ordens religiosas, exis-

---

(1) *Primeiro livro de Vereações da Camara do Porto,* fol. 70.

(2) É tradicção, muito crivel, que o Infante D. Henrique nasceu na casa dependente do *Almazem* ou Alfandega, situada á beira da Rua Nova. O *Almazem* foi erigido na era de 1392 (A. D. 1354), por ordem de Affonso IV, em umas almuinhas e hortas, parallelas ao muro do rio; o bispo D. Pedro considerou isso uma usurpação dos seus direitos de senhorio do Burgo e aggravou; pouca importancia lhe deu o Rei e as casas fizeram-se. *(Livro Grande do Cartorio da Camara do Porto,* fol. 2). Portanto o *Almazem* e casas annexas eram propriedades do Rei. Como D. João I gostava immenso da nova rua, que mandara abrir, e a qual até distinguia com o epitheto de «Formosa», é muito provavel que escolhesse, para sua pousada na cidade, a casa que era do seu dominio directo. Ahi nasceria portanto o Infante D. Henrique, em 1394, a 4 de março. Todavia essa casa ja em 1459 *desapparecera*, pois havia cahido, como se vê pela Carta Regia de 6 de Novembro do mesmo anno, *(Livro 4.º de Pergaminhos da Camara do Porto,* fol. 74), na qual se manda reedificar a mesma casa, á custa da cidade, por *adúa*, de que nem os Moedeiros nem os sujeitos á Ordem dos Hospitalarios eram dispensados. Foi esta, pois, a primeira *reedificação da casa em que nasceu o Infante D. Henrique.*

Em 1677 reedificou-se tambem, por ordem de D. Pedro II, o edificio do *Almazem*, e esses trabalhos ainda são attestados pela parede em que se abre o portão da Alfandega Velha, voltado á rua do mesmo nome. Ao lado do arco ainda está um escudo de armas reaes, com a sua feição usual no seculo XVII. Ha poucos annos ainda se notava na casa que d'essa banda fazia

tentes na cidade, que eram as de dominicanos e franciscanos, organisaram uma procissão que o Porto viu passar pelas estreitas ruas em direcção á sua acastellada Cathedral, onde D. João de Azambuja entoou, jubiloso, o «Te Deum».

No domingo proximo seria o baptisado do Infantesinho. Logo que a aurora arqueou ao longe em um sorriso seus labios de carmim, no ambiente fresco d'essa alvorada de Março começaram de elevar-se ondulantes as vibrações de instrumentos musicos, tangidos ao longo das ruas até então mergulhadas em trevas e solitarias. Eram as *matinadas* ao baptismo do filho do Rei. Apercebiam-se harpejos de guzlas e variações de trombetas. Andavam n'esse folguedo, por incumbencia do senado, Vicente Annes, creado do Bispo, um Diogo, que estava ao serviço do Chanceller da Rainha, Pedro Affonso, João Malha, Janim, Gonçalo Paes e Vasco Annes, e cada um d'elles recebeu mais tarde cento e cincoenta livras. [1]

E as *matinadas* foram o inicio de estrondosa festa em toda a cidade, n'esse dia. O templo da Sé era todo engalanado de preciosas alfaias; as ruas tapetavam-se de flores e de hervas cheirosas, e os sinos como gigantescos passaros de bronze, lá no alto das torres empoleirados, não cessavam os seus repiques. Festa! Festa!

E o menino, o Infantesinho, lá ia no prestito em direcção á Sé, nos braços da camareira mór D. Brites, a viuva de Vasco Fernandes Coutinho; ao lado, D. João I, radiante de amor paternal, mostrava-o ao povo. E este, risonho, victoriava-o.

Junto á pia baptismal D. João de Azambuja rezou as orações do ritual e D. João Homem, bispo de Vizeu, serviu de padrinho ao neophyto. [2]

Recebeu este o nome de Henrique, talvez em honra de seu bisavô materno Henrique, o Torto, pae da Duqueza Branca de Lancaster, o qual era, por seu turno, bisneto de Henrique III, rei de Gran-Bretanha.

Depois da ceremonia vieram as festas populares e cavalherescas; no eirado do Souto erguera-se o tavolado, para o qual forneceram materiaes um Gonçalo, creado do Alcaide-mór de Leiria, e o latoeiro Juça, pelo preço de quinhentas e noventa livras; e n'esse tavolado cavalleiros e donzeis ensaiaram suas armas em justas e torneios; correram-se touros, mortos afinal a púa; e os tangedores e menestreis desferiam suas sonatas suggestivas de amor e de heroicidade. O povo presenciava e applaudia, alegre.

No paço, D. João I, ao pé de D. Filippa, olhava o filho recemnascido e medi-

---

esquina com a rua dos Inglezes—hoje, do Infante D. Henrique, e antigamente Rua Nova—uma formosa janella do estylo Renascença. A parede onde se abria tal janella devia erguer-se no local onde ficava a casa em que o Infante nascera; a qual, como ja indiquei, havia sido substituida por outra em 1460; comtudo é minha opinião que essa janella, infelizmente derribada, *não era d'essa primeira reedificação,* mas sim de outra posterior e quando já a casa não pertencesse directamente ao Rei, pois no peitoril, em relevo, apresentava ella um brazão oval, esquartelado, com as cruzes dos Pereiras e as insignias dos Brandões, o qual, penso, pertenceria aos Brandões, do Porto, que tinham residencia na Rua Nova; brazão egual ao que se nota ainda no tumulo de Fernão Brandão Pereira, na capella de S. Joseph, no magestoso templo dos Franciscanos, da mesma cidade.

(1) *Livro 3.º de Pergaminhos da Camara do Porto.*

(2) Soares da Silva, na sua obra *Memorias para a historia do reinado de D. João I,* refere que o Padre João Colt, academico da Historia Portugueza, indicara no seu *Catalogo dos Bispos de Vizeu* como padrinho do Infante D. Henrique o Bispo D. João Homem.

A *Historia de Vizeu* em dialogos (mss. n.º 227 da Bibliotheca Publica Municipal do Porto) tambem no capitulo relativo a D. João Homem aponta uma carta do Infante, dirigida ao Cabido, em favor de Pedro Nunes Homem, sobrinho do dito prelado, sendo este designado por D. Henrique como seu *padrinho.*

tava. Tinha pensamentos graves; que destinos estariam reservados áquelle neto de reis? Grandiosos sem duvida. Era um predestinado aquelle menino; quando nascera, a ama notara-lhe logo no peito um signal da configuração de uma cruz.

Todos o souberam, no paço. « Hade ser um valente guerreiro de Jesus Christo! » —diziam; e a voz espalhou-se na cidade e por toda ella se commentava o estranho caso, alentando-se cada qual em esperanças.

Declinava o dia e com elle iam desmaiando as alegrias da festa; o Rei tambem tinha uma dôr a alanceal-o; Nun'Alvares, o seu Condestabre, não estava alli a seu lado, como a sua amizade antiga o requeria. Nun'Alvares andava assomado de genio; repartira elle pelos seus mais leaes companheiros de armas grande numero de suas terras, e D. João não podera levar isso a bem. O Condestavel quizera sahir do reino, e o Rei mandou chamal-o ao Porto, por intermedio de Ruy Lourenço, deão de Coimbra, e segunda vez por Fernão Rodrigues de Sequeira e ainda terceira pelo Bispo de Evora, D. João.

Aquelle donzel, que aos dezeseis annos, todo entregue á castidade religiosa da Cavallaria, fôra obrigado a casar-se por palavras suasorias de sua mãe Iria Gonçalves, depois da morte de D. Leonor de Alvim, sua esposa,—a *viuva-donzella* de Vasco Gonçalves Barroso—ficara com uma sombra no coração, que o ia, aos poucos, desprendendo das glorias do mundo.

Viera elle de Braga ao Porto, em 1387, assistir aos ultimos momentos d'essa esposa estremecida, cerrara-lhe piedosamente os olhos, fizera descerem-na á crypta do mosteiro das Donas de Corpus Christi, em Villa Nova de Gaya, e voltara, tristonho, á cidade dos Arcebispos, ás côrtes que D. João ahi tinha reunidas. Lá, para afugentar-lhe a tristeza, quizeram os reis que elle casasse com D. Beatriz de Castro, filha do Conde de Arrayollos, uma viuva tambem mallograda, de Pedro Nunes de Lara, Conde de Mayorca. E o Condestavel, como se ao de cima d'elle o ameaçasse uma nuvem negra, segundo phrase sua, abalou de Braga e lá foi acoutar-se ás suas terras do Além-Tejo, o seu campo de gloria predilecto. E com esses accessos de tristeza e desanimo de tão egregio cavalleiro, D. João sentia saudades dos seus tempos de Mestre de Aviz; e por isso lastimava, como no dia do baptisado do Infante D. Henrique, não ter alli a seu lado o Condestavel, a personificação do espirito da Cavallaria.

Baptisado o Infante, parece que a côrte ainda continuou residindo no Porto; ao menos a 25 de outubro do mesmo anno referendava D. João, n'esta cidade, a carta de confirmação do Foral de Gaya.

Assim o Infante que mais tarde abriu á navegação e ao commercio, pela sua tenacidade inaudita, novos mares e novos portos, viu a luz da sua existencia e passou os seus primeiros dias na cidade eminentemente trabalhadora, que melhor synthetisa o espirito energico das communas medievaes, burgo de commerciantes audaciosos em partirem o crystal verde das ondas do Atlantico com a recurvada prôa dos seus barineis, indo, rumo ao norte, até aos portos de Inglaterra e de Flandres a *tresfegar* suas *merchandias;* e de mais a mais foi embalado o seu berço em uma casa de um *Almazem*, uma Alfandega, canal por onde deriva toda a corrente das relações commerciaes entre os povos.

Tal facto, para o homem que no século xv melhor symbolisa o espirito phenicio, é de uma coincidencia notavel.

CAPITULO II

A EDUCAÇÃO DOS INFANTES

D. FILIPPA era a melhor das esposas e a melhor das mães. Não era apaixonada, mas a sua bondade mostrava-se serena, inalteravel. Sabia o que era o dever e cumpria-o sem esforço, naturalmente. O temperamento meridional de D. João I retrahia-se ante aquella serenidade de alma da esposa, cujos olhos tinham a suave expressão dos que se perdem nas espiraes vagas do sonho; n'aquellas pupillas azues nunca fuzilava um raio de cólera nem relampagueava a menor scentelha de paixão.

Era boa e era casta, a rainha. Não tinha os grandes enthusiasmos nem as grandes dedicações; toda a sua vida era regrada e piedosa; amava serenamente o esposo e serenamente tambem amava os filhos. Desde menina, lá no castello dos Duques de Lancaster, costumava na sua capella senhorial rezar as horas canonicas, segundo o rito de Salisbury (Sarusbri, no dizer do Chronista Fernão Lopes), e isso todos os dias; ás sextas-feiras, meditando na Paixão do Senhor, proferia todo o Psalterio; os jejuns n'ella eram frequentes, e no remanso das tardes passadas na solidão das grandes massas de arvoredos altos — por onde de quando em quando um ou outro veado desferia um galope, de assustado, chocando nos troncos ruidosamente a sua armação ramuda — a duquezinha Filippa, muito só e muito calma, á sua janella revestida de trepadeiras lia os velhos pergaminhos monachaes, com suas illuminuras esguias, fallando em cousas do Céo e em anceios da vida eterna.

Tal era o seu viver em donzella; depois de casada da mesma forma o continuou.

Quando D. João entrava em sua camara, todo tremia de respeito; o guerreiro tornava-se pacifico e discreto; e as fallas da Rainha de tão doces e agradaveis faziam olvidar por algum tempo o tinir ameaçador das armas e as borrascas das rivalidades dos cortezãos.

Toda a mulher que vivesse no paço havia de ser digna do olhar sereno de D. Filippa. Nada de galanterias; posições claras e definidas, apenas. E D. João levou o escrupulo a ponto do expediente tristemente irrisorio de casar de um dia para o outro quasi toda a côrte! Era filho de D. Pedro, o dos legendarios amores e das legendarias cruezas, havia de ter tambem a hereditariedade das extravagancias do desequilibrado pae. Haja vista o tragico successo do galanteador Fernando Affonso, mandado queimar pelo Rei, n'um horroroso desvario. Mas apesar de tudo, a côrte de Portugal tornou-se tão rigida em moral quanto dissoluta fôra no reinado do desditoso e intelligente irmão do mestre de Aviz. Era pois n'esse ambiente de castidade e respeito que se crearam os Infantes. A rainha deu vida a oito filhos: Branca, Affonso, Duarte, Pedro, Henrique, Isabel, João e Fernando. Branca e Affonso pouco viveram; a primeira extinguiu-se de oito mezes apenas; o segundo fallecido aos doze annos, lá dorme o seu bem prematuro somno da morte n'aquelle esbelto e original tumulo dourado que se encontra ao lado direito da entrada da Sé de Braga. Só os restantes se tornaram adultos sob o influxo da educação austera, mas amoravel, da suave filha dos duques de Lancaster.

A' côrte portugueza de então não tinha a estabilidade moderna; mudava-se de terra a terra a cada passo, e assim era preciso. O rei era, por assim dizer, o eixo da grande roda do machinismo da nação, a elle convergiam todos os raios, isto é, todos os poderes; difficeis como eram as communicações de cidade a cidade, de concelho a concelho, tornava-se necessario para conservar o equilibrio politico ir vêr de perto se o alcaide se olvidava da sua menagem ou se o concelho ultrapassava as prescripções do seu Foral. Porisso os reis d'esse tempo divagavam pelo paiz todo; e a chancellaria lá acompanhava os monarchas, pois são variadissimas as indicações de localidades d'onde eram passados os diplomas da governação.

D. João I assim fazia; D. Filippa acompanhava-o muitas vezes; todavia a sua mais diuturna residencia era em Lisboa, Evora e Santarem. E os infantes viviam nos paços com seus paes e toda a sua manutenção era dispensada pelo Rei. Todavia, correndo o anno de 1408 (era de 1446) reuniam-se côrtes em Evora e em certa occasião, estando na presença do monarcha o Arcebispo de Lisboa, D. João, e o Condestavel, os Mestres de Santiago e de Aviz e o Prior do Hospital, bem como Gonçalo Vasques Coutinho, marechal, pediram alguns procuradores dos concelhos que D. João I estabelecesse *casas* aos Infantes D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique.

O Rei accedeu. A D. Duarte, o herdeiro do throno depois da morte de D. Affonso, destinaram-se *oito contos*, e aos outros dous *cinco contos*, a cada um, bem como *quatro contos e meio* para *guarnimentos*.

Para isso o Rei tomaria o terço que *quitara* em Lisboa desde o começo das tréguas com Castella, e dos rendimentos metade seria para a manutenção dos In-

fantes, e a outra conservada nas mãos de pessoas idoneas, serviria de comprar terras para os mesmos. [1]

Não era demasiado para as *casas* dos Infantes, porque á medida que iam crescendo assim aggregavam a si servidores numerosos. Elles eram: confessores, prégadores, esmoléres, capellães, moços de capella, cavalleiros e escudeiros, pagens e moços de camara, porteiros, reposteiros, moços de estribeira e da copa e do monte. E taes servidores nunca faltavam; tudo convergia para a côrte a buscar engrandecimento ou protecção.

Ter moradia no paço era o sonho dourado de todo o que cingia uma espada ou se esforçava por fazer carreira de alcançar essa honra.

Com a serena educação de D. Filippa enfloravam-se as almas dos Infantes; com os exemplos valorosos do pae iam se elles ensaiando para altos commettimentos de armas.

E D. João sentia-se feliz com os filhos. Elle era um valente homem peninsular, trigueiro, forte, energico; se nascesse séculos em antes poderia ser, no Herminio, um dos mais astuciosos companheiros de Viriatho. Sim, era astuto; ninguem como elle foi mais prudente nos meios de alcançar o que se lhe preparava e que elle tinha em fito; mas o seu designio era inabalavel e teimava, teimava até conseguir satisfazel-o. No combater a sua espada era valentissima, mas os seus golpes cahiam pesados e calculados; a espada do Condestavel, essa, floreava ao sol das batalhas, com um meneio largo como um vôo, tentando librar-se a um ambiente ideal de generosidade. O Condestavel foi para elle a alma da sua acclamação como rei; sem o brilhantismo de acção d'aquelle Cavalleiro-modelo, a valentia prudente do bastardo de Aviz seria supplantada e perdida.

E áquella lealdade e áquelle valor de Nun'Alvares o Rei nunca esquecera a gratidão bem merecida.

Não tivera mais util servidor, não tivera mais dedicado amigo. A Rainha D. Leonor Telles dissera d'elle «ao Mestre de Aviz todos os dentes abanam, excepto um». E tinha razão a ambiciosa mulher de D. Fernando, pois que Nun'Alvares consubstanciava em si toda a lealdade da alma popular. Porisso elle ficara sempre, na côrte e no reino de Portugal, como o prototypo da honra e do valor. Aos filhos não podia o Rei dar melhor modelo.

Se os primeiros monarchas da dynastia de Aviz se esmeravam na educação affectuosa d'aquelles a quem haviam dado o ser, tambem estes não lhes podiam mostrar nem mais carinho nem mais gratidão. São paginas que encantam pelo doce aroma de affectuosidade, que d'ellas se exhala, as do «*Leal Conselheiro*» de D. Duarte, em que se refere o viver dos Infantes de Aviz com os seus progenitores. Encommendando todos os seus feitos a Deus, elles subordinavam todas as suas acções ao amor que dedicavam a seu Pae e Rei; se acaso conheciam que alguma cousa lhe desagradava eram todos esforços em affastal'a; sollicitos, inquiriam a cada passo do

(1) *Livro B do Cartorio da Camara do Porto*—Resoluções das Côrtes de Evora (era de 1446). Subscreveram essa resolução D. Affonso, prior de Santa Cruz, Diniz Affonso, *dayam* (deão) de Lisboa, Conde D. Pedro de Menezes, João de Santarem, João Affonso de Alemquer, Dr. Martim Docem e Martim Affonso de Mello, guarda-mór.

que elle carecia; condescendentes, não tinham opinião de encontro á d'elle; sinceros, nunca uma só palavra de censura lhe destinaram na ausencia; discretos, os seus labios eram arca de qualquer segredo; nunca lhe mentiam; se elle se agastava com qualquer palavra inconsciente ou mal interpretada, elles eram todos, n'uma ancia, concordes em pedir-lhe desculpa; tudo o que lhe causasse desgosto era dissimulado; preparavam-lhe festas e torneios para sua distracção; se elle adoecia, accorriam todos a ser seus enfermeiros; com elle trabalhavam, auxiliando-o no despacho da governação; o Rei mandava, sim, mas os requerimentos injustos tinham perante D. João calorosos adversarios. Adoravam a Rainha como uma santa; e todos entre si, eram accordes nos mesmos affectos e propositos.

A sua educação physica, como a de todos os mancebos da época, era um aprendizado nos exercicios arriscados da caça para os lances dos combates, em que se ganhava a espada ambicionadissima da *sagrada Cavallaria*. A caça ou montaria era a predilecta distracção na Edade-Media, de todo o que sentia nos braços a valentia e a força. Caçadas perigosissimas aos ursos e javalis foram o thema de varias *canções de gesta* e de *fabliaux*. Casava-se a galanteria com o perigo; o premio de quem alcançasse dar morte a um urso, ou conseguisse trazer ás mãos um corvo branco, era um beijo nos labios da mais formosa dama que apparecesse na excursão venatoria.

Ser bom caçador era uma das principaes qualidades de qualquer nobre ou cavalleiro.

D. João na sua adolescencia, tendo por aio Nuno Freire de Andrade, ainda parente de sua mãe Thereza Lourenço de Andrade filha de Gil Rodrigues de Valladares (1), habituara-se com elle ás montarias arriscadas ao javardo e ao lobo, e na fadiga d'esses exercicios dava a elasticidade do aço aos seus musculos sadios e educava o animo no labor de perseguir e combater; porisso foi um caçador experimentado, que chegou a compilar varias regras de *monteria*, em um livro que andava em sua recamara. E então com os filhos Duarte, Pedro e Henrique e muitas vezes o bastardo Affonso (ou João Affonso) percorria, alegre, seguido de seus monteiros e lebreus os montados e tapadas a perseguir o javali e o cervo.

Dava regras aos filhos, elle, que se podia considerar um mestre na *arte*. A caça grossa deveria ser morta a flecha aguda; as lebres, com um virotão terminado por uma masseta; aos patos bravos devia-se enganar com a armadilha da vacca artificial, como que pastando no arrelvado das insuas; os lobos tinham de ir cahir, famintos, em um cercado, attrahidos pelo cheiro de presunto, lá posto no centro, como engôdo. E animava-os nas correrias; citar-lhes-hia, talvez, o caso, que Froissart refere, de Eduardo III, de Inglaterra, atravessar a França seguido de trinta falcoeiros e

---

(1) Segundo o maior numero de auctores: João Salgado de Araujo, abbade de Pera; Diogo de Colmenares, *Historia de Segovia;* Manoel Alvares Pedrosa, *Nobiliario dos Reis de Portugal;* Frey Filipe de la Gandara, *Armas y triunfos de Galicia;* Rodrigo Mendes, *Genealogias Reales de España;* Pedro de Mariz, *Dialogos de varia historia;* Gaspar Alvares Lousada; Affonso Nunes de Castro, *Crónica de los tres Reyes;* Damião de Goes; D. Lourenço Sauz, *Ramilhete de flores historicas;* Luis Turquet; Estevam de Garibay; Padre Mariana; Carrillo e Irmãos Santa Martha. (Citados por J. Soares da Silva, *Memorias para a historia do reinado de D. João I.)* Segundo outros, como D. Luis de Salasar, *Indice de las glorias de la casa Farnese,* consideram-na filha de Lourenço Martins, da praça dos Canos (Lisboa), mercador, o qual foi *amo* de D. João.

duzentos e quarenta cães. Podia-se comparar D. João I no gosto da *monteria* a D. Affonso XI, de Castella, que em 1340 fez redigir um *Libro de Monteria*, inspirado decerto no celebre *Livro do Rei Modus*, o mais antigo repositorio de regras aos confrades de Santo Huberto, bispo de Liége. Caçava-se tambem com falcões; era o modo predilecto das donas e donzellas irem á *monteria;* nas suas facanêas, levadas de redea pelos pagens, ellas cavalgavam — armadas de sorrisos — com a preciosa ave em punho, prompta a ser despedida sobre a caça como um virote. Eram estimadissimos, então, os falcões; os melhores vinham da Suecia, da Islandia, de Marrocos, da Turquia. Citava-se com inveja o caso de Bajazet ter mostrado aos prisioneiros da batalha de Nicopolis umas sete mil d'aquellas aves. Tinham estas verdadeiros apaixonados; o seu vôo arrojado e certeiro, como uma frechada, enthusiasmava os entendedores,

> Qui auroit la mort aux dents
> Il revivroit d'avoir tel passe-temps!

chegara a escrever Guilherme Crétin, poeta de Luiz XII.

Eram proprios da época os torneios; desde 1066, em que Godofredo de Pailly os ideou, serviam elles de bom aprendizado nas armas aos mancebos que tinham por destino o combater. Assaltantes e mantenedores giravam nas liças; altivos em suas armaduras, correctos em seus meneios, fuzilando raios de espadas e estrondeando em choques violentissimos, com seus pendões ao vento e seus olhares na dama dos pensamentos, velavam a rudeza dos seus feitos com um sendal de poesia: o culto aryano do bello e do fragil, personificado na mulher. N'esses torneios, que se repetiam nas solemnidades de mais importancia, educaram-se tambem os Infantes de Aviz.

A época era ainda de Cavallarias; havia pouco tempo que aos nove *preux* já consagrados: Machabeu, Josué, David, Alexandre Magno, Heitor, Julio Cesar, Karl, o Magno, Godofredo de Bouillon e Beltram se accrescentara um decimo, Duguesclin. A Cavallaria ainda era um sacerdocio da guerra; aureolava-se com a generosidade e as suas armas deviam defender todo o que se afundasse na tristeza do desamparo.

O espirito cavalheiresco cahia no fervido tumultuar das paixões como uma aspersão de agua benta na fronte de um réprobo; era como uma aragem que descesse do céo a varrer os miasmas que ao de cima de um pantano se alastravam, nas almas. O seu mobil não seria todo ideal, comtudo elle foi um protesto rehabilitador da Humanidade. É n'esse espirito que veem acolher-se as correntes de tradicções indo-europêas, que se transfundem nas almas, de geração a geração, como o sangue de organismo a organismo; e essas tradicções combinadas com a Ideia Christan, — que por assim dizer creou uma nova raça humana, — desenvolvem-se gradualmente nas Epopêas. Aquellas começam no mar dos povos a surgir assim como, longe da costa, affloram á superficie do Oceano as espumas precursoras das vagas, que se formam depois e rolam na praia com estampido formidavel. Pois da mesma forma, nos tempos medievos, uma ou outra palavra revelava, aqui e alli, o assumpto que de longe vinha na aza da tradicção; acolhia-o qualquer

espirito que o desenvolvia em uma cantilena ou *chacone*, assimiliva-se esta com outras identicas, enleiavam-se todas como ramos de florestas ou como raizes vigorosas, e essas cantilenas,—sons isolados—constituiam, enlaçando-se, as *canções de gesta*.

Assim, a *Busca do Santo Graal*, com todas as suas aspirações religiosas e todo o seu ideal de pureza; *Merlim*, o encantador, o magico, uma personificação do dualismo oriental; *Arthur*, a valentia de um rei como que synthetisando em um symbolo a valentia de uma geração; e todos os mais romances do cyclo dos da Tavola Redonda—fragmentos assimilaveis a que Roberto Wace, Boron e Luc du Gast deram typo,—trazem em si o mesmo pensamento que inspirou os *slohas* ou disticos das *Itihasas* sagradas dos indianos, isto é, a lucta do Bem e do Mal, lucta sempre viva e sempre evidente. O ideal de Justiça esboçado n'essas concepções remotas do espirito humano, torna-se mais nitido nas producções que a aspiração cavalheresca assimilara. O Bem tenta supplantar o Mal; a Pureza faz por dissipar as manchas da Corrupção; mas, embora essas tradicções lendarias se combinem com o Christianismo, a felicidade, comtudo, não fica consistindo na suavidade dos prazeres simples, na paz e no amor universal, mas sim ainda no goso cruel dos combates sem treguas.

A *canção de gesta* de *Rolando* é vibrante como um clarim de guerra; a *Durendal*, a boa espada do heroe, sulca como um arado vasta gleba de mussulmanos; *Ganelon* é a personificação do Mal; *Alda*, o *eterno feminino;* o cunho aryano de Justiça lá vem impresso n'essa primeira compilação de cantilenas, e tambem o Christianismo vae chamando a si e absorvendo a composição, tornando-a uma epopêa sua.

Na côrte de D. João I liam-se os livros de Cavallaria; o mesmo rei os tinha em sua recamara, formando um nucleo de bibliotheca. Não era inteiramente desaffeiçoado ás lettras o bastardo de D. Pedro I; gostava de lêr em serão com os da côrte *O Regimento de Principes*, de Gil de Roma; compilava elle mesmo as regras de *Monteria* em livro; tinha a *Historia Geral de Hespanha*, de Affonso, o Sabio; os *Evangelhos*; *Biblias;* livros de orações; o *Manual da Cetraria; A Confissão do Amante*, de John Gower; o livro de *Agricultura* (talvez o do arabe Abu-Zaccaria-Iahia-Aben-Mohamed-ben-Ahmed-Ebu-el-Awan), o de *Bartholo*, e o das *Partidas*, bem como os *Commentarios juridicos* de Pino de Cistoia, as *Trovas* de D. Diniz e o livro da *Demanda do Santo Graal*. Este ultimo, principalmente, era o predilecto, como livro cavalheresco que era. As lendas bretãs, vindas com a alliança e convivencia inglezas, achavam écho e sympathia na côrte de Portugal. O proprio rei comparava-se a Arthur, o legendario, e aos seus bons cavalleiros chamava elle pelos nomes dos leaes da Tavola Redonda.

O Condestavel, todo espiritual, queria desde a adolescencia ser puro como *Galaaz*. D. Filippa rejubilava se com ouvir essas lendas, cantadas ou narradas nas salas do paço das Alcaçovas ou sob os castanheiros frondosos de Cintra; tinha assim uma evocação do seu paiz natal.

Os Infantes escutavam, attentos, e queriam imitar os heroes. As donas e donzellas, sentadas em torno á rainha, ouviam tambem, sorridentes e interessadas, aquellas historias de amores. Todos tomavam nomes de heroes e de heroinas: Arthur e Tristão, Iseult e Oriana, Percival e Lançarote, Alda e Briolanja.

A *canção de gesta* ia para uma nova phase da evolução das tradicções, resolvendo se na prosa das novellas de *Amadis*. Vasco de Lobeira foi um dos primeiros a historiar as aventuras d'esse *donzel do mar*, filho de Perion e de Belizena.

E a leitura d'esses livros de Cavallaria ia supplantando os cantares trovadorescos da Provença. As cantigas de D. Diniz iam-se obliterando, na casa de D. João I; a numerosa côrte do rei-poeta desapparecera sem successores quasi; ainda despertava alguma attenção a poesia galleciana de Macias e Villansandino; mas os livros de Cavallaria absorviam todos os espiritos, e talvez se ligasse mais interesse então a qualquer *goliardo* ou estudante vagabundo, successor de Walter Map, cantando um *chacone* phantastico, do que ao mais lyrico trovador que viesse alli nas salas soluçar queixumes, ao som do alaúde. No emtanto a poesia lyrica não se extinguia, transformava-se. Dous dos filhos do Rei, — D. Duarte e D. Pedro — cultivaram-na. O primeiro trovou á moda antiga, mas como era mais erudito do que poeta, não foi esse o genero litterario que mais se tornou do seu agrado e até das suas trovas originaes nenhuma conseguiu a posteridade lêr. O segundo foi um poeta do tempo, um allegorico á maneira de Juan de Mena; poeta emfim, proprio do momento historico dos primeiros alvores da *Renascença classica*.

D. Henrique, esse, não tinha vocação poetica; o seu espirito não adejava em devaneios de lyrismo; ia-se tornando positivo e grave, calculista e reservado e sêcco.

O pae idolatrava-o; era o filho que mais se parecia com elle, no aspecto e no caracter.

E já ao sahir da adolescencia os tres mais velhos dos Infantes de Aviz iam revelando as linhas caracteristicas intellectuaes, que os distinguiriam: D. Duarte um humanista erudito; D. Pedro, um philosopho e politico; D. Henrique, um cosmographo e economista.

CAPITULO III

A TOMADA DE CEUTA

ORA os Infantes como eram mancebos d'uma época essencialmente guerreira só tinham em mente, nos primeiros annos da juventude, praticar em algum campo de batalha esses feitos que aos valorosos faziam conquistar o ingresso na ambicionada ordem da Cavallaria. Ser cavalleiro era realisar um sonho dourado. Porisso os Infantes, com o ardor dos vinte annos, inquiriam de D. João I, a miudo:

—Senhor pae e rei; quando nos fazeis mercê da honrada Cavallaria?

E D. João ria, respondendo:

—Em breve, filhos, em breve. Aparelharei taes festas que farão espanto a todos os que a ellas vierem. Chamarei de fóra os melhores mantenedores e justadores, e haverá torneios e jogos e mômos e folguedos de desvairadas guisas.

Durarão as festas um anno inteiro e nas Hespanhas não haverá cavalleiro mais honrado que vós outros.

Mas os Infantes retorquiam:

—Graças, senhor pae, graças. Mas antes quizeramos conquistar as esporas de cavalleiros em alguma lide de armas em que as nossas vidas perigassem.

O veterano de Aljubarrota estremecia de goso por vêr os filhos tão ardidos em commettimentos de guerra e replicava-lhes, sorrindo:

—Bem sabeis; estamos em paz com Castella.

Os Infantes retiravam-se descontentes e diziam uns para os outros:

—Nosso pae e senhor quer armar-nos cavalleiros com festas de desvairadas guisas; nós só ambicionaramos que elle nos fizesse mercê de irmos combater os mouros de Grada *(Granada)*, e assim conquistariamos a honrada Cavallaria como é digno de filhos de reis, pois conquistal'a com festas e jogos isso compete «aos filhos de cidadãos e de mercadores» porque «toda a fama de sua honra está na fama de sua despeza.» (1)

E fallavam n'isto tambem com o irmão bastardo, D. Affonso. Este, ao menos, tivera a fortuna de alcançar a espada de cavalleiro em lide trabalhosa de armas, lá no assalto de Tuy, em 1398, pensavam os Infantes. Era para elle uma vantagem que compensava bem o labéo de bastardia. E assim os Infantes só queriam ir combater. Pareceria á primeira vista que seria facil satisfazer-lhes bem depressa os impetos guerreiros em uma época tão bellicosa, que Honoré Bonet, prior de Salons de Cran, bem retratou no seu livro *Arvore de Batalhas*, todavia assim não era. A posição geographica de Portugal obstava a que houvesse disputas com outros visinhos além dos de Castella; com estes equilibrara-se afinal a situação das duas nações antagonistas após as negociações por vezes interrompidas, bem violentamente, desde as tréguas de 15 de Maio de 1393 até ao tratado de Ayllon, de 31 de outubro de 1411. (2) Não convinha de modo algum quebrar a paz que tanto trabalho dera a conseguir.

Tambem se podia ir travar peleja com os mouros de Granada; e essa ideia enthusiasmava os Infantes. Combater os infieis! Quasi se sentiam como esses antigos cruzados, acudindo, n'um arrebatamento de fé, á libertação do Sepulchro Santo, suggestionados pela voz do humilde Pedro, resoando como um clarim de guerra na praça publica de Clermont, á decima sessão do Concilio,—todos de variadas regiões e variados idiomas, mas constituindo um só povo, tão unidos eram pelo amor de Deus e do proximo, segundo a phrase de Foulques de Chartres. Mas qualquer investida aos granadinos era um guante de desafio lançado aos pés de Castella. A esta competia a conquista do ultimo baluarte dos mouros na Peninsula. D. João I podia ajudar; foi esse auxilio, exigido da parte de Castella quasi como tributo, que fizera prolongar as negociações de Santarem. Afinal, Alvaro Gonçalves da Maia viera commissionado pela rainha D. Catharina pedir, *como favor*, a D. João I o auxilio de doze galés contra os mouros de Granada. O Rei de Portugal accedeu e estava prompto a mandal'as, quando perguntando alguma cousa ácerca d'essa guerra planeada ao Infante D. Fernando, o regente, este lhe respondeu que sustasse a expedição da armada, pois que elle andava excessivamente occupado com os seus projectos ácerca do reino de Aragão. Os Infantes de Aviz, já ambicionando uma conquista brilhante para alcançarem a ambicionada Cavallaria, ficaram despeitados. E D. Henrique, o mais tenaz nos seus designios e o mais

(1) Gomes Eanes de Azurara, *Chronica de D. João I*, parte 3.ª cap. 7.º

(2) Conferencias da Torre de Moncorvo (1394); Porto (1398); Ribeira de Valverde (1399); Segovia (1400); entre Castello Rodrigo e San Felices (1407) e Santarem (1407 a 1411). Em 1407 mandara D. Catharina de Castella á entrevista o Bispo de Siguenza, D. Pedro Vallegas, alcaide-mór de Cordova, e o Dr. Pedro Sanches; de Portugal foram commissionados o Arcebispo de Lisboa, D. João, o Dr. Gil Martins e Martim Affonso de Mello. Goradas as negociações, só depois das instancias do arcediago de Gordon foi que D. João I mandou a Ayllon os embaixadores João Gomes da Silva e os Drs. Ocem e Beleagoa.

bellicoso, divagava pelas salas dos paços reaes, sombrio e triste, buscando e rebuscando na mente qualquer alvitre glorioso de conquista, que suggerisse ao pae.

Todos elles fallavam a miudo com os mais leaes servidores, esses que tinham ganho honra em lides e arrancadas, e que na côrte passavam admirados na sua radiosa gloria. Tinham inveja, quasi, d'elles os Infantes. Que lhes indicassem um campo de batalha onde fossem praticar gentilezas de armas, pediam-lhes. Os velhos guerreiros meditavam e nada diziam. Mas um dia, João Affonso de Alemquer, que tinha a seu cargo a vedoria da fazenda e fôra em tempos contador do Condestavel, indicou, quasi á ventura:—Ceuta. Os Infantes entreolharam-se e não poderam deixar de louvar a bella ideia.

—Que fallasse João Affonso ao Rei em tal designio—induziram elles ao védor.

—Que não;—observara este—melhor competia isso aos Infantes, que em tão nobres desejos ardiam.

Resolveram-se. Fòram, e D. Affonso, o bastardo, com elles.

D. João, já avisado por João Affonso, ouvira-os sorridente; porém mostrou-se reservado, hesitante. D. Henrique fallou mais do que todos, com ardor, enthusiasticamente—seria uma conquista gloriosa e muito em serviço de Deus.

D. João I, rejubilando se intimamente com as ambições guerreiras dos filhos, adiou comtudo a resolução do assumpto.

—Que era empreza gloriosa e temeraria; observara elle; mas seria ella do agrado de Deus? Consultaria, para conhecer este ponto, os seus confessores e lettrados, homens *sages* e prudentes. E effectivamente Fr. João Xira, o confessor, e D. Fr. Vasco Pereira foram chamados a conselho.

«Não houve mister de queimar muitas candeias»—escreve pictorescamente Azurara—para os religiosos doutos mostrarem a excellencia do designio.

Ceuta, essa cidade que Abdabiz considerava como fundada por um neto de Noé, duzentos e trinta e trez annos após o Diluvio, dando-lhe o nome de *Ceyt* (em chaldaico: começo de formosura»); que fôra a causa da perdição das Hespanhas, no século VIII, que era como um diamante engastado na corôa da mysteriosa Africa, seria, sem duvida, um digno objecto de conquista para um principe christão. Sim, Deus auxiliaria—asseveravam os *sages* doutores. E citavam o facto milagroso succedido a Affonso de Castella no grande dia da batalha das Navas de Tolosa, em que um Anjo o guiou atravez as serranias para atacar de flanco o Miramolim; lembravam as façanhas do piedoso Fernando, que tomou Coimbra, e as do legendario *Cid*: referiam as conquistas valentissimas do nosso primeiro Affonso; vinham á citação os decretos dos Santos e as leis de Justiniano; e tudo queria convergir ao fim de mostrar quanto era justa a empreza, digna da protecção do Pontifice.

D. João ouvio, ouvio, e respondeu aos lettrados que lhe escrevessem aquillo tudo que diziam. E fazendo-se grave, começou a allegar que o reino estava pobre, exhausto por demoradas guerras e sêccas e fomes; que nem havia gente para levantar; que Ceuta era distante e o poder dos mouros immenso; que se Deus permittisse elle conquistal'a não poderia certamente segurar essa nova joia da Christandade, por mingua de cabedal e de gente, e então seria essa empreza «como um páo que se lança da mão»; que depois os mouros rapinariam, em represalias, no Algarve... E muitas mais razões, muitas, allegou alli o Rei; e os Infantes, em silencio, ouvindo, tristes.

Afinal D. João I chamando um dia D. Henrique, disse-lhe, a sós, com modo risonho:

— Ora bem, filho, como fallaste mais do que teus irmãos mostra-me o que pensas ácerca do que disse.

E o mancebo, um pouco tremulo de commoção, principiou dizendo que eram os irmãos que mais força lhe davam ao designio; que elle bem ambicionava a gloriosa Cavallaria, mas sendo de tão pouca idade e inexperiente, não podia ir de encontro aos prudentes dictames de seu senhor pae e rei; que a este obedeceria em tudo e por tudo; mas... — observava discretamente — que se lembrasse Sua Real Senhoria que bem fadigosos trabalhos passara e bem arriscados lances vencera para conseguir a sua acclamação e que, Deus ajudando, tudo se alcança; que não temesse ir melindrar os de Castella com a conquista de Ceuta, nem isso seria perigoso para a independencia de Portugal, ao contrario — pensava elle — pois assim a nação tornava-se mais temida porque se ampliava em territorio.

N'este dizer já se esboçava bem perceptivel, o pensamento *economico* do Infante em engrandecer o paiz pela colonisação. Em seu entender as colonias, essas desaggregações da mãe-patria, e partes constitutivas d'esta, não perdiam a cohesão, antes as considerava perfeitamente assimilaveis de modo a conservarem a homogeneidade.

Mas em opposição ás allegações de difficuldades apresentadas por D. João I, dizia D. Henrique:

— Que diminuisse o Rei as despezas da côrte; que *quitasse* o dinheiro necessario para a expedição por *escaimbo* com os mercadores abastados de Lisboa e do Porto. Tambem — affirmava elle — todos os moradores dos outros concelhos e os nobres e as Ordens militares contribuiriam para o grande feito. Se eram necessarios muitos navios para a armada que fosse a Ceuta, arranjar-se-hiam elles facilmente; — muitos havia nos portos do reino, outros *tresfegavam* entre estes e os do estrangeiro, podia-se mandar que elles recolhessem; grande numero chegava a cada passo da Galiza e lá da Biscaya, ao frete, e até as galeaças de Genova, que vinham ao trigo, podiam bem, antes de receberem carga, ir tirar lucros com a expedição africana.

D. João ouvira D. Henrique, e abraçou-o, com jubilo. — Era valente e expedito o filho, pensou o Rei. E a todos elles, reunidos depois, disse com voz clara:

— Ora está bem, rapazes. Todo o *mester* quer tempo de aprendiz, e o officio das armas é duro e aquelle que o pretende seguir bem carece de exercicio, em verdade. Ora, portanto, com Deus, tratarei de vossa tenção de guisa que não ficareis mal contentes.

Grande jubilo tiveram os Infantes com o consentimento do pae e davam já largas á sua alegria.

— Segredo — recommendou-lhes aquelle — guardai segredo!

Soube comtudo a Rainha o designio dos Infantes e com a sua serenidade habitual beijou-os, dizendo-lhes:

— Que Deus abençôe o vosso commettimento!

E nas suas orações começou desde então encommendando ao céo o projectado feito.

Era preciso em primeiro lugar estudar o objectivo das operações: — Ceuta. Que

tal seria a grandeza da cidade? Quantos defensores abrigaria em seus muros? Era preciso reconhecer as praias e lançar a sonda a vêr que tal seria o ancoradouro.

Informações não faltavam era certo; lá no Algarve eram muitos os pescadores e mareantes que levavam suas barcas boiar um pouco á sombra das alvadias muralhas d'aquella cidade querida dos filhos do Propheta. Carecia-se, não obstante, para a expedição, de um observador intelligente, sagaz e perito, que fôsse e visse e notasse tudo, de maneira a resolver todas as duvidas e a dissipar todas as hesitações. Para esse fim D. João escolheu o Prior do Hospital, Alvaro Gonçalves Camello, homem que já o havia atraiçoado, era certo, e de quem todos desconfiavam, mas que possuia como nenhum o caracter dissimulado já requerido na diplomacia d'esses tempos. Iria em uma náo do commando de Affonso Furtado, capitão do mar. Aonde? A Ceuta, sabia-se. Com que pretexto? Ao principio custou a encontral'o, mas depois appareceu. Recebera D. João I uma embaixada da rainha da Sicilia, viuva de Martinho I, que pretendendo evitar a união do seu reino ao Aragão, o que veiu a succeder, mandara pedir D. Duarte para seu segundo marido.

D. João ficou de responder, o que fez por intermedio do Prior.

Não concederia a D. Branca da Sicilia seu filho D. Duarte, mas offerecer-lhe-hia D. Pedro. Resposta bem pouco delicada, era certo; e D. João, ladino de seu natural, conhecia que o Prior voltava com uma recusa a esse cambio de maridos.

Mas pouco ou nada se importava; a embaixada era um pretexto apenas para o reconhecimento de Ceuta. Fôram portanto os dous commissionados.

A rainha da Sicilia, como se previa, ficou despeitada, despediu o embaixador e de si para si pensou que o Rei de Portugal era o homem menos attencioso de então. E o Prior, rindo á custa da pobre viuva, lá veiu a Ceuta observando.

Estendia-se a cidade de oeste a leste, em frente a Algeciras, *(a ilha verde)*, subindo e descendo as suas collinas confinantes, com suas casarias brancas, de terraços, acima dos quaes os limoeiros, aqui e alli, faziam surgir as copas verdes esmaltadas dos pomos côr de canario; e na região visinha, a que os naturaes davam o nome de *Balyounich*, as aguas espadanavam nas fontes e nos ribeiros, os pastos mostravam-se estendidos em alfombras velludosas, e de onde em onde o berbér tisnado, com o seu alvadio cadawir vestido e enrolado na cabeça o *carâzi* ia indolentemente cultivando a canna saccharina nos terrenos mais quentes.

Ao oriente da cidade surgia-lhes uma montanha, a que o mouro dava o nome de *Djabalo'l'-Mina*, bem alta e fragosa.

E no cimo d'ella, correndo uma chapada, os muros erguidos por Mohammed-Ibn-Abi-Amir deslumbravam na sua brancura de jaspe. Ficava Ceuta em uma peninsula ligada por um estreito isthmo; as aguas azues do Estreito, o *az-Zocac*, serviam de espelho ás suas torres e muralhas, ao norte; e ao meio dia o mar de *Bosul* vinha quebrar as suas vagas sobre as praias voltadas ás solidões do Atlantico. (1)

---

(1) Vidè *Descripção de Africa e da Hespanha*, por Edrisi (Abou-Abdallah-Mohammed-ben-Mohammed), o geographo Nubiense, de Ceuta (493 Hegira). Trad. de Dozy e Gœje.

E sobre essas ondas centenas de barcos divagavam na sua faina de pesca; os harpões vibravam-se certeiramente aos atuns *(thon)*, e das reconditas profundezas do mar extrahiam-se os coraes, como arvores da côr das romãs.

O Prior viu tudo e notou, como D. João I lhe incumbira; o seu olhar experimentado media a altura das muralhas e a robustez das quadrellas, ao passo que a sonda de Affonso Furtado, descia, descia, cautellosamente, a devassar o ancoradouro. Excellente era este; todos os navios lá podiam entrar.

Voltaram os dous, e um domingo, a nau dos embaixadores veiu Tejo acima, de encontro á maré, flammulas serpeando nos mastros com suas côres garridas, e grande numero de trombetas tocadas, á prôa, em alegria. Desembarcaram, olhados de perto pelo povo, n'esse dia em descanso e voltando da missa a essas horas. Foram logo a Cintra, ao rei. Este dissimulou perante a côrte e ouvio, rindo-se intimamente, o recado dos embaixadores. Mas estes, a sós com D. João e os Infantes, fallaram depois ácerca de Ceuta.

Affonso Furtado declarou o ancoradouro excellente, e contou alli, immediatamente, prophecias fagueiras ao commettimento: que em menino elle fôra com seu pae a Ceuta,—reinava então D. Pedro I—lembrara o capitão—e affastando-se um pouco do seu progenitor fôra ter a uma fonte aonde uns cavallos alli tinham vindo, devagar, a beber. Parou a olhar os animaes, curioso como creança, e n'isto um velho alli lhe apparecera e perguntou-lhe:

—De onde és, menino?

—De Portugal.

—E quem é o teu Rei?

—D. Pedro.

—E sabes os nomes de seus filhos?

—Sim. Chamam-se Fernando, João e Diniz.

—E mais nenhum?

—Não.—respondera. Mas depois lembrou-se do Mestre de Aviz, a quem agora dava o titulo de Rei. Lembrou-se e disse ao velho:

—D. Pedro tem mais outro filho—o Mestre de Aviz.

E o ancião arrepellou suas barbas em desespero, e chorando. Porque?

Elle então proferiu gravemente:

—Eu choro porque esse filho, que pequeno ainda é, será o primeiro o enterrar o conto da sua lança nas areias do Moghreb; os seus cavallos hão-de vir beber tambem a esta fonte, como fazem aquelles que são montados pelos filhos do Propheta; e esse filho do Rei de Portugal será «como huma pequena faisca, de que se levanta muy grande fugueira.» [1]

D. João riu-se, mas intimamente não deixava de acreditar nos vaticinios. A Edade-Media em tudo sentia a previsão e o agouro.

Sabia-se já que o ancoradouro da praça era bom.

—Que lhe dissessem as disposições d'elle.—inquiria o rei.

---

(1) Azurara—*Chronica de D. João I*. Parte 3.ª, cap. 16.

E o prior, com modo grave, respondeu-lhe:

—Que Sua Real Senhoria mandasse vir para alli duas cargas de areia e umas fitas e meio alqueire de favas e uma escudella de pao.

D. João pasmou. Mas o prior retorquira:

—Sem isso nada vos direi, senhor.

—Ora, sus, dom Prior—dizia o Rei, a rir, a rir—quereis usar de feitiços como o Capitão de *astrolomias?*

Mas Alvaro Camello pondo um joelho no lagedo da sala onde fallavam, e tendo se-lhe trazido os objectos que requisitara, alli principiou a traçar em relevo, no chão, a topographia de Ceuta; as collinas, o monte da Almina, os quarteirões de casas, as abras, os ancoradouros. D. João, attento, olhava. Os Infantes curvavam se, n'uma curiosidade, examinando; e em meio d'elles D. Henrique destacava-se, mais que todos attento, um vinco de meditação na fronte larga, o olhar carregado e fito, a mão direita segurando o queixo. Nenhum se interessava mais do que elle n'essa conquista da cidade querida do Maghreb; já se imaginava a desembarcar n'aquellas praias, a escalar aquellas quadrellas, a erguer o seu balsão na muralha branca de Mohammed.

—Ora ahi tendes, senhor, as minhas feitiçarias!—dissera o Prior.

Ao que D. João respondeu:

—Bem avisado sois e sages, meu cavalleiro!

E affastaram se todos, commentando e meditando no caso.

D. Henrique gravou na mente todo aquelle mappa que Alvaro Camello traçara alli no ladrilho da sala do paço de Cintra, e o seu pensamento irrequieto começou desde então a divagar por aquellas collinas e muralhas, enseadas, torres e casarias.

Ia-se decidindo pouco a pouco a expedição. D. João resolveu-se a fallar a D. Filippa em ir combater os mouros.

A virtuosa dona resignadamente acceitava a ida dos Infantes; filhos de reis deviam ser cavalleiros. Sim, os Infantes deviam ir; quizera ella, a boa mãe, que bem proximo estivesse já o dia em que cingisse com suas mãos amoraveis as espadas de heroes aos filhos queridos; dar-lhes hia ella tambem uma corôa de beijos e um collar carinhoso de abraços. Mas para que havia de ir tambem o Rei? Não ganhara já tanta gloria no passado combater? Que descançasse das fadigas das guerras; que se dedicasse unicamente ás da governação do Estado, já não era pequeno o labôr. Lembrasse-se que ia declinando na existencia, como ella tambem; que descançasse a seu lado até á morte que bem cedo podia vir. D. João estremecia e hesitava. As palavras suaves da esposa infundiam-lhe na alma uma impressão religiosa, como se fossem invocações de litanias.

Queria ceder; mas o temperamento meridional, ardente, arrebatava-o e retorquia:

—Era mister que elle se fosse purificar derramando o sangue dos infieis em combate leal e perigoso, elle que só na guerra entre christãos ganhara as suas palmas de victoria.

—Podia—objectava a Rainha—perder em um lance arriscado toda a gloria e fama, que em sua vida conquistara.

E o Rei com as mesmas razões de purificar-se, combatendo os inimigos da religião de Christo, retorquia sempre.

E D. Filippa piedosa como era, n'uma época tão caracteristica do valor bellico, sentiu a alma retrahir-se ao lembrarem-lhe o serviço de Deus. Talvez que no seu intimo suave desabrochasse o pensamento que nenhum serviço podia a Deus prestar a guerra, bem antagonica da ideia de paz e de amor universal que da Essencia Divina dimana, talvez, mas esse pensamento guardou-o ella, timidamente. D. João não insistiu com a esposa e resolveu adiar a sua decisão. Fallaria ao Condestavel; esse era um oraculo; grave e solemne ia já penetrando em vida no templo glorioso que os louvores posthumos erigem. Elle diria da expedição o que á sua grande alma parecesse bem. Era considerado um santo; tinha uma serenidade de quem se desprende das ambições do mundo, a pouco e pouco, gostosamente. Resolveu el rei fallar-lhe. Não o chamaria á côrte; isso dava nas vistas; commentar se-hia de variados modos o caso; o povo imaginar-se-hia em vesperas de algum rompimento lá das bandas de Castella de onde a sanha dos vencidos era ainda mal represada. E D. João queria que todos os preparativos do commettimento fossem discretamente conduzidos. Estavam em Santarem e então o Rei combinou com os Infantes uma certa caçada, em que se reuniriam em um ponto onde fosse facil encontrarem-se com Nun'Alvares. D. Duarte e D. Henrique partiram pois um dia, com monteiros e falcoeiros, em direcção ás terras de Arrayollos. Andaram por lá a montear, dous mezes a mais que não menos; e ao fim d'esse tempo o Rei disse um dia a D. Pedro:

—Filho, apesar de velho ainda posso galgar os montes e bater os matagaes a perseguir os javardos. Teus irmãos lá andam em sua folgança de montear. Vamos tambem reunirmo-nos com elles; seguiremos a ribeira de Mugem; n'essa direcção encontral-os-hemos.

Assim fizeram, e passando a seguir a margem da ribeira de Sôr, chegaram ás proximidades de Coruche. Então disse o Rei para os do sequito:

—Os meus lebreus estão cançados; não podem com a montaria sós, carecem do incentivo de outros bem folgados. Ide pois procurar ahi por essas devezas algum solar de nobre que tenha seus lebreus e m'os empreste.

Lembraram o Condestavel, e o Rei apoiou, sorrindo. Mas esse sorriso só o comprehendeu o Infante D. Pedro.

Nun'Alvares desceu a estreitar nos braços o antigo companheiro de armas, e divagando os dous em passeio, D. João narrou ao amigo tudo o que havia ácerca do designio da empreza de Ceuta.

Ouvio-o o Condestavel serenamente a principio, mas depois as lagrimas soltaram-se-lhe de entre as palpebras cansadas, e proferiu, tremente a voz:

—Pois eu vos digo que esse feito foi inspirado por Deus!

D. João exultou com o parecer de Nun'Alvares e commoveu-se tambem.

E os dous entreolhando-se, sentiram a um tempo nos corações amigos a mesma saudade pelos dias idos de gloria e ardor. Porém era necessario cuidar dos novos que tambem almejavam glorioso futuro. E o Condestavel, sempre bom, sempre leal, recommendava ao Rei:

—Reuni conselho que eu serei comvosco.

Separaram-se. O Rei e D. Pedro volveram a Santarem e os dous outros Infantes foram para Evora, de onde haviam partido.

Pouco tempo se demoraram além do Tejo. Deixando aquella cidade, encaminharam-se a Santarem. Aqui D. Duarte ficou ao pé do pae, e D. Pedro e D. Henrique abalaram em direcção a Coimbra, onde então se realisavam festas;—justas e torneios e danças e banquetes. D. Pedro presidia a ellas, e ahi accorriam muitos fidalgos, a divertirem se. D'essa forma queriam os Infantes ir preparando os cavalleiros em proveito da empreza planeada, ao mesmo tempo que desabafavam com essas folganças toda a satisfação que lhes ia na alma.

De Coimbra a Vizeu foram dous passos, em lá indo os Infantes. Ahi novas festas a que presidiu D. Henrique. Era pelo Natal, e o povo folgava cantando ao Deus-Menino; accorreram de todos os castellos da Beira os mantenedores dos torneios; as damas nobres, nas salas da casa da aposentadoria do Infante, iam volteando na *dança das tochas*, como em festejos de bodas; nas praças ensaiavam-se mômos; desferiam no silencio das alvoradas nevoentas uns cantares alegres as *matinadas* como cotovias; haviam pregões de *alfèloeiras* e *requeixeiras* offerecendo seus melaços e dôces, pelas ruas; avultavam ás portas das tabernas as pipas de vinho, batoques a estalar, gorgolejando como fontes; pelos largos e encruzilhadas jogava-se o *curre curre* e as *torrelhas*, e as *dadas femeas*, e a *vaca*, e o *jaldete*, e a *porca*, e o *butir; almorqueiros* chegavam de Lisboa e Porto com carregas de sirgo e lan para os *brosladores* fazerem os fatos de gala; e por toda a parte a folgança era espontanea e ruidosa.

D. Duarte quiz ir a Vizeu ás festas. Foi, e na vespera de Reis, elle e seis companheiros augmentaram ainda mais a animação das justas e torneios. Pifanos, tamboris, guzlas, psalterions, trombetas vibravam sonatas alegres; e os bôbos e truões, pelas escadarias do paço, soltavam guinchos, e guizalhantes pulavam como cabritos. E a multidão ria e os pobres nescios com esgares e gargalhadas iam escondendo assim o seu intimo bem triste. Taes foram as festas que uma enorme concorrencia attrahiram; foi um tal ajuntamento que «não era senam corte D'el-Rey». (1) Terminadas as folganças volveram os Infantes e o irmão D. Affonso, Conde de Barcellos, para junto do pae. (2) Ahi fallaram novamente ácerca de Ceuta.

—Que não se esquecia; que o negocio era proposto ao conselho em Torres Vedras, quando fosse o S. João— dissera o monarcha.

(1) Azurara — *Chronica de D. João I*. Parte 3.ª, cap. 22.

(2) Conde de Barcellos pelo seu casamento com Brites Pereira, filha do Condestavel, cujo dote fôra o condado de Barcellos, Penafiel, Monte Alegre, Piconha, Portello, Barroso, Chaves, Baltar, Arco de Baulhe e outras terras, segundo a escriptura ante-nupcial feita em Frielas, em 1401. O Condestavel *declinou* no genro o titulo de Conde de Barcellos, (que depois D. João I confirmou), em vista da promessa que o rei fizera a Nun'Alvares de *não crear* nenhum outro Conde além d'elle. Affonso ou João Affonso, Conde de Barcellos, bastardo de D. João I, era filho de Ignez Pires, que depois foi commendadeira de Santos (Lisboa). Ha confusão em o nome do pae d'esta amante do Rei. Consideram-na uns filha de Fernão Esteves, o *Barbadão*, de Veiros; outros dão-lhe como paes Pero Esteves e Maria Annes, de Fonte Boa; e então esse primeiro Barbadão seria um João Fernandes, casado com Mafalda Annes, que jaz na egreja de Mileu (Veiros), os quaes tiveram uma filha Ignez, sepultada na egreja do Salvador, da mesma villa. Esta seria portanto confundida com a Ignez Pires, Commendadeira de Santos, filha de Pero Esteves, como o seu appellido indica. (Vide *Memorias para a Historia de D João I*, Soares da Silva). Em o *Nobiliario de Damião de Goes* (m. 280'36 da Bibliotheca do Porto) o Conde de Barcellos é apresentado como filho de Isabel Fernandes, filha do Barbadão, mesteiral em Veiros, e irmã de Joanne Mendes, da Guarda. É bem notavel a discordancia entre os dous nomes, Ignez e Isabel.

Os Infantes socegaram e razão tinham. Pois o pae mandara «*trigosamente*» cortar madeira para embarcações; Micer Carlos Pezagno, o almirante, teve o encargo de recrutar mareantes, e Affonso Furtado, o capitão, punha a postos toda a sua gente: patrões, alcaides, arraes, pintitaes, comitres, bésteiros, galeotes e marinheiros; João Affonso de Azambuja dava ordem a Ruy Peres do Alandroal, thesoureiro da moeda, para que as fornalhas de fundição estivessem sempre a trabalhar, á uma; e o Gomide, escrivão da puridade, e o ajudante Caldeira iam escrevendo a todos os Anadeis para que fizessem seus alardos de bésteiros e arricaveiros e mandassem relação das forças nos *alcaizes*, ou livros de revistas. A azafama era grande nos preparativos da expedição, da qual se ignorava o destino. Nas margens do Tejo e do Douro, nas tercenas da Magdalena e de Villa Nova, os arcabouços das galés e naus e galeotas em construcção arqueavam-se como costellas de esqueletos monstruosos; os carpinteiros batiam a compasso os malhos; os engenhos *dobadoyras* aprestavam-se a lançar á agua as embarcações já promptas; *estrinqueiros* torciam e retorciam a cordoalha; *enxerqueiras* preparavam carne e pescado para as armadas; accorriam a Lisboa as mesnadas da Beira, da Extremadura e do Alemtejo, apresentando-se a D. Pedro, que tinha a seu cargo commandal'as e fazêl'as embarcar na frota que organisava; e as do Minho e Traz-os-Montes eram trazidas pelo Conde de Barcellos ao Porto, onde D. Henrique, auxiliado pelo senado, dirigia os preparativos fadigosos da expedição e em cuja cidade Bento Fernandes e João de Basto levantavam um grande numero de bésteiros e galeotes.

Toda essa decisão de trabalho fôra resultado do tal conselho que Nun'Alvares induzira o Rei a reunir. Tivera elle lugar em Torres Vedras.

Viera D. João I, de Cintra, e os Infantes D. Henrique e D. Pedro chegaram de Tentugal. Approximava-se D. Henrique da villa e encontrando o pae, beijou-lhe a mão e pediu-lhe:

—Senhor, quando fôrmos em nossa sagrada expedição, que seja eu o primeiro que filhe terra, vos peço.

E accrescentara:

—«Quando vossa escada real fôr posta sobre os muros da cidade, que eu seja aquelle que vá primeiro por ella, que outro algu.» [1]

E o pae, rindo, retorquiu-lhe:

—Em tempo proprio te darei resposta.

E foram todos ao conselho: Rei, Infantes, Nun'Alvares e os maioraes da corte. O Condestavel dissera a D. João que apresentasse o negocio como feito já determinado, e socegava-o:

—Fallai assim que eu serei comvosco. E todos, crentes, ouviram, em antes da reunião, missa do Espirito Santo. Depois o Rei fallou, fallou, allegando não querer guerrear christãos e só almejar combater os infieis, em graças a Jesus Senhor Nosso. Ouviam todos, silenciosos.

O Rei, afinal, pediu conselho. D. Duarte devia ser o primeiro a fallar; desistiu

(1) Azurara — *Chronica de D. João I*. Parte 3.ª, cap. 24.

comtudo em favor do Condestavel, como se combinara. E este com o seu aspecto patriarchal, grave, sereno, como uma visão do passado, alli mostrou na sua phrase suasoria toda a importancia e justiça da empreza. E terminando ajoelhara-se aos pés do Rei, offerecendo-lhe mais uma vez a sua espada gloriosa de cavalleiro. Todos se electrisaram ao ouvirem o Condestavel; alli haviam estado os bons veteranos de Valverde e Aljubarrota, escutando a voz do cavalleiro-modelo, attentos, mas áquellas phrases suggestionadoras de impetos bellicosos, João Gomes da Silva, um dos antigos, enthusiasmado, encarou os companheiros das lides passadas—em todos elles já as cans se destacavam—e gritou-lhes:

—Russos, além!

—Além, assim seja.—apoiaram os outros. Os velhos de Aljubarrota, os de cabellos brancos, os *russos* tinham de ir levar os rapazes á conquista da gloria, pois não!

—Além! Além!—clamavam todos, abraçando-se.

Assim tudo combinado, haviam portanto adquirido grande actividade os preparativos da expedição.

Era em 1415: D. Henrique estava no Porto; D. Pedro em Lisboa, como vimos, tinha identica tarefa á do irmão na cidade do norte, e D. Duarte sempre junto ao pae, embrenhado em despachos e estudos, trabalhando sem descanso, dando audiencias, escrevendo a miudo, sentia, mau grado seu, derivar o espirito para os delirios intimos e desesperadores de um *nevropatha*. Bondoso e triste, resignava-se, em silencio. Mas aquelle «rijo pensamento com receio da morte» tolhia-lhe toda a boa vontade de mostrar-se contente com a expedição; consultava os *physicos*, consolava-se com os dictames da philosophia, nada o distrahia porém. E então sómente todo se multiplicava no affan da governação do Estado, mostrando bem as suas tendencias de principe burocrata.

D. Henrique era muito outro; a sua mente não tinha devaneios nem hallucinações; era um forte, musculoso, de bom sangue, um equilibrado, emfim; se no seu espirito alguma inquietação haveria era a do fito da tendencia, da teimosia do designio. Para elle toda a demora seria tormento.

No Porto tudo se preparava rapidamente, ao seu mando; nada faltaria para o apparelhamento da frota, e por isso com o maximo cuidado vigiava o Infante. Os principaes cidadãos, á porfia, eram promptos a offerecerem-lhe pessoas e bens para o serviço. O povo, ainda que desconfiado do destino da expedição, não regateava comtudo o seu trabalho, e tudo se apparelhava, n'uma faina, para a partida da armada.

E não se pense que a epoca era de abastança e socego, não.

Havia fome e havia peste. No Porto faltava o pão; prohibia-se o embarque d'elle a qualquer que de fora viesse; se algum era descoberto em navio com destino a sahir, era apprehendido e ao senado tinha de ser paga a coima de cinco mil corôas.

A peste, outro flagello. Morriam aos centos; os bésteiros das mesnadas do Minho e Traz-os-Montes, aquelles fortes serranos do Suajo e do Marão, desciam á cidade e aqui tombavam fulminados pela peste, como que varados por um virotão dos mouros.

E os que morriam deixavam o mundo com pena de não terem vida até chegarem a saber o destino da expedição. Era segredo, que não transpirara do conselho de Torres Vedras. Nas ruas de Lisboa e Porto, em todas as outras cidades, nos castellos, nas aldeias, em toda a parte, commentava-se o caso e lançavam-se as mentes em conjecturas.

—Para onde iriam as armadas?—Ao resgate do Santo Sepulchro—diziam.

E havia sempre quem explicasse:

—Foi promessa de El-Rei, nosso senhor.

E assim n'essa meada de conjecturas ninguem podia achar o fio que o conduziria á descoberta da verdade.

Judá Negro, um jogral-astrologo, da casa da Rainha, em uma trova dirigida a Martim Affonso de Atouguia, revelava que El-Rei ia *filhar* Ceuta e que tal soubera pela *Astrolomia*. Isto foi espalhado e todos se riram do nescio...

Fóra de Portugal soubera-se já o affanoso preparativo de guerra, extraordinario, que se estendia em todo o reino; e houveram receios.

O Bispo de Avila, em Palencia, mostrou-se desassocegado e, apesar das razões tranquillisadoras do Adeantado de Caçorla, induzira D. Catharina e o Infante D. Fernando a que mandassem á presença de D. João I, como embaixadores, o bispo de Mondonêdo e Diaz Sanches de Benevides, a fim de se confirmarem as pazes com Castella.

D. João despediu-os com as maiores honras, tranquillisando-os. Nada era com Castella.

Os genovezes que viviam em Sevilha recebiam cartas dos de Lisboa revelando-lhes que a armada ia sobre aquella cidade.

O Rei de Aragão em disputa com o Conde de Urgel, pedira tambem carta de segurança. Deu-lh'a D. João com o melhor agrado.

O Mouro de Granada tremeu tambem e induziu a favorita Riccaforra a que mandasse mensagem á Rainha de Portugal, pedindo paz e offerecendo-lhe um enxoval precioso pa'ra o casamento da filha, D. Isabel.

Respondeu-lhe, serenamente, a Rainha que não se intromettia aos negocios do Estado.

Accorriam tambem os auxiliares; lá da Allemanha um certo Duque e um Barão vieram para ir á empreza. O Duque pretendeu saber o destino da expedição; não lh'o disse o Rei e porisso elle retirou-se para o seu ducado. Vieram mais ás aventuras tres nobres francezes: Mosen Arredenton, Pierre Sonure e Gilles Botaller.

No Porto, o Infante D. Henrique recebia, todos os dias, apesar da peste, auxiliares em grande numero. Lá do seu solar viera Ayres Gonçalves de Figueiredo, com noventa annos, branco como a neve, quasi um espectro, cercado de escudeiros e peões, apresentar a D. Henrique a sua espada. O Infante assim que o viu, pasmou; pareceu-lhe ter diante de si a personificação de todo o passado aguerrido de Portugal, luzente de armas, erecto e audaz, apesar de quasi um século de existencia.

—Bem vindo sejaes;—dissera-lhe D. Henrique—mas homem de vossa edade melhor fôra *filhar* repouso.

Ayres Gonçalves a custo reprimiria um gesto de desdem para responder ao filho de D. João I, *que não sabia se o corpo lhe enfraquecera, mas que o animo era*

tanto como os trabalhos que passara com el-rei seu pae. Embarcou, portanto. Dous bayonezes que haviam visto Aljubarrota, já velhos, trementes, apresentaram-se tambem no *Almazem* a D. Henrique.

Dissera-lhes este:

— Já não tenho armas para vós.

— Ainda conservamos as nossas, senhor! — responderam-lhe os dous. Embarcaram tambem.

Era quasi prestes a partir a armada, do Porto. Com a primavera pareceu diminuir um tanto a peste e porisso era mister não perder tempo para a expedição, demorando-a. No começo de Julho, Affonso Annes, por mandado do Infante D. Henrique, partiu do Porto, em uma fusta, e foi participar a D. João I que a armada ia velejar para Lisboa. Tudo se achava a postos para a partida.

Sob o sol fuzilante de Julho, cortando as aguas do Douro, por onde parecia rastejar um reptil de escamas de topazios, a armada começou, de manso e ordenadamente, a sahir.

Como o *hortator remigium* das naves romanas o comitre das galés dera o grito de *Eia*, como o *Age* antigo. E os remos cahiram á uma nas aguas, que ferveram em espumas; e com um ranger de vigamentos começaram as naus deslizando rio abaixo. A' prôa e á pôpa accumulavam-se os mais grados dos combatentes; nos bancos dos remadores, enfileiravam-se sentados, os galeotes e pintitaes.

Eram sete as galés, commandadas respectivamente pelo Infante D. Henrique, Conde de Barcellos; D. Fernando, senhor de Bragança, filho do Infante D. João e portanto primo de D. Henrique; Gonçalo Vasques Coutinho, marechal, filho de Brites Gonçalves de Moura, o heroe de Chaves e Almeida, rival de Martim Vasques da Cunha, de Linhares, um dos verdadeiros *preux* da côrte de D. João I; João Gomes da Silva, alferes-mór, que em Torres Vedras dissera «Russos além!»; Vasco Fernandes de Athayde, governador da casa do Infante; e finalmento Gomes Martins de Lemos, que fôra aio do Conde de Barcellos.

As naus, em numero de vinte, mais ligeiras do que as galés *birémes* e *triremes*, levavam como capitães: o versatil D. Pedro de Castro, filho de D. Alvaro Pires de Castro; Gil Vasques da Cunha; Pedro Lourenço de Tavora; Diogo Gomes da Silva; João Rodrigues de Sá, o famoso *Sá das galés* do cêrco de Lisboa, que as livrou da embuscada do Conde de Mayorga, o furioso assaltante da *villa* de Guimarães e de Melgaço; João Alvares Pereira; Gonçalo Annes de Souza; Martim Lopes de Azevedo; Martim Affonso de Souza; Fernando Alvares Cabral; Estevam Soares de Mello, o primeiro que chegaria ás praias de Ceuta; Mem Rodrigues de Refoyos; Garcia Moniz; Paio de Araujo; Vasco Martins de Albergaria, que ia ser o primeiro a entrar as portas de Ceuta; Alvaro da Cunha; Alvaro Fernandes Mascarenhas e Ayres Gonçalves de Figueiredo, o ancião quasi centenario.

Depois galeotas, rotundas e pesadas, de carga; e uma innumeravel *fustalha*, — embarcações ligeiras, pequenas, a remos ou á véla, avançando, cruzando-se umas com as outras, seguindo as margens, derivando no rasto das galés, galgando as ondinas como cabritos a pular pelos pastos.

E todas as embarcações com suas bandeiras bordadas a ouro, seus galhardetes e flammulas de seda, seus toldes de damasco e brocatel; o balsão e a divisa do Infante D. Henrique sobrepujando todas as bandeiras dos fidalgos, onde se desta-

cavam seus brazões e motes; e as trombetas soltando á cidade uns toques de despedida enthusiastas:

—Á guerra! Á guerra! (1)

Sahiram a barra do Douro e aproaram ao sul. (2)

De Lisboa vinha ao caminho D. Pedro esperar o irmão; assim lhe ordenara D. João I, de Sacavem, onde se achava com a Rainha, evitando a peste. Afinal ella havia-se resignado á partida do Rei; declarara-lhe elle terminantemente que tinha de ir na expedição, um dia que a procurara na sua camara. D. Filippa tinha então perto de si a Camareira-mór e a filha D. Maria Vasques, no estrado. Ouviram ellas as palavras do Rei e choraram.

Olhou-as a Rainha com suavidade triste e disse-lhes:

—Não choreis, antes encommendai a Deus o feito de Sua Alta Senhoria.

E para o Rei teve ella coragem de dizer, suffocando soluços de afflicção:

—Já que vos é mister ide, e que a vossa jornada seja muito do serviço de Deus e da vossa honra e de nossos filhos e reinos.

E accrescentou que desejava bem que D. João armasse cavalleiros os Infantes; ella cingir-lhes-hia as espadas. O rei accedeu e D. Filippa mandou dizer a João Vaz de Almada que de Lisboa lhe trouxesse tres espadas bem adornadas e bem temperadas.

E continuava vivendo com suas devoções.

Um dia, com o rebate da peste approximando-se, tiveram de abalar para Odivellas. D. João sahiu primeiro; a Rainha quiz ficar para assistir a um officio religioso em uma egreja da villa. Quando se achava lá foi atacada da peste. Participação immediata ao Rei, que voltou n'um prompto; e Affonso Annes correu á praia do Restello, á armada, a chamar D. Pedro e D. Henrique. Deixaram tudo e vieram acudir á mãe, que já ia começando a agonisar. Na sua camara, soerguida no leito, a pobre senhora chamou os filhos:

—Ora vinde para perto de mim, vinde!

Ajoelharam alli os tres; D. Duarte chorando como uma creança; D. Pedro pallido como cera; D. Henrique n'um phrenesi de desespero. Com modo suave disse-lhes ella:

—Já não assistirei á vossa empreza, não.

—Haveis de vêl'a, sim: Deus o hade querer—volveram os Infantes.

—Sim, vêl'a-hei... lá do céo...—e continuou:

---

(1) A divisa do Infante D. Henrique consistia em «huas capellas de carrasco bem acompanhadas de chaparia, E por meo hus motes, que dezião vontade de bem fazer: *(Talent de bien faire)* E as suas cores erão brãco E preto E vis.»

Azurara — *Chronica de D. João I.* Parte 3.ª, cap. 35.

(2) O Porto fez os maiores sacrificios para a sahida da armada da expedição de Ceuta. Os moradores da cidade deram para ella, *a credito:* arnezes, béstas, ferro, madeiras, cordoalha, vinho, carnes; pagaram a carpinteiros, calafates, marinheiros, etc. Repetidas vezes impetraram de D. João I que lhes pagasse o devido, e o Rei nada lhes deu, mas deixou recommendado ao herdeiro que lhes satisfizesse a divida; D. Duarte tambem nada pagou e egualmente deixou em recommendação que não se esquecessem dos moradores do Porto, no tocante ás dividas da expedição africana. Passaram-se annos e o senado portuense mandou pedir ao Rei que, para *descarrego* das almas do pae e do avô, se dignasse satisfazer aquellas dividas, pois os crédores até passavam necessidades: muitos já tinham morrido e viuvas e orphãos eram na miseria. D. Affonso V respondeu «*que era sua intenção pagar e logo que houvesse meios o pagaria.*» (Capitulos especiaes do Porto, nas Côrtes de Evora, 1442.) Nunca.

—Ora tomai, filhos, o lenho da Santa Cruz do Redemptor; que elle vos defenda na vida e vos ampare na morte.

E dividiu o fragmento da reliquia pelos tres. D. Henrique, sombrio, tomou a parte que a mãe lhe dava, e abrindo o jaleco guardou-a sobre o peito, para não mais separar-se d'ella.

E disse-lhes depois a rainha:

—Ora, esperai.

No quarto só se apercebiam soluços. D. João, que não comia nem dormia, de magua, tinha rugidos cavos de desespero e entrava e sahia, como um doudo, no aposento.

—Ora esperai—dissera a Rainha, com uma voz flebil, quasi como um cicio de aragem, triste, triste...

—João Vaz dai-me as espadas que vos pedi, para meus filhos.

O fidalgo trouxe-lh'as e ella estendeu-as sobre o leito, alinhadas, mirando-as e remirando-as; eram de boas laminas de aço, de punhos de ouro, cravejados de aljofares.

E os Infantes, de joelhos, alli aguardando.

—Duarte—disse ella ao mais velho—toma a tua espada. Deus te faça um rei justo.

—Pedro, foste sempre dado a cavallarias, defende com a tua a honra das donas e donzellas.

—E com a tua, Henrique, protege a fidalguia, já que és forte.

Todos eram em choro. D. Filippa cahiu sobre os travesseiros, de extenuada. A seu lado a Infanta D. Isabel, desgrenhados os seus cabellos côr de ouro, toda em lagrimas, gemia.

Entreabrira os olhos a Rainha e disse, dirigindo-os para a Infanta:

—Duarte, filho, olha por tua irmã e pelos nossos João e Fernando, e por minhas donas e donzellas.

—Senhora, sim.—a custo volveu o pobre Infante.

—Deixai vossas terras a Isabel—lembrou D. Pedro, desinteressadamente.

Anoitecia; a penumbra do crepusculo assemelhava-se a um phantasma estendendo-se no quarto da moribunda; para o poente uma lividez sinistra era a coloração do horisonte; as empenas das portas rangiam com a ventania forte.

—De que lado sopra o vento?—perguntou a Rainha.

D. Duarte, carinhoso, a seu lado, respondeu:

—Do Aguião, senhora.

—E' bom vento para a vossa partida.

—Senhora, sim.

—Pois ireis em dia de San Tiago.

E cerrou os olhos, como que a adormecer, sorrindo.

No dia seguinte o momento fatal approximava-se. D. João entrava no quarto a estalar de soluços; os filhos levavam-no para fóra, consolando-o; D. Filippa dirigia ao esposo um olhar de indizivel dôr, não podendo morrer.

Os Infantes disseram ao pae que se retirasse; que se poupasse a tão grande dôr. Reuniu-se conselho e deliberou-se que D. João fosse para Alhos Vedros. Amparado pelos filhos veio o heroe de Aljubarrota receber o ultimo abraço da esposa.

Como louco, montando a cavallo, fugiu depois desorientado. E D. Filippa, de costas, no leito, mãos erguidas sobre o seio, tinha visões mysticas; apparecia-lhe Nossa Senhora a chamal'a, lá do céo.

E a tremer de goso a sua voz dizia, a custo:

—«Grandes louvores sejam dados a vós, minha Senhora, porque vos prouve de me virdes visitar do alto». (1)

Mudaram-a de cama, para morrer; commungou; foi ungida; ouviu rezarem-lhe em torno ao leito o officio dos mortos e finou-se.

E os Infantes, frontes curvadas, lacrimosos, sahiram um a um do aposento.

Na côrte tudo foi tristeza; e até deu-se a coincidencia de n'esse dia da morte de D. Filippa haver um eclipse de sol—o sol ser *cris*, como então se dizia.

Depois dos funeraes, começou a correr voz que a morte da Rainha era agouro do mau successo da empreza. Para que servia tão grande armada? murmurava o povo.

No emtanto as galés e naus, fundeadas no Tejo, vélas colhidas, sem flammulas nem galhardetes, a marinhagem n'um silencio triste, esperavam.

Mas, de repente, dias depois do fallecimento de D. Filippa, içaram se nos mastros balsões e divisas, começou a azafama na multidão de galeotes e pitintaes, tangeram garridamente as trombetas, em ar de festa. O povo de Lisboa correu á beira do rio, espantadissimo.

E no mesmo instante appareceu rio abaixo a galé de D. Henrique e n'ella o mesmo Infante, todo vestido de gala, e da mesma forma seus escudeiros e remadores.

—O nosso Rei perdeu o siso!—diziam uns aos outros com espantos.

—São artimanhas do Prior!—observava um, desconfiado.

—Peste para elle!—rugiam alguns que ouviam o dito.

E todos desapprovavam o proceder do Rei e dos Infantes.

D. João appareceu depois tambem a desembarcar no Restello; viera na galé do Conde de Barcellos. Multidão enorme accorreu á praia, anciosa, de noute, com tochas.

Sempre era certa a partida. Para que? inquiriam uns. E para onde? interrogavam outros. E as almas retrahiam-se com o vago terror de perigos imminentes. E como a peste e fome flagellavam, e a Rainha havia morrido, e o sol estivera *cris*, todos diziam que D. João ia buscar a perdição sua e do reino.

Effectivamente ia ter lugar a partida da expedição.

Duvidara se algum tempo d'ella, após a morte de D. Filippa; reunira-se conselho, dividiram se as opiniões; sete diziam que se fosse á empreza, outros tantos que ella se adiasse. Pertencia a estes o Condestavel; D. João e o Infante ficaram admirados da prudencia do heroe. Mas D. Henrique todo se empenhou pela ida;

(1) Azurara—*Chronica de D. João I*. Parte 3.ª, cap. 43.

lembrou as ultimas vontades da Rainha—ella dissera que partissem em dia de San Tiago;—suggeriu a ideia de se vestirem de gala para levantar os animos: observou que seria um desaire deixar de executar immediatamente o que de tanto tempo já vinha preparado... D. João escutou e assentiu no que D. Henrique lembrava; era o filho que mais se parecia com elle, bem o sabia.

Todos depois apoiaram o decidido pelo Rei. D. Duarte, esse, mais sentimental, guardou silencio, e sempre triste pensava na morte.

Com toques de trombetas e clamores, parecendo alegres, abalou a armada Tejo a fóra, a 24 de julho; e como um bando de gaivotas voando baixas, rente á superficie azulina do mar, os navios foram traçando uma curva alvejante até perderem-se de vista ao longe, encobertos pelos fraguedos de Cezimbra. Foram seguindo ao sul até á abra de Lagos. Fundearam ahi e o Rei desembarcou. Fr. João Xira, eloquentemente, em sermão, revelou ao exercito o fim da empreza e em mais de um coração houve um descoroçoamento. Combater em Africa?! Era a primeira vez; havia um certo receio; eram inimigos desconhecidos da geração do Mestre de Aviz os infieis.

E de noute, ao scintillar das estrellas, pensava-se com saudade nos lares distantes. Era preciso, comtudo, partir; e assim todos fizeram.

Foram a Faro e ahi, de noute, deu-se o seguinte caso na galé de D. Henrique; deitara-se D. Duarte na coberta, a dormir, pois era grande o calor; mas acordando casualmente notou que a lanterna do barco se incendiara; ergueu-se o Infante e dirigiu-se a chamar D. Henrique, que immediatamente acudiu e lançou a lanterna ao mar, queimando-se nas mãos quando isto fez. No sabbado foram lançar ancora em Algeziras; timidos, os mouros d'ahi enviaram a D. João seus presentes.

E no emtanto a armada aproou ao Estreito, em comprida fila, como uma serpente. Passou ella, em meio de nevoas, por defronte de Tarifa; aqui imaginou-se que pelo mar deslisava uma ronda de phantasmas.

—Que é aquillo?—inquiriam, das muralhas, olhando o mar, os de Tarifa.

—Uma armada; decerto a do Rei de Portugal.

—Impossivel—affirmava o fronteiro Martim Fernandes de Porto Carrero—nem todas as florestas de Portugal podiam dar madeira para uma frota tão numerosa.

Mas um portuguez, que alli se achava, insistiu: «que sim, que era a frota».

E effectivamente, desprendendo-se os sendaes do nevoeiro, surgiu toda a armada, passando em frente, como um traço branco a regrar o horisonte.

E assim foram indo até Malaga.

Em Ceuta, Zala-ben-Zalá, o *scheik*, mandara convocar os *kabîlas*, receioso da armada dos portuguezes; e entre a multidão dos mouros os terrores agoureiros perpassavam frios a gelar as almas; no Ramadan a lua estivera tres partes *cris*, e na outra tivera perto de si uma estrella enorme; havia alguem que sonhara vêr a cidade toda recoberta de abelhas; outro imaginara tambem em sonhos vêr chegar pelo Estreito um leão coroado, com muitos pardaes a seguil'o.

Outros mais fallavam em signaes precursores de desditas espantosas. E o *scheik* mandara convocar os astrologos, sabedores das cousas do céo e dos futuros. Veiu

a conselho o venerando Asmed-ben-Sille, *almocadem* de Tunis; durante duas horas o velho sabio não pronunciara palavra, e a final, instado, só dissera que haveria sangue... porque a estrella Orion se mostrava em forma de espada. E tudo tremeu de inquietação.

No entretanto de Malaga viera o almirante Carlos Pesagno bordejar em frente ás muralhas de Ceuta, em reconhecimento; e D. João I na vespera da festa da Senhora de Agosto, passou para Barbaçote, a esperar o grosso da armada.

D. Henrique foi procurar D. Pedro que se demorava; encontrou-o de noute, reconhecendo-lhe a galé pelo lanternim, ao longe. Vieram os dous ter com o pae e este tomou conselho em assaltar a cidade. Emquanto estavam n'elle, alguns dos da armada, mais atrevidos, saltaram a umas salgas aonde uns poucos de mouros haviam chegado a provocal-os e escaramuçaram com elles. Do combate resultou morrer um dos nossos. D. João mandou recolher todos ás naus e logo começou sobrevindo uma tormenta de vento sudoeste e chuva e trovoada, que encapellando as aguas do Estreito, arrebatou velame e remos e disseminou toda a armada. Arribou tudo a Malaga; e os de Ceuta, livres de susto, cantaram victoria, e Zala-ben-Zala despediu os auxiliares como desnecessarios e incommodos. Desgarradas, as naus andavam ao joguete das ondas e dos ventos; D. Henrique foi incumbido de procural'as e reunil'as novamente. E n'essa tarefa salvou a gente da nau de João Gonçalves Homem, que se afundava.

A' medida que as embarcações iam apparecendo, conglobavam-se as conjecturas de que se voltaria a Portugal. Deus não protegia a empreza—pensavam todos; e haviam muitos que clamavam contra o Prior dos Hospitalarios, alcunhando-o de traidor; fôra elle o que viera examinar a cidade e o resultado era aquelle.

—Traidor!—affirmavam. E Alvaro Gonçalves Camello sabendo isto ria e deixava dizer.

Mesmo em conselho o desanimo reinava e as opiniões dividiam-se. Uns diziam que se fosse a Ceuta, outros a Gibraltar, a maior parte optava pela retirada. E' escusado dizer que os Infantes só fallavam em dirigirem-se ao primeiro ponto. D. João não respondeu a decidir; reservado, desembarcou na ponta de terra, chamada do Carneiro, e sentando-se ahi, no chão, rodeado dos do conselho affirmou cathegoricamente que havia de ir sobre Ceuta.

Os Infantes ouvindo tal exultaram e D. Henrique mais que os outros. A este disse então o Rei:

—Filho, é chegado o tempo de satisfazer o teu pedido de Torres Vedras. Primeiro que todos leva a tua frota do Porto, a direito de Almina.

—Senhor, sim; e Deus vos pague—respondeu, alegre, o Infante beijando a mão do pae.

E logo fez seguir a sua frota, como uma lança em riste, até ás penedias de Almina.

Dada a ordem de levantar ancora, imaginara-se que a direcção era Portugal. Quando se conheceu o verdadeiro destino houvera um começo de insubordinação; dous escudeiros do Infante disseram-lhe, peremptoriamente, que não cumpririam as suas ordens, tão temerario e desarrozoado consideravam o accommettimento.

E D. Henrique, olhando o momento, refreou-se no impeto de castigar a insolencia dos insubordinados, e serenamente e gravemente, retorquiu-lhes:

—Havemos de ir. Serei eu o primeiro a desembarcar; e se não quizerem acompanhar-me mesmo assim eu só *filharei* terra.

Ao que elles, arrependidos, declararam effusivamente que haviam de acompanhal'o.

E vélas ao vento, a frota continuou vogando.

No emtanto os escudeiros eram descontentes, pensando que D. João I queria sacrificar a gente da frota do Porto, expondo-a ao ataque de Almina, a fim de encobrir a sua retirada para Lisboa. D. Henrique percebeu-os e resolveu-se a dar-lhes parte de todo o plano de ataque. Ficaram os escudeiros bem tristes e confusos de haverem desconfiado da lealdade do seu Rei, e só buscavam depois poderem congraçar-se com o Infante.

Anoutecendo, a cidade toda crivou-se de luzes,—era um alarde de valentia e segurança; a frota, por seu turno, tambem se illuminou, e após os trabalhos preliminares do assalto planeado para o seguinte dia, alta noute alastrou-se por toda ella o silencio do repouso. O borborinho da cidade mourisca amorteceu tambem, e em breve ao bruxulear das estrellas e dos lanternins sómente as aguas murmurando de encontro ás amuradas dos navios e estendendo-se pelas praias, pareciam entreter-se em não sei que segredado colloquio.

No céo limpido d'esse dia 21 de Agosto começava a estender-se a coloração suave da madrugada e já na frota o bulicio do despertar era fadigoso. Erguiam-se os combatentes uns com o rubor do enthusiasmo, outros com a pallidez da incerteza; iam *correger* seus arnezes e espadas, muitos buscavam os religiosos que vinham na armada e de joelhos ante elles, mãos erguidas, iam impetrando dos homens de Deus a absolvição plena das suas culpas. Nas muralhas da cidade centenares de faiscações surgiam; eram as armas dos defensores accorrendo aos postos; e no emtanto os velhos, os que já não podiam menear a espada nem despedir o virote, a passos trémulos, aos grupos, lá se dirigiam para as mesquitas, invocando o nome de Allah, cavado o olhar em terror, as mãos agitando-se em maldições.

D. João I ergueu-se tambem, ardido e vigoroso, como um mancebo; e assim saltou a uma galeota, ferindo-se então em uma perna. Não obstante proseguiu a percorrer as naus animando os combatentes, e a todos recommendava que não *filhassem* terra sem que o Infante D. Henrique desembarcasse. Este appareceu, com todas as suas armas, ao pae; e D. João perguntou-lhe, a rir:

—Em que termos está o teu corregimento?

—N'este que vêdes, senhor!

Ora o Rei bem sabia que nenhum estaria mais prompto do que D. Henrique, e portanto accrescentou: «Pois meu filho, com a benção de Deus e com a minha, quando virdes tempo, já sabeis o que haveis de fazer.» [1]

No emtanto Zala-ben-Zala vendo a numerosa armada que espelhava seus mas-

(1) Azurara—*Chronica de D. João I.* Parte 3.ª, cap. 68.

tros na placa das aguas da sua cidade, sentiu bem ter despedido os auxiliares dos dias anteriores e lastimou-se.

Não faltou porém quem lhe dissesse que os navios portuguezes haviam de ficar nas tercenas mouriscas, e as baixellas para dotes de casamentos e as alfaias das capellas para adornos de mesquitas. Mas o *scheik*, inquieto, olhava as aguas do porto coalhadas de embarcações de guerra e tremia.

Em frente á fragosa Almina, da galé de D. Henrique lançaram a prancha de desembarque; e o momento tornou-se solemnissimo quando Martim Paes, capellão da casa do Infante, tomando nas mãos a Sagrada Hostia, defronte de todos ajoelhados, exhortou-os a bem combater pela fé christã. Beijaram todos a custodia e á uma pronunciaram alta voz a Confissão. Martim Paes absolveu-os, e erguido o Santissimo Sacramento em um altar, na galé, elle e os outros religiosos ficaram ahi resando. Então os escudeiros que haviam recusado obedecer ao Infante quizeram ser os primeiros a desembarcar, para o que se lançaram a um batel, que se alagou n'um momento, com a precipitação. Salvaram-os.

D. Henrique preparou-se então para ser o primeiro a desembarcar, mas olhando a praia notou em frente á porta de Almina a sahirem de um batel, Fernão Fogaça, védor do Conde de Barcellos, e Ruy Gonçalves. O Infante, despeitado, n'um impeto lançou-se a um barco, e com Estevão Soares de Mello e Mem de Refoyos, seu alferes, com a bandeira desfraldada, aproaram á força de remos á praia.

Tocavam trombetas á compita. Já cento e cincoenta homens eram em terra; os mouros, lanças em riste, sahiram a porta a tolher o passo aos assaltantes. Appareceu ahi D. Duarte com Martim Affonso de Mello e Vasco Annes Côrte-Real. Reconheceram-se, na peleja, os dous irmãos Infantes.

— A elles, sus, aos infieis! — clamaram, meneando as espadas.

Das muralhas cahia uma chuva de pedras e os mouros alanceavam os portuguezes, nervosamente. Começaram aquelles em retirada para a porta e D. Duarte disse:

— Entre-se de roldão com elles!

— Eia!

E tudo abalou de encontro aos defensores da cidade. O Côrte-Real pozera o pé no limiar da porta para entrar, mas Vasco de Albergaria, que fôra do Porto, antecipou-se e arremetteu pela cidade a dentro:

— Lá vae o Albergaria! — gritou-se.

E logo Mem de Refoyos com a bandeira do Infante D. Henrique seguio o rasto do outro, destemidamente.

Logo atraz foram os dous Infantes, que se detiveram em um outeiro, onde João Affonso de Alemquer, o que suggerira a empreza de Ceuta, os encontrou, gritando-lhes:

— Festas assaz honradas, senhores, para serdes cavalleiros!

Vasco Fernandes de Atayde e Gonçalo Vasques Coutinho despedaçaram outra porta da cidade. Mais uma ficou patente além da de Almina e por ella, como um ariete, penetrou uma columna destemida de portuguezes. D. Henrique dissera ao Conde de Barcellos que seguisse uma rua e Martim Affonso de Mello outra acompanhado dos cavalleiros, pois Gonçalo Vasques, despeitado, observara que toda a gloria do dia era para a peonagem. Havia calor. Os Infantes despiram os arnezes

e seguiram sómente em cotas de malha, mais leves. D. Duarte, sempre combatendo, chegou ás alturas chamadas *o cesto*. E já ahi se encontrava quando o irmão D. Pedro mandou por Diogo Gonçalves Travassos recado da parte de El-Rey para que elle sahisse da frota. Sabido que D. Duarte já tinha desembarcado, D. João riu-se da pressa do filho, e mandou a Diogo de Seabra, alferes-mór, que içasse bandeira e tangesse ao ataque. Os fidalgos, que acompanhavam o Rei, saltaram impetuosamente á praia, e sabendo a cidade já entrada pelos Infantes murmuravam invejosos da gloria dos que os acompanhavam. Em tropel tambem a peonagem deixou as naus e galés da frota; e correndo pela praia, ao assalto, iam todos vociferando contra a pressa dos soldados de D. Henrique em entrar a cidade, receiosos de que nada já encontrassem de riquezas para o saque.

—Foi tudo para os do Porto!—diziam.

O Infante D. Pedro e o Mestre de Christo entraram na cidade, espalhando-se pelas ruas a combater.

D. João I sentou-se a uma das portas das muralhas, e o Condestavel alli ficou tambem a seu lado.

—Deixar os novos com suas façanhas—observou o Rei.

—Que Deus os proteja—replicou Nun'Alvares.

Ahi veiu o escrivão da puridade Gonçalo Lourenço de Gomide e pediu a D. João que o armasse cavalleiro.

Na cidade o arruido era temeroso; percebia-se em Gibraltar, disseram depois. Diante dos Infantes recuavam todos; estabelecera-se panico; mouros clamavam que não queriam deixar as casas de seus paes; elles arremessavam-se sobre as lanças, inermes, para morrer; elles iam deitar aos poços suas riquezas para que ninguem as disfructasse depois.

D. Henrique com a espada n'um sarilho ia abrindo caminho direito ao castello. Era a sua mania, ser em tudo o primeiro. Andando e combatendo encontrou alguns portuguezes, que fugiam acossados. Carregou então o Infante a viseira, fez pé firme, montante ás mãos ambas rodopiando, esperou os mouros perseguidores, e n'um impeto, seguido dos seus, varreu de infieis toda a rua adiante de si, até ao sitio da Aduana. Novo accommettimento dirigido por elle levou-o até a uma rua estreita proxima do castello. Quando chegou ahi só dezesete o acompanhavam; dos outros, uns tinham-se escapado para o saque ou haviam sido obrigados a retirar-se pela sêde.

Apesar de tão diminuta companhia, D. Henrique, para conseguir o espaço entre duas portas em muralhas parallelas sustentou-se ahi em porfiado combate, durante duas horas e meia. E n'esse renhido passo tanto se empenhou, e tão isolado estava dos outros assaltantes, que chegou a correr voz que elle era morto. D. João intimamente afflicto, mandou procural'o pelo seu thesoureiro Vasco Fernandes de Ataide. Não conseguiu este alcançar o ponto em que D. Henrique se achava, porque, infeliz, ao transpôr uma porta foi morto pela mourama hallucinada. Constando isto, offereceu-se ao Rei para ir em busca do Infante um certo Garcia Moniz, que logrou encontral'o. A' força de rogos conseguiu o mensageiro fazer re-

tirar o aguerrido mancebo, exhortando-o a que attendesse ao appêllo instante de D. Duarte para que fosse ter com elle á mesquita maior. (1)

Ahi os irmãos abraçaram-se congratulando-se mutuamente pelas façanhas praticadas. Chegou recado a D. Henrique para que fosse fallar ao pae, que o esperava em outra mesquita. (2) Dirigiu-se lá a correr; foi recebido com vivissimos louvores e D. João, enthusiasmado, quiz alli, immediatamente, armal'o cavalleiro. E D. Henrique, modesto como era de seu natural, pediu licença para não acceitar tão depressa a ambicionada honra; não queria recebel'a sem os irmãos; devia ella ser adjudicada aos tres pela ordem das respectivas idades. E assim ficou combinado.

Emquanto isto se passava, no castello, Zala-ben-Zalá tendo tudo preparado para a fuga, postas em seguro suas mulheres, montou a cavallo e abalou, deixando o alcaçar ao abandono.

E ao mesmo tempo D. João, considerando o trabalho do dia, vendo D. Henrique carecendo de repouso e de curativo para as muitas feridas que levara nas pernas, de accordo com os melhores dos seus capitães, resolveu deixar o *filhamento* do Castello para o dia seguinte.

E fallando se n'elle houve alguem que para lá dirigiu os olhos. Anoutecia; e um bando de pardaes baixava, chilreando, sobre a esplanada do alcaçar.

—Pardaes pousando no castello! Ninguem lá está então!

—É verdade.—disse D. João, e ordenou:

—Que João Vaz de Almada tome a bandeira de S. Vicente e dou-lhe o *carrego* de ir erguel'a no alto da mais elevada torre do castello.

O Almada foi, e quando chegou á beira do alcaçar, em ar de guerra, ouviu lá do alto de um lanço de muralha dizerem-lhe:

—Escusais mór fadiga, que Zala-ben-Zalá é partido.

Eram dous christãos, um genovez, outro biscainho, que n'um momento desceram a abrir as portas a João Vaz.

Então todos irromperam pelas escadarias e salas do palacio do *scheik* e por toda a parte se espalharam, saqueando. Só um escudeiro do Mestre de Christo teve a originalidade de contentar-se unicamente com um gavião, que apanhou.

D. Duarte, D. Pedro e D. Affonso, Conde de Barcellos, foram logo ao castello; e levados pela curiosidade e pela cubiça innumeros soldados dirigiram-se lá e á viva força queriam lá ficar. Foi preciso empregar toda a authoridade de D. João I para que os intrusos fossem deitados fóra e ficassem sómente, de guarda ao alcaçar, João Vaz de Almada e os seus.

Pela cidade o saque era espantoso. Ceuta era uma grande povoação rica e commercial; tinha suas casas ladrilhadas com seus tectos de boas madeiras; algumas mostravam-se forradas de marmores; nos pateos azulejos variegados reluziam; *surtidores* ou repuchos erguiam-se, em jogo phantasioso, de taças esculpturadas; no castello e casas principaes haviam jarrões e amphoras e talhas artisticas, que a

---

(1) Depois sagrada em Cathedral, com a invocação de Santa Maria.

(2) Depois egreja do mosteiro de S. Jorge.

soldadesca despedaçava, e coxins de camas, fôfos e sedosos, em que os rudes montanhezes da Beira e do Alto Douro afundavam os corpos, rebolando-se, a rir.

Havia uma ancia de encontrar ouro, e para isso tudo se buscava e examinava e revolvia e fazia se em pedaços.

Os fidalgos iam no entretanto acorrentando mouros captivos e lá os traziam para as galés; —*mercadoria* mais propria de ricos-homens, pensavam.

Ao mesmo tempo os que haviam escapado aos golpes dos portuguezes vencedores, em fuga, espalharam-se pelos arrabaldes da cidade, chorando. Em meio dos arvoredos de laranjaes e limoeiros, elles paravam aos grupos, espreitando a cidade querida, a que não podiam voltar. E lastimavam-se uns com os outros; e n'uma melopeia saudosa uns cantares elegiacos, á «*cidade de Ceuta*, *a flor de todas as outras*», elles iam alli entoando, com voz trémula, em angustiosa despedida. Toda a noute assim passaram, e no dia seguinte, da cidade apercebiam-se elles, escalonados pelas montanhas, a olhar desoladamente o destroço dos seus haveres. Alguns, desesperados, deixaram mulheres e velhos e creanças nos montes e desceram, loucamente, armas na mão, pretendendo recuperar a cidade; mas D. Duarte e D. Henrique e o velho Condestavel sahiram a porta de Fez e foram escaramuçar com os temerarios assaltantes.

E a tão longe se adiantara Nun'Alvares que foi preciso o Rei, peremptorimente, fazel'os retirar, e recolher se aos muros. Não valia a pena ter imprudencias.

No dia 23 disse D. João I a Fr. João Xira e a Affonso Eanes que preparassem missa solemne na Mesquita Maior.

Sagrar-se-hia esta em Cathedral; era ella um vasto edificio em arcarias, de lagedo ladrilhado, por onde apodreciam esteiras velhas, umas sobre as outras, nas quaes os mahometanos, sentados, costumavam invocar o nome e a misericordia de Allah.

Foi um dia jubilosissimo, esse. As almas crentes consideravam-se dignas da Clemencia divina ao fazerem soar o nome de Jesus Christo n'aquellas arcarias só ouvindo até ahi as orações fanaticas dos filhos de Mafoma.

Os religiosos ergueram então um altar, benzendo-o, ao som dos cantos do ritual; entoaram depois, calorosamente, effusivamente, o *Te-Deum laudamus*, que fazia derramar lagrimas áquelles guerreiros valentes; tocavam no minarête—de onde até ahi o *al-muezzin* chamava os adeptos do mahometanismo—dous sinos, trazidos pelos mouros, em tempos, de Lagos, e achados a proposito; Fr. João Xira prégou um sermão cujo thema foi: «*Ceuta é perfeita honra e gloria;*» [1] pela primeira vez a Hostia Consagrada elevava-se n'aquelle templo, e ante uma excepcional assistencia reverentissima; e n'uma resonancia enthusiastica duzentas trombetas floreavam uns toques de triumpho e alegria.

Acabado o ceremonial religioso os Infantes foram buscar suas armas; e quando

[1] Azurara—*Chronica de D. João I.* Parte 3.ª, cap. 95.

voltaram receberam das mãos do pae a ambicionada Cavallaria. [1] E João Affonso de Alemquer fitando os filhos do Rei, sorria-se, de satisfeito com a ideia que tivera. Armados cavalleiros os tres Infantes, perante elles ajoelharam-se, recebendo tambem o mesmo grau, muitos dos que n'essa lide esforçadissima haviam colhido gloria ao lado dos preclaros principes de Portugal. Entre outros foram armados o Conde D. Pedro de Menezes, seu irmão D. Fernando, D. João e D. Henrique de Noronha, Nuno Martins da Silveira, Ayres Gomes da Silva, Alvaro Vaz de Almada, D. Fernando de Bragança, Gil Vasques da Cunha e seu irmão Alvaro, Vasco Martins de Albergaria, Alvaro Fernandes Mascarenhas e Diogo Gomes da Silva. E o rei armou outros mais e tantos que até se fatigara, segundo allega o Chronista. [2]

Depois reuniu-se conselho. Quem seria o encarregado da guarda da nova conquista? Alguns allegaram extemporaneamente, a pobreza do reino, dizimado pela fome e pela peste, de exigua população, e votavam pelo abandono da cidade, porque ella não se poderia manter e mesmo talvez o Rei de Castella se melindrasse com a posse dos portuguezes. D, João I, indignado, com modo brusco, retorquiu que viera a Ceuta para a *filhar* e manter, e «*que transformaria todas as mesquitas em egrejas e Deus protegeria a conquista*», accrescentou elle despeitado com a opinião dos mais que prudentes.

Mas quem ficaria de guarda á praça? Quem seria o primeiro fronteiro de Africa? O infante D. Henrique olhou para o glorioso velho, o Condestavel, e apontou-o como o mais digno para conservar a nova parcella da nação. Nun'Alvares sorriu-se com modo especial. Elle era uma sombra do que fôra, velho, exhausto, fatigado,—dizia—e os seus olhos divagavam buscando o céu, novo fito dos seus pensamentos. Comtudo lembrou que escolhessem homem de energia e lealdade para guarda da nova conquista, capitão vigilante, sim, porque ao que o fosse «*nom lhe compria dormir seu sono chêo.*» [3] Elle já não podia ser. D. João I estremeceu deante da recusa do Condestavel. Seria possivel!? O mais esforçado paladino das Hespanhas... Mas, ai, o Rei dava razão ao companheiro dilecto das lides de outro tempo;

(1) O Conde de Barcellos já havia recebido o grau de Cavalleiro, no assalto de Tuy. (*Chronica de D, João I.* Parte 2.ª, cap. 175, de Fernão Lopes.)

(2) A Cavallaria era, na Edade Media, a mais ambicionada honra militar. Não se comprava; sómente se concedia ao verdadeiro e experimentado valor. Era o sonho dourado de todos os *filhos d'algo* «*que quer dizer como filhos de bem, e em alguns lugares lhes chamam gentis; e gentileza e na linhagem, saber, bondade, costumes e manhas.*» (*Ordenações Affonsinas.* Titulo LXIII). Quem se preparava a tomar o grau de Cavalleiro devia ter vigilia; era banhado e vestido por escudeiros; guiavam-no depois á egreja, onde se realisaria a ceremonia, assistindo ahi á missa. Perguntavam-lhe então se queria entrar na Ordem da Cavallaria, e da rèsposta affirmativa seguia-se nova pergunta—se o neophyto manteria a honra da mesma? Em seguida os escudeiros calçavam-lhe as esporas «*que assy como ao cavallo pooem as esporas de deestro e de seestro para fazello correr direito. que assy o deve elle fazer em seus feitos endereçadamente em guisa, que nom torça a nenhua parte.*» (*Ordenações Affonsinas.* Tit. XXI.) O officiando apresentava depois ao novo Cavalleiro a espada nua, dizendo-lhe «*Recebe esta espada, em nome do Padre e do Filho e do Espirito Santo, e serve-te d'ella para tua defeza e da Santa Madre Egreja, para confusão dos inimigos da Cruz de Nosso Senhor Jesus Christo e da Fe Christan, e tanto quanto o permitta a fragilidade humana, a ninguem firas injustamente.*» Experimentava o Cavalleiro a espada, brandindo-a e descarregando-a sobre o braço esquerdo. Jurava então que «*não receiaria a morte por sua Ley, por seu senhor natural e por sua terra.*» Ajoelhado recebia então do officiante, a quem entregava a espada, tres pranchadas com ella no hombro esquerdo, acompanhando as palavras: «*Sê um guerreiro pacifico, valente e fiel.*» Dava-lhe depois o osculo de paz «*Pax tibi*», e o principe ou Cavalleiro, que armava o neophyto, a este cingia a espada, que ao padrinho competia depois descingir.

(3) Azurara—*Chronica do Conde D. Pedro de Menezes.* Cap. 5.º

tambem elle se sentia muito outro do que fôra, a seiva da vida já tambem o abandonava, aos poucos, como a Nun'Alvares. E no intimo os dous heroes choraram saudosos a mocidade extincta.

Lembraram depois alli a Gonçalo Vasques Coutinho. Era tambem um dos *russos*, dos mais *russos* até; estava velho, negou-se egualmente. Apontou-se o nome de Martim Affonso de Mello, esforçado e generoso, companheiro das glorias do Condestavel. Tambem se recusou, pois não queria ficar sem a sua gente que a todo o transe se obstinava a voltar a Portugal. D. João não gostou d'essas recusas. Desculpara o Condestavel e Gonçalo Vasques; não podera comtudo perdoar a Martim Affonso. Então o Infante D. Duarte lembrou e recommendou ao Rei, para fronteiro de Africa, o Conde D. Pedro de Menezes. [1] E este, que tinha na mão um páo de zambujeiro, allegou alli que mesmo só com aquelle bastão defenderia a nova conquista. Louvou D. João a dedicação do Conde e logo lhe concedeu a capitania da praça. E tendo escolhido varios homens para guarnição, entregues a Lopo Vaz de Castello Branco, João Pereira Agostim e Gonçalo Nunes Barreto, D. João I abraçou em despedida o Conde D. Pedro, exhortou os defensores da praça a que fossem leaes e obedientes, prometteu-lhes que iria vêl'os no seguinte Março, e acompanhado dos filhos entrou na armada que toda velejou, rapidamente, rumo ao norte, ao Algarve. Em Tavira desembarcaram.

Os navios estrangeiros que haviam sido fretados para a expedição, recebida a paga, iam demandar os seus portos, e as naus e galés de Lisboa e do Porto, foram mandadas recolher ás respectivas cidades.

D. João I tendo em Tavira distinguido os dous filhos D. Pedro e D. Henrique, aquelle com o Ducado de Coimbra e este com o de Vizeu e conjuntamente o senhorio da Covilhã,—encaminhou-se a Evora.

Ao caminho vieram os povos, em clamores, victoriando-os; coros de creanças entoavam hymnos; erguiam-se arcos de festões de verdura e flôres; ás portas da cidade os moços Infantes D. João e D. Fernando esperavam o pae e os irmãos, e tambem com elles se achava alli o Mestre de Aviz, Fernando Rodrigues de Sequeira, a entregar a D. João I a regencia do reino, de que fôra incumbido.

Nas janellas as cortinas de damasco pendiam, em adorno; hervas aromaticas juncavam como alfombras os lagedos das ruas; damas nobres, com a Infanta D. Isabel á frente, vieram á escadaria dos paços receber os guerreiros que voltavam.

E assim por toda a parte perpassava uma viração de alegria e triumpho.

Consummara-se um grande feito de armas e dera-se o primeiro passo na senda que ia patentear-se ao progresso da humanidade.

(1) Conde de Islo, em Castella. (Colmenar. *Annales de España y Portugal*, pag. 76.)

A tomada de Ceuta para o Christianismo realisava-se a fim de compensar a proxima queda da cidade de Constantino.

O elemento oriental sempre aproximando-se da Europa e como que estendendo, pelo norte de Africa, um braço a vir empolgar a peninsula hispanica, tivera com a tomada de Ceuta a mão decepada pelo pulso. Esta que ficara ainda segurando as terras Granadinas, em breve ficaria mirrada, pois d'ahi em diante não mais lhe chegaria o sangue que a aviventava.

D. Henrique n'esse feito foi um digno guerreiro medieval; conquistou rigorosa e justamente as honras da Cavallaria; combateu, combateu; foi valente, foi leal, foi generoso. Não envergonhou os de Aljubarrota, que o acompanharam na empreza; ao contrario, elles rejubilaram-se bem ao vêrem que os seus exemplos pela geração que se affirmava eram seguidos.

Em Ceuta, pois, D. Henrique, forte, destemido, bravo, cumpriu o seu dever de Cavalleiro, como era o costume da época.

CAPITULO IV

EM SOCCORRO DA NOVA CONQUISTA

D. PEDRO de Menezes ficara como fronteiro de Ceuta. Era um valente, e nenhum haveria mais leal e destemido e tão amigo de aventuras que tocava as raias da imprudencia.

Mal se retirou a armada de D. João, não lhe soffria o animo estar quieto e começou a delinear sortidas. Os mouros tambem a cada passo vinham até proximo da cidade querida, olhando-a a namoral'a. E o Conde, fronteiro audaz, abria as portas da praça e levava de roldão até longe os atrevidos que alli vinham preparar assaltos. Entre estes havia um certo Aabu, *cabeceira* de Morequessi, que era sempre prompto a vir escaramuçar á vista dos muros de Ceuta, armando aqui e alli ciladas aos *almogavares* dos christãos. D. Pedro de Menezes não se deixava cahir e enviava a cada passo alguns dos seus homens mais valentes á sortida. Assim Affonso Bugalho chegou n'uma arrancada até ao lugar de *Cabeça Ruira*, e ao Valle de *Laranjo* e ao de *Bulhões* e a *Barbeche*, até á serra de *Ximeira*, com Alvaro Mendes Cerveira e João Pereira Agostim. N'essas correrias um tal Alvaro Guizado, da casa do Infante D. Henrique, era muito arteiro e expedito na caça do javardo, e conseguira com outros forragear gado pelos *aduares* mouriscos e até alguns captivos trouxe para Ceuta. *Almogavares* e fidalgos iam até ao *Romal*, ao Valle de *Castillejo*, ao *Albegal* e a *Agoa de Ramel*, ao Valle de *Negrão* e depois ás chapadas das serranias da *Gomeira*, em correria. Os mouros tambem não se mostravam timidos e vinham na piugada dos cavalleiros christãos, quando estes se recolhiam.

Até que chegou tempo de colligarem-se os principaes chefes dos *aduares* ao appello do incansavel Aabu, e vieram pôr cêrco á cidade. Prégou-se a *gazwhat*, a guerra santa, e os de *Bancaroz*, de *Alcabella*, de *Megeisse*, de *Beneigem*, *Benamagim*, *Bene-Algorfoe*, *Xoya*, *Luzmara*, *Gibele*, *Fabibe*, *Arzila*, *Tanger*, *Alcacer* e *Mazmuda* accorreram a estender em torno a Ceuta um largo annel de ageis combatentes.

D. Pedro de Menezes mal viu os delineamentos do cêrco mandou pedir soccorro a D. João I. D. Henrique foi logo o primeiro a apresentar-se a el rei para embarcar; mas constou depois que os mouros haviam levantado o cêrco, não se tornando necessario o Infante partir. Apesar de D. Duarte e D. Pedro quererem ir, o Rei só consentia na partida de D. Henrique e na do Conde de Barcellos, se isso fosse requerido. No emtanto, em vista do cêrco estar levantado, o soccorro a Ceuta foi menor. D. João de Noronha embarcou em Lisboa com seiscentos homens, do Porto foram Fernão de Sá e Diogo Soares de Paiva, e partiram do Algarve Carlos Pesagno e Affonso Vasques da Costa.

Atravessaram o Estreito e foram ancorar no porto de Ceuta; os defensores acolheram os auxiliares effusivamente. Demoraram-se alli um mez e nada de mouros. Approximava-se o inverno e a frota começou de esperar o vento sul, para a volta. Mas certa noute, ao longe, pelas cumiadas da serra da *Ximeira* começaram de surgir fogueiras.

—São mouros que se preparam a assaltar-nos— explicaram os da praça.

E os da frota, escarnecendo do aviso que receberam do Conde D. Pedro para que adiassem a partida para o reino, diziam entre si:

—E' mania do fronteiro. As fogueiras são de pastores da serra e elle imagina que são avisos de combater!

E riam. Mas quando o dia chegou, começara a despontar no horisonte, vindo de Gibraltar, uma fileira de navios, aproando todos a Ceuta, e das serranias tambem lá vinham descendo e chegando aos muros da praça todos aquelles mouros dos *aduares*, numerosissimos. Não havia duvida; estava imminente um assalto ou um cêrco.

O destemido D. Pedro de Menezes combinou com D. João de Noronha os meios de defeza e mandou apparelhar um bergantim de Diogo Vasques, em que fossem dous emissarios ao Rei de Portugal, e que elles desembarcassem em Tarifa. D'aqui já o Fronteiro castelhano havia, por mensageiro officioso, participado para Cintra o perigo que Ceuta corria. Pois a frota que sahia de Gibraltar era um auxilio dos granadinos; e isto pôde verificar bem Diogo Vasques quando, ao voltar no bergantim á cidade, acompanhado da fusta de Fernão Gomes, tomaram ambos uma *zarra* mourisca na qual descobriram que o Rei de Granada mandava embaixadores a Fez combinando o auxilio para a reconquista de Ceuta; que Zala-ben-Zalá se declarava vassallo do Granadino; que Muley Zaide, guerreiro de grande valentia e engênho era o que ia de Gibraltar na frota.

O momento era critico. No emtanto em Cintra a noticia do perigo de Ceuta estourou como um trovão; só D. Duarte e os Infantes mais novos estavam nos Paços da Serra; D. Pedro era em Villa Real, o Conde de Barcellos em Bragança e D. Henrique em Vizeu. Tinham partido para esses pontos porque de Castella temiam-se alguns quebrantamentos da paz. Assim que ao Infante D. Henrique

constou o risco em que estava de perder-se o theatro da sua maior façanha guerreira, para cuja conquista tanto havia trabalhado, montou a cavallo e a galope, a galope, sem pousar em cidade, nem villa, nem albergaria, apresentou-se nos Paços da Serra, dentro de vinte e quatro horas. D. João I estava doente; soffria de accidentes epilectiformes depois que havia sido mordido por uma cadella damnada, porisso incumbiu a D. Duarte e a D. Henrique os preparativos da frota. Foi então uma azafama de trabalho nas tercenas de Lisboa; do Porto partiram muitas galeaças de viveres; apparelhou-se uma armada rapidamente; Nun'Alvares já despido de todas as glorias mundanas, já amortalhado na humilde çamarra carmelitana, chorando a morte da filha, a Condessa de Barcellos, que fôra levar ao tumulo a Villa do Conde, sahiu do remanso da sua cella e veio alli no caes do Tejo fazer embarcar os seus antigos homens de armas; e D. Henrique, com a alma enthusiasmada, embarcava tambem na frota levando em sua companhia o Infante D. João, um joven grave e sisudo, que ia tambem a Ceuta fazer o seu aprendizado de guerrear. Em breve, partiram todos. Lá em Ceuta combatia-se. D. Pedro de Menezes resistia com uma tenacidade sem egual. Os defensores da cidade multiplicavam-se em esforços. Já havia desanimo, e porisso mandara-se, á procura do soccorro pedido, um dos mais audazes navegadores do Estreito, Affonso Garcia de Queiroz, que encontrou a frota de Lisboa no cabo de Trafalgar. D. Henrique reuniu logo conselho e deliberou-se que sómente de dia deviam chegar ás aguas de Ceuta, e então o Infante mais uma vez mostrou o seu habito de querer antecipar-se a todos; — prescreveu que nenhuma embarcação chegasse ao porto da cidade primeiro que a d'elle!

De madrugada começou a nossa frota a estender-se em direcção á cidade cercada, vélas a todo o panno, os remos cahindo cadenciados nas vagas, espadanando espumas. Nas muralhas recobrou-se o animo e na Almina era renhido o combater, onde o Conde D. Pedro e D. João de Noronha e Soeiro da Costa se cobriram de gloria militar com Muley-Zaide, o granadino, adversario digno d'elles e que ficou no campo, morto.

No emtanto os navios da frota de Portugal vinham *apontar* em Porto de El-Rey e os Infantes ahi sahiram. Dirigiram-se logo á Almina onde o combate se resolvia com a fuga dos mouros: os granadinos para a frota, os da Africa para Fez, Arzila, Marrocos, para as *alxaimas* das serranias da *Ximeira*.

Chegados os Infantes, D. Pedro de Menezes quiz beijar-lhes as mãos, de joelhos; D. Henrique não lh'o consentiu. Offereceu-lhes as chaves do castello, e D. Henrique não as acceitou. Foram depois á Sé, onde se cantou *Te-Deum*. A pedido do Conde, os Infantes alojaram-se durante tres mezes no castello, pagando elle tudo; foi um hospedeiro generosissimo, gastou seis mil setecentas e cincoenta e seis dobras. Depois como não voltavam os mouros quiz D. Henrique assaltar e *filhar* Gibraltar, na volta a Portugal; ignora-se como D. João I soube do designio temerario do filho, mas o certo é que no Cabo da Gata, quando a frota vinha embora, fez-lhe terminantemente impedir tal tenção. Resignado, D. Henrique endireitou as naus a Portugal; mas um temporal, como os habituaes no Estreito, dispersou-as, como pennas, pelas planuras eriçadas do Oceano, e vieram chegando depois, uma a uma, a Lisboa.

CAPITULO V

AS PRIMEIRAS NAVEGAÇÕES

D. HENRIQUE não teve ensejo de praticar grandes façanhas guerreiras na defeza da praça de Ceuta, nem tão pouco logrou o seu designio de tomar Gibraltar; mas a demora de tres mezes na cidade africana, onde elle derramara o seu primeiro sangue de combatente, foi bem proveitosa a elle, a Portugal e á humanidade.

D. Henrique era intelligente e pensador. Gostava de cultivar o seu espirito com um estudo aturado; tinha uma curiosidade nativa, que o impellia para o saber; inquiria, prescrutava, e ficava-se meditando nos pontos, que não conseguia conhecer, a conjecturar os meios de alcançar esse conhecimento.

Quando voltou pela primeira vez de Ceuta vinha enthusiasmado. Havia de lá tornar, pensava, e d'ahi começaria a tarefa, que esboçava na mente, de subjugar toda a Mauritania. Este paiz, segundo constava, era fertil; e Portugal, dizimado pelas guerras e pela peste e pela fome, amesquinhava-se a mais e mais.

E no cerebro do Infante germinava então *o pensamento economico* de estender o dominio portuguez ao territorio marroquino, e d'este extrahir os elementos de riqueza para a metropole.

Em navegações, penso, que por então ainda não cuidaria.

Marrocos era o seu principal objectivo; a tomada de Ceuta fôra o primeiro passo para lá chegar; a guerra contra os infieis de Africa era santificada como a que tinha por fim o resgate do Santo Sepulchro; porisso o Pontifice não só con-

cedera Bulla da Cruzada para a expugnação da cidade africana, como tambem estendera essa concessão «*a maiores feitos que D. João I meditava na Mauritania*» considerando os guerreiros d'essas emprezas como cruzados da Terra Santa e dando-lhes indulgencias e remissão plenaria. ([1])

Quando D. Henrique se demorou esses tres mezes em Ceuta, na occasião de ir soccorrer a praça, visitou os seus arredores, fallou com os escudeiros que tinham por vezes ido nas sortidas audaciosas até cerca das serranias que ao longe fechavam o horisonte, altissimas, como umas columnatas sustentando a abobada do céu; Alvaro Guizado, que era da sua casa, dar-lhe-hia curiosas e pittorescas informações do que n'essas arremettidas vira e observara; um ou outro captivo mouro, mais instruido, dir-lhe-hia muitas cousas de paizes longinquos por onde os mercadores, em caravanas, perpassavam em busca do ouro, que lá do sul vinha até ao litoral do Mediterraneo, para depois ser passado ás carracas de Veneza e de Genova, entrepostos da Europa. D. Henrique estudou, pois, tudo o que dizia respeito á sua predilecta região. Calmo na apparencia, elle, reservado, escutava attento todas as informações topographicas e ethnographicas que do paiz lhe forneciam.

A 12 dias de jornada de Ceuta ([2]), para o occidente, ficava *Caçr-Maçmouda* (Alcacer) onde haviam tercenas; d'ahi a vinte milhas erguia-se trepando uma montanha a cidade fortissima de *Tandja* (Tanger). ([3]) A partir d'esta o Oceano formava um cotovello, e seguindo o litoral chegava-se ao paiz de *Tochommoch*, á beira do *Safdad*. E d'ahi até *Caçr-Abdi'l-Carim* ([4]) haviam bazares opulentissimos. Na extremidade do Estreito ficava *Arcil* (Arzilla). ([5]) Fallavam-lhe de Marrocos (*Marrâkich*) ([6]), cidade fundada em 470 da Hegira (1077 A. D.), por Iousuf-ibn-Tachifin, com o seu esplendido palacio *Dârólhadjar*, ornamentado de pedras preciosas, com a sua grande mesquita *djâmi*, de Fêz, ([7]), formada por duas cidades separadas pelo rio que descia de *Çânhadja;* do excellente porto de *Marsa-al-Ghait;* de *Dag*, notavel pelas suas minas de cobre esbranquiçado; de *Tadêla*, productora de magnifico algodão. Citavam-lhe *Salá*, á beira do rio *Asmir* ([8]) onde eram as ruinas de *Chala*, a cujo porto os navios de Hespanha *(Ichbânyâ)* iam levar azeite; e viam-se ahi ricos bazares, sendo tantas as pedras preciosas que nem *para ellas havia compradores; Fahdêla*, rica de trigo e cevada, favas e ervilhas, cabras e bois; *Açafi* ([9]) por muito tempo a ultima estação de navios no litoral do *Maghreb.* Referiam lhe que as planuras de *Karras* eram um viveiro de leões e as solidões de *Niçar* abundantissimas de cobras. Diziam-lhe que em *Noul* se fabricavam os melhores escudos, conhecidos pelas designação de *lamtianos*, e lá haviam vaccas e

(1) Bulla de Martinho v, datada de Constança, no dia 2 das nonas de Abril de 1418. (*Annali Ecclesiastici* de Baronius, continuados por Odorico Raynaldo Tarvisino. Tomo 18.º)

(2) *Heptadelphi mons* (Ptolomeu)—*Septem fratres* (Plinio)—*Septensis Arx* (Procopio)—*Septa* (Paulo Diacono).

(3) *Tingis* (Ptolomeu)—*Julia Traducta* (Plinio)—*Thymiaterion* (Hannon)—*Thymiateria* (Scylax)—*Mulelacha* (Polybio).

(4) *Alcacerquibir.*

(5) *Zila* (Ptolomeu)—*Gytte* (Hannon).

(6) *Bocanum hemerum* (Ptolomeu).

(7) *Volobilis* (Ptolomeu).

(8) *Chretes* (Hannon)—*Sala* (Polybio e Ptolomeu)—*Buragrag.*

(9) *Porto Risardir* (Polybio—*Porto Mysocaras* (Ptolomeu).

carneiros e armas; que *Azoggá* era a primeira estação do *Sahara;* que *Sidjilmasa*, cidade grande, com vergeis e palacios e casas numerosas á beira de um rio vindo do Oriente, era o ponto obrigado da passagem das caravanas que iam a *Ghâna* e a *Wangâra*, ao *paiz do ouro*, e á ilha de *Oulil*, notavel pelas suas salinas. Encareciam-lhe a excellencia do assucar e dos estofos de *Dar'a*, no *Sus* occidental *(al-Akça);* as magnificas uvas enormes de *Nafis;* os figos e peras de *Agmât*, cidade dos ricos *Hourâra*. Narravam-lhe os perigos das travessias das caravanas; que perto do mar, ao occidente, erguiam-se as montanhas de *Mânân* e de *Banhawân*, aquella de côr rubra, por causa de pedras que n'ella havia e brilhando ao sol de tal modo que offuscavam; e a segunda branca e esteril, sem nunca a chuva lhe cahir no cume. [1] Para além estendia-se o *mar de trevas*, cujas aguas eram como pêz e cujas correntes eram violentas a tal ponto que arrastariam qualquer navio a abysmos inconcebiveis.

E aqui o terror dava um tom mais segredado ás revelações que os mouros faziam ao Infante. Este ouvia tudo e no intimo, intuitivamente, sorria-se d'esses fructos da imaginação e pensava:

—Se algum barco podesse ir ao longo da costa até ao paiz do ouro, todos esses terrores do mar Tenebroso se dissipariam como fumo. E mais e mais no seu espirito se arreigava a ideia de apossar se de toda a Mauritania, pela terra e pelo mar.

N'este, já depois da tomada de Ceuta, os portuguezes começavam a ensaiar-se para as futuras navegações audaciosissimas. O Conde D. Pedro de Menezes, o ardido fronteiro de Africa, armara primeiramente uma fusta de dez bancos de remeiros,—chamada «*Santiago pé de prata*»—que dera de commando a Affonso Garcia de Queiroz, e este começara, á imitação das arrancadas para o sertão despedidas da praça, a percorrer audazmente o Estreito, como corsario, a deter e a aprisionar quanto *caravo* ou *zarra* dos mouros podesse, para haver captivos ou mercadorias.

Não faltaram outros que em fustas do Fronteiro ou em proprias que armavam, corriam desencontradamente o Estreito, aqui interceptando uma galé de Malaga, alli uma *zarra* de Tanger, ou indo uma vez por outra pilhar qualquer barca com pannos de tissu de ouro, de seda e de linho ou carregada de trigo á propria abra de Gibraltar ou ás aguas de Arzilla.

Tornavam se notaveis n'essas correrias navaes varios da guarnição de Ceuta: Diogo Vasques Porto carreiro, Fernão Barretto, Fernão Gonçalves da Arca, Martim de Castro, João Pereira, João da Veiga, Martim do Pomar, Affonso Mendes, Nuno de Goes, Alvaro Pires, Lourenço Martins Caiado, João Martins, Lourenço Annes de Padua, Pero Ximenes, Pero Palhão, Gonçalo Vasques Ferreira, André Martins, Pedro Vasques, Gonçalo Velho, Alvaro Fernandes Palenço e outros. Era uma armada que todas as embarcações d'esses homens constituiam e que singrava constantemente as aguas do Estreito, a corso; e isto exasperava os mouros. Já ha-

(1) Vide *Description de l'Afrique—Edrisi* (Abu-Abdallah), trad. de Dozy e Gœje.

via verdadeiros combates, aqui e alli. Era um negocio que attrahia; pilotos de Carthagena e Alicante iam tambem enfileirar os seus *luxeres* e *carracones* com as *fustas* de Ceuta; taes foram João Cordovez, João de Cellanova e João Riquelme.

Sahindo do porto de Ceuta, iam pela costa até á serra brava onde em dous montes se erguia *Alcacer-Ceguer*—em um ao levante o *Alcacer velho*, no outro ao poente, o *sermil*—d'ahi a Tanger; tocavam o Cabo Espartel, navegando pelo mar muitas vezes coalhado de atuns; evitavam o Recife de Arzilla, resistindo ao forte noroeste ahi frequente e á resaca do canal. Chegaram um dia até *Larache*, que incendiaram e saquearam; e João Barroso e Pero Ximenes, avançando, foram até a um rio que desagoava ao pé de uma alta barreira de rochedos, reflectindo nas aguas a tonalidade verde de uma densa floresta, situada a leste, e era elle o rio de *Mamora*. Estas correrias, estas navegações costeiras da Mauritania occidental, esboçavam bem o designio que então se patenteou no Infante D. Henrique de proseguir a mais e mais no percurso da costa africana, que, levados pelo espirito de aventuras, os da guarnição de Ceuta haviam iniciado.

E começou esse rapaz sisudo e pensador a esforçar-se em dar uma orientação mais alevantada ás correrias dos aventureiros. Ia muitas vezes ao Algarve; estava ahi mais proximo da sua predilecta cidade africana, prompto a soccorrel'a; e até elle vinham muitos dos que nas fustas singravam o Estreito á caça das *zarras* mouriscas, a fallar-lhe, a ouvir-lhe o conselho. E elle dizia-lhes que tentassem sempre seguir a costa africana, ao sul, sempre ao sul, quanto mais ávante melhor. Era preciso comtudo para desviar os que andavam a corso para a senda das descobertas, subordinal'os a uma intelligencia que os dirigisse, a uma energia que os incitasse, a uma liberalidade que lhes incutisse brios. E tudo isto deliberou um dia pôr em exercicio pelas suas faculdades; em Lagos, terra da Ordem de Christo, era-lhe facil encontrar embarcações para esse fim; os Algarvios eram marinheiros destemidos e já iam tendo a prática das correrias de Ceuta, pelo mar; em Lisboa não lhe faltavam navios e cá do Porto, terra então das melhores *tercenas*, não deixariam elles de ser levados, ao seu appello.

Foi uma inspiração do céo—disseram.

Os mouros iam pelo deserto á ilha de *Oulil*, ao sal, iam ao *paiz do ouro;* diziam elles que para além a terra estendia-se da mesma fórma do que até ahi; porque não se poderia tambem attingir o mesmo ponto por mar? Porque não haviam os navios de passar do cabo de Noun (Nam)?

—Que attingissem esse cabo e o vencessem—começou ordenando o Infante aos cavalleiros e escudeiros da sua casa, que fazia embarcar em Lagos. Assim mandou Gonçalo Velho, que arranjara a sua barcha no Porto, a estudar as correntes do Cabo Nam, o que elle fez. (1) Voltou e disse que encontrara para além um mar tranquillo e abundante de pescado.

Mas em antes outros navegadores tinham seguido a costa, á ventura. Para além da foz do rio de Mamora, aonde haviam chegado Pero Ximenes e João Barroso,

(1) *Relação de Diogo Gomes, de Cintra* (Collecção de Valentim Allemão; publicada pelo Dr. Schemeller).

de Ceuta, singravam elles as aguas durante sete leguas até ao rio de *Çale*, [1] com duas entradas que uma restinga de pedras separava; e ahi surgia-lhes imponente a torre de *Çale*, altaneira e negra, como se fôra atalaya a descortinar os mares; lembravam-se das torres albarrans dos castellos da patria, tinham uma saudade... mas ávante, as *barchas* rangiam nos vigamentos alcatroados ao abrirem as vagas em caminho e lá iam encontrar depois a villa de *Almancora*, com seu castello despovoado um dia pelos leões, segundo era voz; passavam impellidas pela resaca por entre as ilhas de *Fedala*, e d'ahi evitando o extenso barrocal da costa iam deslisar pela bahia de *Anifé*, em cujas aguas uma torre esbelta se espelhava. Logo depois dobravam o cabo do *Camello*, e a perder de vista estendia-se-lhes ao lado esquerdo uma praia de dez leguas de extensão, e ao sol as areias reluziam como ouro, sobre as quaes as gottas de espuma rolavam brancas como perolas.

—Oh! se assim tambem chegassemos ao paiz do ouro!—pensavam os tripulantes.

E seguiam... Depois começavam a perceber para o sudoeste um estourar mais retumbante do mar. Era na furna de *Cicor*, onde as aguas se revolviam em furia; passavam as embarcações a distancia dos baixios, indo depois tactear os bancos do rio de *Azamor*, e logo alli surgia a villa do mesmo nome, em frente á qual os pescadores berberescos faziam larga colheita de saveis. E os terrenos alli mostravam-se viçosos como de região fecunda que era. D'ahi chegavam ao rio de *Mazagão* [2] e lá as terras lourejavam com um trigo excellente; depois deixavam atraz a torre de *Tytr* e seguiam evitando os marulhos das vagas em diversas furnas até ao cabo *Cantin (Solis mons, Ptol.)*, áquem do qual um baixio se alastrava traiçoeiro.

E aquelle estendia-se pelo mar mostrando uma face bem elevada ao norte. Dobrado elle, um cannavial agitava-se com estalidos, á viração do Oceano e a pouco mais de meia legua *Azafi* erguia-se sobranceira ao seu porto, onde os *caravos* mouriscos se apertavam á carga do ouro da terra dos Guineus.

—Ávante ao cabo de Nam!—gritavam os mestres.

—Ávante!

E sempre pela costa, dobravam o cabo de *Sem*, passavam a barroca de *Tafetana*, a angra de *Zabeliquy*, e a oito leguas uma alta chapada indicava-lhes o cabo de *Guer (Usadium promontorium, Ptol.)*.

Tudo ao pé era serrania; e o cabo tinha um pincaro agudissimo; para o interior, como leões em repouso, pelas cristas das montanhas, alguns castellos alcandoravam-se olhando torvamente o mar. Este para deante já era menos percorrido e os espiritos dos nautas, na solidão do descampado liquido, imaginavam ir apercebendo de envolta com o rugir das vagas algum bramido mysterioso de monstro, que ao longe para além do terrivel cabo *Bojador*, já escutasse o ranger das *barchas* a singrarem.

---

(1) *Esmeraldo de Situ Orbis*, por Duarte Pacheco Pereira. Livro I, cap. 15 e seg. (Edição colombina, sob a direcção do snr. Raphael Basto).

(2) *Porto Rutubis* (Polybio)—*Rhusibis* (Ptolomeu).

E passado o cabo de *Guer*, as embarcações iam em perigo de inimigos, porque das praias, a mourama fanatica e terrivel d'aquellas paragens mostrava gestos de raiva e desespero ao avistal'as na amplidão cerulea do mar.

Em compensação o fundo por alli era limpo e o ferro fixava-se bem, ao ancorar. Mas depois eram baixios em barda, e o marulhar das vagas de tal força que toda a faina era mister a bordo para não se dar á costa.

E assim iam até ao rio de *Meça*, onde uma calheta lhes dava então um pouso reparador. Para o sertão d'alli erguiam-se os alterosos *Montes Claros* e de entre elles o *Atlas* era como um gigantesco eixo sobre que girassem as nuvens. Afinal, navegando sempre, divisavam uma longa ponta de areia, em frente á qual surgiam dous ilhêos: era o cabo de *Nam*.

Hesitavam n'esse momento os nautas.

—Adiante!—dizia algum mais animoso.

—O cabo de *Nam!* Voltaremos ou não?!

—Deus o sabe!

E meditavam... Longe, bem longe já haviam ficado suas terras de Portugal, suas familias, que só no pensamento viam; o mundo para elles cifrava-se n'aquelles madeiros em que as ondas os levavam; sem poderem desembarcar porque nas praias haviam inimigos; entrevistando hortas e pomares, prados e searas, que não lhes era possivel percorrer; sempre n'aquella movimentação ondulatoria do navegar, enjoante; as noutes longuissimas amarguradas de vigilias de saudade; e o sol cada vez mais mordente, mais causticante. Pois se elles iam-se approximando da *cinta queimada!*

—Voltemos—aventava algum. E assim faziam.

Mas depois que Gonçalo Velho estudara as correntes do cabo, outros seguiram ávante, mais animados. Mas bem depressa os corações confrangiam se de medo. Olhavam os nautas á esquerda e viam a praia estendendo se uniformemente, deserta, e o mar a despedaçar-se n'ella rugindo como milhares de leões; e léguas e léguas andadas, deparavam alfim com o cabo *Bojador*, baixo, todo coberto de areia avermelhada, prolongando-se n'uma restinga de rochas até cinco léguas mar a fóra, onde as ondas ferviam em cachão, n'uma fumarada de espumas, como gigantescas bombardas a troar. Não podiam mais; paravam os navegantes Paravam não, porque as ancoras resvalavam ao cahir e as *barchas* levadas pela resaca violentissima divagavam como sem leme.

—Retrocedamos!—clamavam todos.

—Não affrontemos as iras de Deus!

E o sol abrasava-os; começava ahi o limite do mundo habitavel não havia duvida, para além era tudo fogo, tudo.

E de noute, envolvidas as embarcações em densa escuridade, prestes a serem arrebatadas pelas correntes, as imaginações pávidas já consideravam encontrar-se no mar Tenebroso, e as ondas espumosas figuravam-se-lhes como esqueletos, lividos, chocando-se de encontro aos navios; e a neblina, que se elevava da restinga, assimilhava-se a uma fila de phantasmas; e se alguma ave maritima passava, traçando um pio, este era para as mentes atterradas como o écho do queixume eterno de Judas, a penar infindamente na ilha encantada.

—Para traz!—clamavam todos em calafrios de pavor.

Era impossivel ir mais além, pensavam elles, voltando.

Quando avistavam terras de Portugal, sentiam, comtudo, chegar-lhes ao rosto o rubor da vergonha. Que lhe diria o Infante? Este acolhia-os serenamente; ouvia, ouvia com interesse todas as informações ácerca da costa africana; e dos terrores que os nautas lhe referiam, expressivamente, nenhum caso fazia, nem lhes ligava attenção.

E diziam elles, á uma, convictos:

—Senhor, não haja duvida, o Cabo é o fim do mundo!

Tinham barbas brancas muitos dos que assim affirmavam e tinham nas frontes as rugas denegridas pelo sol dos mares, mas o Infante, no vigòr da mocidade, sorria-se ao ouvil'os; e depois, calado, o olhar severo, revolvia na mente não sei que intimas e profundas locubrações e mandava, singelamente, serenamente, preparar outra embarcação.

—Para que?

—Para dobrar o Bojador!

—O Infante quer que morramos e que as nossas almas se percam!

—O Infante é *sages* e avisadò—sempre havia alguem que do lado affirmasse, gravemente.

Então preparava-se outra *barcha*, que lá ia seguindo a costa africana para depois voltar tambem, afugentada pelos terrores da alma e pelas correntes do mar no lendario Cabo.

E assim, n'essas tentativas, iam passar-se doze annos.

Outro qualquer desanimaria; o Infante não, e o genio docil dos marinheiros incitava-o a proseguir. Mandava-os, quasi sempre do Algarve, de Lagos, da pequena bahia de Sagres, que elle ia transformando n'uma *Terça Nabal;* não residia, comtudo, ainda n'este ponto, onde mais tarde erigiria a sua *Villa;* pois habitualmente acompanhava D. João I e a côrte, assim como seus irmãos; e n'esse costume quiz D. Duarte que elles ficassem, quando elle tomou conta do governo do Reino, após o fallecimento do pae, pois estabelecera que andassem na Côrte com elle cada um dos Infantes D. Pedro, D. Henrique, D. João e D. Fernando, para o auxiliarem com seus conselhos, revesando-se de tres em tres mezes. Pelo que diz respeito a D. Henrique, escreveu Ruy de Pina (*Chronica de D. Duarte*, cap. XI): «Dos Ifantes que na corte eram ordenados andar ho Ifante Dom Anrrique, por mais despejado, era o mais residente; porque depois de cumprir o seu giro, folgava, por comprazer a seus irmaãos de servir os seus delles.»

Muitos riam-se do Infante; o Conde de Barcellos, grande utilitario e inimigo de expedições maritimas, seria um d'elles; e na côrte não eram poucos os que consideravam loucura essas tentativas de descobrimentos.

Verdade era que a descoberta das ilhas de Porto Santo e da Madeira fòra um desmentido á inanidade que diziam haver nos designios de D. Henrique. A segunda d'essas ilhas, toda eriçada de arvoredo, verde como uma esmeralda, apparecera, na sua côr da esperança, como um bom agouro.

Como haviam surgido aquellas ilhas aos navegadores?

Mandara D. Henrique, em fins de 1418, sahir uma *barcha* com o costumado destino de reconhecer a costa do Maghreb occidental. N'ella iam dous escudeiros da sua casa, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira. Que chegassem ao

Bojador era o que D. Henrique desejava. Foram, mas em frente ao Estreito começou de açoutal'os fortemente o vento da tramontana.

Levada por elle correu a *barcha*, desarvorada; e dias depois foi ter á beira de uma terra, que se apresentou como ilha, e então n'uma enseada, calma de aguas, o navio entrou placidamente.

Porto Santo!—exclamaram os nautas, como em ai de satisfação, ao vêrem-se livres do naufragio.

—Deus louvado! E fique aqui sempre esse nome Porto Santo.

Era uma ilha; do centro elevava-se um monte terminado em pico; tojo e zimbro e urzes alastravam-se pelas encostas; arvoredos ramalhavam ao sabor da viração do mar, e tudo alli se mostrava solitario. Sómente as ondas arfavam sobre as praias e lá dos arvoredos chegava aos ouvidos dos descobridores um gorgeiar de aves.

Voltou a *barcha* a Portugal com a noticia da descoberta.

O Infante commoveu-se de alegria; era o primeiro passo na senda que elle sonhava. Bem diziam que no Atlantico muitas ilhas havia; começavam já de apparecer. E mandou ao Zarco ([1]) e ao Teixeira que voltassem lá e vissem bem se proximo haveriam outras mais. Partiram os dous, de animo confiado; com vento fagueiro a *barcha* «S. Lourenço» singrou o mar até Porto Santo. ([2]) Chegando ahi, olharam a vastidão do oceano e divisaram longe um nevoeiro, que não se desvanecia nem deslisava pela superficie das ondas. Que será? pensavam. Alguma nova ilha? Porventura a das Sete Cidades, da lenda, onde sete bispos esperavam com seus fieis, foragidos da Peninsula Hispanica, que lhes terminasse o encantamento? Resolveram partir a erguer a ponte d'aquella cortina, que ao longe se dependurava da abobada celeste, vindo roçar com a fimbria a alfombra azulina das aguas.

Aproaram para lá a embarcação, e quando se approximavam, dous d'elles, Antonio Gago e Gonçalo Ayres, foram n'um batel, adiante a descobrir. E n'esse instante, uma aragem, vaporosa mão de fada, correu a um lado o branco véo do nevoeiro e appareceu alli aos olhos dos navegantes uma outra ilha maior e mais formosa do que a do Porto Santo. Era uma pyramide de verdura; os cedros abriam os seus braços gigantescos e multiplos, como os de Briarêo, vestidos da

---

(1) D'este Zarco diz-se que foi o primeiro que usou de artilheria no mar. Todavia a *Chronica de Pedro IV de Aragão* aponta o rei referindo o ataque á armada castelhana em que diz «*la nostra nau despera una bombarda*». Tambem cinco galeras de Pero Niño em 1397 foram a Tremecen e dispararam «*truenos é piedras*». (Factos citados por D. Francisco de Salas, *Galeras de los siglos XV y XVI* (Muséo Español de Antiguedades. Vol. 7.º)

(2) É mais provavel que os descobridores de Porto Santo fossem pela segunda vez a essa ilha para vêr se encontravam alguma outra, por determinação espontanea de D. Henrique, e não influenciados pela narração do lendario successo do inglez Roberto Machin ou Machis, feita ao Infante pelo piloto Juan de Morales. Nada de notar é ter ido um hespanhol como piloto da embarcação de Zarco a descoberta da Ilha da Madeira, pois sabido é que muitos estrangeiros eram occupados nos navios portuguezes. O facto de ficar ao lugar do desembarque dos descobridores da ilha a denominação de *Praia do Machico* não é sufficiente prova do successo, como não se póde tambem affirmar que *Machico* é derivado de *Machin* ou *Machis*. Este nome é, realmente inglez, pois na *Collecção Diplomatica* de Rymer apparecem em 1397, no reinado de Duarte III, quatro instrumentos publicos em que se lê o nome de Astelino de Machis, notario regio. Mas se a memoria do inglez ficava assim perpetuada pelos descobridores, porque não havia de ter a mesma sorte a de Anna de Arfet ou Dorset? Póde ser que *Machico* fosse a alcunha de algum marinheiro que ahi desembarcasse, porque outros deram seus nomes a lugares na ilha; ou proviesse de algum *machieiro* ou sovereiro que ahi encontrassem; ou ainda que nas proximidades cultivassem trigo a que desse a molestia conhecida pelo nome de *machico*. Simples conjecturas.

roupagem de suas frondes, como n'uma acolhida aos que vinham; os troncos nodosos e collossaes eram como columnas de um templo brahmanico por onde o musgo e as trepadeiras traçavam caracteres de uma escriptura mysteriosa; o sol filagranava de ouro a beira do esmalte das folhas verdes; e assim todo o aspecto da ilha encontrada tinha uma deslumbrancia attrahente.

E a *barcha* foi até a uma ponta de terra, que se ficou chamando de S. Lourenço, como o navio.

—Oh! quantas arvores! Quanta madeira!—diziam os descobridores.

Ruy Paes saltou em terra; foi o primeiro. Aves saltitavam pelos ramos ou pairavam baixas e de mansas que eram vinham á mão. Eram christãos os que abordavam á ilha, e porisso logo alli de um alto cedro formaram uma cruz; e então dous frades, que tinham ido na *barcha*, proferiram n'essa terra até então deshabitada as primeiras orações da crença.

Foram depois dar uma volta á ilha, analysando-lhe o contorno, e dando ás sinuosidades da costa, pontas e abras, ribeiros e collinas, denominações variadas. Aqui havia em um terreno muito funcho, ficou elle sendo o *Funchal;* alli encantava a vista uma praia suave até onde as arvores projectavam sombras—oh! que *Praia Formosa!—;* mais além um cardume de lobos-marinhos agitava-se debaixo de uma lapa; ficou esta sendo *Camara de Lobos.* E assim, mais e mais, até uma ponta, proximo do ilhêo d'onde havia começado o giro.

—Que girão!—diria algum, fatigado, ao pousar o remo.

E alli ficou o nome de *Ponta do Girão.*

Voltaram ao reino, e o Infante, que para a colonisação das descobertas já tinha seus designios, pediu a D. João I para mandar povoar essas ilhas. (1) Assim Porto Santo foi entregue a Bartholomeu Perestrello, filho de um Perestrelli, *prazentim* (de Placencia), ao passo que a Madeira coube a João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira. A primeira dava, tempos depois, excellente mel, e muitos navios lá começaram a ir em busca do *sangue do Drago (Dracœna Draco, Linn.)* muito bom para a tinturaria.

A Madeira ia ser fecundissima em trigo; a vide teria alli o seus mais bellos cachos, os engenhos de assucar não cessariam de trabalhar. D. Henrique mandara vir da Sicilia e de Napoles a videira e a canna saccharina. (2)

---

(1) *No livro das escripturas da Ordem de Christo,* do dr. Pedralvares. (fol. 7 verso), ha uma carta do Infante D. Henrique, com a data de 18 de setembro de 1460, pela qual concedia á Ordem de Christo o espiritual das ilhas da Madeira, Porto Santo e Deserta, que principiara *a povoar* em 1425; «*ilhas que assim edifiquei e novamente achei*», escrevia elle, o que mostra que considerava essas terras como não visitadas por outrem, pelo menos no seu tempo, pois essa expressão «*novamente achei*» é synonima de «*descobri*». (Vide *Alguns Documentos da Torre do Tombo,* etc.—Edição Colombina.)

(2) Foi a 26 de Setembro de 1433, em Cintra, que D. Duarte fez mercê ao Infante D. Henrique das ilhas da Madeira, Porto Santo e Desertas, com seus direitos e rendas, jurisdição, faculdade de doar ou aforar as mesmas ilhas, etc., excluida a permissão de cunhagem de moeda, bem como a applicação de penas maiores. E na mesma data, tambem a pedido de D. Henrique, outorgou á Ordem de Christo todo o espiritual das mesmas ilhas que o Infante «*novamente povoara*», excluindo o fôro e o dizimo do pescado. *(Chancellaria de D. Duarte,* livro 1.º, fl. 78)—Vide *Alguns Documentos da Torre do Tombo,* etc., publicados por ordem do governo; edição colombina.) Na mesma collecção estão incertas as cartas de doação das capitanias de parte da Madeira a Tristão (8 de Maio de 1440) e de Porto Santo a Bartholomeu Perestrello (1 de Novembro de 1446), por haverem sido primeiros povoadores das mesmas.

Eram já abençoadas a descoberta e a povoação de taes terras.

O soberano nominal das Canarias, Maciot de Bettencourt, desgostoso nas ilhas que possuia segundo foro de Hespanha, apesar de serem as *Afortunadas*, contratou em 1448 com D. Henrique transferir-lhe a posse da ilha de Lanzarote em troca de 20:000 reaes brancos annuaes, seguros, indo viver para a ilha da Madeira, cujo encontro pelos portuguezes lhe constara. D. Henrique acceitou.

Já em antes, por 1424, havia elle preparado uma frota, cujo commando deu a D. Fernando de Castro, governador da sua casa, com dous mil e quinhentos homens, para a conquista das outras ilhas Canarias, além das que Maciot tinha: *Ferro, Lançarote e Fuerterentura* — bem como a de *Gomera*, que elle lograra tomar aos *Gouanches*. Este povo original era o que habitava as outras ilhas do archipelago, a que se destinava a expedição de D. Henrique. (1) Penso que esta seria organisada no Porto. (2) Nada de importante poude de lá conseguir D. Henrique, porque os Canarêos mostravam-se inaccessiveis á civilisação europeia; comtudo d'ahi em diante os que seguiam pela costa africana não deixavam de ir uma vez por outra a uma assaltada ás Canarias, a vêr se traziam captivos; assim fez Gil Eanes quando da primeira vez foi esforçar-se por vencer o Bojador ou Bogador. D. Henrique com o seu genio punico, todo cheio de teimosia, não obstante o mal

(1) A carta de contrato entre D. Henrique e Maciot de Bettencourt foi passada em Evora a 9 de Março de 1448. *Archivo Nacional, Misticos,* vol. 3.º, fl. 242, verso. Vide *Alguns Documentos da Torre do Tombo,* etc., pag. 12.

(2) Em sessão do senado do Porto, de 11 de Janeiro de 1432, apresentou-se uma queixa de João Affonso do Prado e Affonso Gonçalves, almoxarife do Conde de Arrayollos, contra Affonso Annes, *feitor* do Infante D, Henrique, na qual diziam que tendo o tal Annes dado a Vasco Lourenço um rol de pessoas que haviam fornecido arnezes para as *armadas que o Infante fizera sahir da cidade*, para as quaes tambem o mesmo tomara varios generos, esse rol indicava que todas essas pessoas tinham sido pagas pelas *seiscentas mil livras* que D. Henrique mandara ao feitor, com esse fim. Era isso falso—allegavam os queixosos—pois esse rol não concordava com outro de Affonso Annes, Contador do Rei, pelo qual se via que o seu homonymo feitor do Infante tinha pago a alguns os arnezes pelo «*dobro e tresdobro*» do preço e a outros muitos deixara sem paga. Que elles tinham ido procurar o feitor, e este, sendo interrogado ácerca do rol, irritara-se a subido ponto, injuriando-os com palavras deshonestas a elles e tambem á cidade. E logo depois, na mesma sessão, o procurador do Concelho, que n'esse anno era João Gonçalves de Hespanha, queixou-se tambem de que, estando no *Alpendre* da Alfandega, certo dia, a conversar com alguns *homes boos*, ahi apparecera o feitor do Infante D. Henrique, empuchando-o violentamente pelo *manton*, proferindo as maiores injurias contra a cidade, affirmando, *alto e bom som*, que d'esta «desde o mais pequeno ao maior todos mentiam pela garganta e pela barba», chamando-o, afinal — *Ruim azemel!* Allegou mais que alli chegara tambem o genro do tal Annes, por nome João, que o empuchou egualmente pelo *manton*, provocando-o e escarnecendo-o com o nome de *D. Sancho de Hespanha*. Valera-lhe Mem Cerveira, juiz, que o livrara de continuar a ser insultado, *penando* o feitor do Infante em cem corôas de ouro pelas injurias á cidade. Ora, essas armadas mandadas preparar pelo Infante D. Henrique parece-me que seriam as das ilhas Canarias, pois as de Ceuta nunca foram pagas aos do Porto, como se nota pelos constantes requerimentos aos reis D. João, D. Duarte e D. Affonso v. (Vide nota de pag. 64) e pela propria queixa de João Affonso do Prado e do Almoxarife do Conde de Arrayollos se vê que o feitor Affonso Annes tinha satisfeito algumas das dividas, que eram só do Infante. A proposito citarei que nos livros de Vereações do senado portuense ha umas *cartas*, em treslado, e um *alvara*, attribuidos ao Infante D. Henrique. Pelo menos assim o fazem os *indices* respectivos dos livros, que são os da Era de 1450 e os do Anno de 1431. Ora, esses indices são muito posteriores ás actas das sessões; prova-o a differença da letra em que estão escriptos. Essas cartas e esse alvará foram passados com a formula de chancellaria «Nos o Iffante» simplesmente, e não «Eu o Iffante Dom Anrrique», etc., como era costume em todas ás cartas authenticas do Infante, que se conhecem. Demais a assignatura é simplesmente «Iffante» nas cartas, e no alvará falta, e o signal d'ella differe do conhecido de D. Henrique, pois aquella foi traçada a imitação da autographa. Creio que as cartas e o alvará *pertencem a D. Duarte*, que era mais conhecido pelo simples designativo de «*O Infante*»; referem-se ellas a assumptos de governação do reino, e sabido é que D. Duarte auxiliou, desde os preparativos de Ceuta até á morte de D. João I, nos trabalhos de reinar; em alguns lugares dos mesmos livros, referindo-se ao Infante D. Henrique, é este designado «*Ifante Dom Anrrique*»; em 1431, o senado do Porto recebeu uma carta do «*Ifante Noso Senhor*», na qual se pedia que desse hospedagem ou aposentadoria a um cavalleiro do Duque de Borgonha, que vinha á cidade; ora o escrivão do concelho, tresladando esse pedido no livro da *Vereação* d'esse anno, escreveu que se havia recebido uma carta do *Infante* em que recommendava a aposentadoria do tal cavalleiro, mas em antes de referir que era do duque de Borgonha enganou-se, escrevendo «*cavalleiro do Ifante Dom Anrri...*» o que riscou para depois prosegnir. Porisso considero as cartas e o alvará attribuidos ao *Infante D. Henrique* como sendo do *Infante D. Duarte.*

succedido da primeira expedição, mandou participar ao Rei de Castella a sua tenção de tomar as Canarias e fez pedir ao Papa que adjudicasse ao Rei de Portugal a posse das ditas ilhas. Mais tarde, em 1435, no concilio de Basilêa, D. Affonso de Carthagena, bispo de Burgos, allegou que os portuguezes não tinham direito a essa conquista, a qual segundo seus argumentos pertencia aos Reis de Castella, como legitimos successores dos Reis Godos, em tempos de posse da Tingitania, em cujas aguas eram as Canarias. [1] Porisso que o Pontifice não concedesse o que o Infante D. Henrique pedia. Eugenio IV, a 31 de Julho de 1436, pela bulla *Dudum cum* recommendou a D. Duarte que examinasse bem as lettras apostolicas e se guardasse de prejudicar os direitos pelo Rei de Castella allegados.

D. Henrique resolveu abandonar a empreza, depois d'isso.

Que lhe importava? Ia em breve conquistar Tanger, a Mauritania toda, talvez,—pensava elle em devaneios heroicos.

Começara povoando novamente as viçosas ilhas de Porto Santo e Madeira e encontrara tambem as dos Açôres, á flôr d'esse mar ingente que vinha de encontro ás praias de Portugal, sussurrar não sei que mysteriosas revelações de longinquos continentes desconhecidos.

---

(1) Não era a primeira expedição portugueza ás Canarias essa do Infante D. Henrique. Uma outra em tempos de Affonso IV, composta de 2 naus e 1 fusta, commandadas pelos genovezes Angiollino del Tegghia, de Corbizi, e Niccoloso de Reccho (segundo Ciampi, em face da Relação de Boccacio no ms. «*De montibus et diversis nominibus maris*» da Bibliotheca Magliabechina, de Florença) sahiu de Lisboa a 1 de Julho de 1341, chegando a algumas das ilhas Canarias. Voltaram os genovezes e portuguezes trazendo carga de azeite, cebo, algumas cabras e tambem uns quatro homens captivos. É contraprova d'esta expedição e de outras que talvez se lhe seguissem, a carta que D. Affonso IV escreveu a 12 de Fevereiro de 1344, em Montemór-o-Novo, ao Pontifice Clemente VI, quando este concedeu, em Avignon, a Luiz de Hespanha ou de la Cerda, a soberania das ilhas que *mais geralmente* eram conhecidas pela denominação de *Afortunadas*. Luiz de Hespanha, depois conhecido pelo titulo de *Principe da Fortuna,* tomaria posse das ilhas «Canaria, Ningaria, Pluviaria, Capraria, Junonia, Embronia, Athlantia, Hesperidum, Cerne, Gorgonide e Galeta.» Mandara o Papa participar essa concessão a alguns soberanos da Christandade e sendo consultado a esse respeito D. Affonso IV, este protestou na citada carta os seus direitos ás ilhas *Afortunadas*. Escreveu elle: «Nos vero attendentes, quod prædictæ insulæ nobis plus quam alicui principi propinquiores existant, quodque per nos possent commodius subjugari, ad hoc oculos dreximus nostræ mentis et cogitatum nostrum jam ad effectum perducere cupientes, gentes nostras et naves aliquas illuc misimus, ad illius insulas accedentes, tam homines quam animalia et res alias per violentiam et ad nostra regna cum ingenti gaudio apportarunt...» (*Raynaldus*. Tomo 16.º Anno 1344). Accrescentava que fôra desviado d'essa empreza pela guerra com os mouros, de accordo com o genro, rei de Castella; que era portanto indubitavel ter direitos adquiridos ás ditas ilhas, pois ja havia com ellas travado relações commerciaes, mas que sendo sempre uso dos Reis de Portugal acatarem as ordenações do Summo Pontifice e considerando que Luiz de Hespanha era seu proximo parente, declinava n'elle todos os seus direitos. Estas ilhas a que os navios de Affonso IV chegaram não podiam ser as dos *Açores*, como alguns escriptores téem conjecturado, pois estas foram encontradas desertas ou deshabitadas, e na carta ao Pontifice o Rei de Portugal é bem explicito em considerar povoadas aquellas de que tractava. D. Luiz de Hespanha não chegou a tomar posse do seu reino, pois morreu na batalha de Croy. Essas ilhas, algumas já apontadas por Plinio (Ombrion, Junonia, Capraria, Nivaria, Canaria) e Ptolomeu (Aprositos, Heras, Plovitala, Kasperia, Kanaria, Kentouria), mal conhecidas pelos arabes (Al-Khalidat) mesmo depois do século XII, visitadas pelo genovez Lanceloto Maloxello, que segundo a carta catalan de 1375 deu nome a uma d'ellas (Lançarote), e talvez por Tedio Doria e Ugolino Vivaldi, foram depois da concessão de Clemente VI demandadas por aventureiros biscainhos e catalans, até que em 1405 Jean de Bettencourt, normando, obteve de Henrique III de Castella a doação, *segundo o fôro de Hespanha,* d'essas ilhas. Somente poude tomar posse das de Lançarote, Fuerteventura e Ferro, que deixou aos sobrinhos Maciot e Henrique, quando pela segunda vez veiu á Europa buscar meios de melhor sustentar a sua nova possessão. Não voltando lá, Maciot, tendo-lhe morrido o irmão Henrique, antes preferiu viver na ilha da Madeira, para o que se apresentou ao Infante D. Henrique vendendo-lhe o senhorio da Lançarote. Parece, comtudo, que a expedição commercial ás Canarias no reinado de Affonso IV, já no século XV era em Portugal desconhecida, pois quando, em 3 de Fevereiro de 1448, D. Affonso V determinou *que não fossem navios a essas ilhas sem licença do Infante D. Henrique* escreveu que foi este «*ho primeiro que destes regnos nossos alla mandou*» e tambem «nunca aquellas jlhas destes nossos regnos forom navjos nenhuns atees que elle alla mandou». (*Chancellaria de D. Affonso V*, liv. 5, fl. 17 verso.) (*Alguns documentos da Torre do Tombo*, etc., pag. 9.)

CAPITULO VI

O BOJADOR E OS AÇORES

Embora no Oceano encontrasse o Infante essas ilhas risonhas e ferteis e elle lhes concedesse intelligentes attenções, não eram ellas comtudo o seu fito principal. Dobrar o Bojador era a ideia fixa no cerebro d'esse alentado cavalleiro de physionomia contrahida pela meditação, tornado trigueiro pelas viracões do mar, de olhos severos e curtas fallas, mas estas brandas, contrastando assim com o seu aspecto pouco attrahente; só vivendo para essa ideia tenaz de ambição, alheio a todos os encantos da mocidade, curvado ao peso de estudos e trabalhos, d'esses «*grandes trabalhos do principe*» que «*quebrantam as altezas dos montes*». [1] Dizia elle que era levado a esse impulso de iniciar navegações, pelos seguintes motivos: porque elle bem sabia que os mareantes dos navios de commercio nenhuma terra iriam descobrir pois só costumam demandar terras onde encontrem lucro certo, e sendo instigados por elle poderiam ir achar algum longinquo paiz com que mercadejassem; era muito seu desejo conhecer bem o poder dos mouros do Magreb, aos quaes pretendia vencer; tinha um enthusiasmo ardente por dilatar pelo mundo a Fé de Christo, e finalmente como nascera sob a influencia de Saturno era sua *signa* descobrir novas terras.

---

(1) Azurara — *Chronica do descobrimento e conquista da Guiné*, cap. 42.

Ávante, pois! O Bojador, o Bojador, o temivel cabo era preciso vencêl'o. Iam as embarcações, voltavam desanimados os navegantes, e mais e mais no Infante se manifestava o desejo de ir devassar os mares da zona torrida. Lia Plinio, lia Aristoteles, discutia com os doutores do *Estudo Geral* de Lisboa a possibilidade da existencia do *alter orbis* ou terra *antichtona*.

Em 1428 chegou de lendaria viagem o irmão D. Pedro, o das *sete partidas*, a quem elle ao despedir-se, depois do descerco de Ceuta, recommendara que obtivesse noticias, lá por essas terras que ia percorrer, do celebrado e mythico Preste Joham das Indias, o qual nas imaginações sonhadoras dos europeus consubstanciava todos os esplendores d'esse Oriente, que os cruzados entrevistaram e d'onde os mercadores idos a Damasco, a Bagdad, a Trebisonda, a Samarkand, a Antiochia e a Alexandria traziam maravilhosas narrações.

D. Pedro, o cavalheiresco filho de D. João I, enamorado de Ideal, poeta e philosopho, viu longes terras e analysou desconhecidos costumes; foi com doze companheiros—numero tradiccional na Cavallaria andante—a Castella, á Hungria, a Chypre, a Patras, a Constantinopla, á Armenia, depois a Alexandria e d'ahi ao Cairo e do Cairo a Jerusalem, a cidade santa.

A Palestina percorreu-a toda, piedosameate; tinha em mente buscar o Preste Joham, as escarpas fatigantissimas da Armenia demoveram-no do intento, e voltou ao Egypto d'onde foi seguindo a costa do Iemen, até passar á Arabia, chegando ao monte Sinai; d'ahi pelo Mediterraneo, de regresso, veio demorar-se em França, na Dinamarca, na Inglaterra, em Flandres, em Veneza e em Roma. [1] Chegando a Portugal entregou elle a D. Henrique, juntamente com alguns mappas geographicos da época, o famoso manuscripto do livro de Marco Polo. Foi um thesouro para o Infante sonhador de novas regiões.

Leu-o e releu-o. Aquelle assumpto interessava o sobremaneira; eram deveras maravilhosas aquellas regiões opulentas; a Georgia e Jasdi com as suas preciosas sedas; Mosul com as suas telas de ouro; as turquezas de Crerman; as minas de rubis das montanhas de Badakskian e as de lapislazuli das margens do rio Cocsia e as de aço da Hycarnia, Media e Bactriana.

O jaspe de Cotan, as gemmas de Gainder e do Maabar, os diamantes de Mutfili, e saphyras, esmeraldas, topazios, rubis, amethistas e as pérolas, copiosissimas, tiradas do seio dos mares pelos mergulhadores, só de dia, *encantados* préviamente os peixes pelos *Abroramains*, fulguravam diante da imaginação do Infante com um brilho attrahente. Lá nas Indias era a terra dos bosques odoriferos, da pimenta, da baunilha, do cravo, do ouro, de tudo emfim que poderia vir enriquecer o exiguo Portugal, aqui no extremo da Europa, sem poder ampliar seu territorio senão em novos continentes.

---

(1) Vidè: Gomes de Santo Estevão *Auto ou livro do Infante D. Pedro*, bem como o livro do snr. Oliveira Martins *Os filhos de D. João I*, pag. 83 a 136 e nota B.

Se fosse possivel ir pelo Oceano até a essas regiões riquissimas—pensava o Infante—tudo o que o commercio trazia de lá a Aden em grandes naves de quatro mastros, brancas como os bois que pastavam pelas campinas de Comadi (Mernaun), e de Aden a Berenice e depois em camellos pelo deserto até Kous e d'ahi a Kench, ao Cairo e a Alexandria, aonde os navios de Veneza e Genova iam carregar essas mercadorias, podia então vir directamente a Portugal. O Infante lia o livro de Marco Polo e meditava. E n'elle duas passagens haviam que chamavam mais a sua attenção; de certo ponto da ilha de Java, a pequena, não se via a estrella polar; os navios que iam a Madagascar ao ambar não podiam de modo algum affoutar-se á corrente violentissima do mar, para o sul. Se não se via de Java a estrella polar era porque já não estava no hemispherio norte, era terra *antichtona;* mas para attingir por mar essas regiões, indo cá do occidente, como se havia de vencer a corrente que descia como furiosa catadupa para o sul do *Prasum promontorium* (Cabo Delgado)? Taes eram as duvidas do Infante. No emtanto elle ia sempre esforçando-se por incitar os seus a que vencessem o Bojador.

—Passai ao largo afim de evitardes a restinga e dobrai o Cabo.—dissera elle a Gil Eanes, mandando-o seguir á descoberta.

Mas Gil Eanes indo, parecia como os outros desanimado; não poude dobrar o fatal cabo e deu uma corrida, de volta, ás Canarias a vêr se d'ahi trazia alguns captivos.

Mas D. Henrique, desgostoso, mandou-o de novo.

—Ide, ide e não tenhaes receios, que não são proprios de vós; isso é bom para os que vão mercadejar á Bretanha ou á Flandres e que por outras aguas não sabem marear. Com a *agulha* podeis aventurar-vos a todo o Oceano.

Gil Eanes foi e conseguio alfim dobrar o Bojador (1434), indo até duas leguas além. Voltou a dar conta do pasmoso successo ao Infante, referindo-lhe que para lá o mar era como o de cá. D. Henrique ficou radiante de alegria; e logo fez preparar um *barinel* em que o mesmo Gil Eanes, largamente recompensado, fosse novamente ao Cabo, levando em sua companhia Affonso Gonçalves Baldaya, copeiro do Infante e pertencente á familia dos Baldayas, do Porto. Mandou os tomar essa embarcação por ser de velame mais proprio para affastar-se da costa. (1)

Lá foi portanto o barinel, cavalleiro de uma nova cruzada, desfraldadas as vélas brancas em que se destacavam as cruzes vermelhas, como em um habito monastico da Ordem de Christo, lá foi jogueteado pelas ondas do Atlantico até passar novamente o Bojador, que já não ficava sendo o limite das navegações oceanicas. Avante, pois.

---

(1) Os navios de véla usados então em Portugal eram: *naus*, de duas cobertas, apparelho redondo nos mastros grande e do traquête, mezena triangular; *barcha,* de alto bordo, um só mastro com véla redonda (?) (talvez modelada pelas embarcações da Gran Bretanha que se mostram com um só mastro nos séllos das cidades de Sandwich e Pool, no século XIII) *barinel*, de dous mastros, armando com vélas redondas (?); *carraca*, nau de grande lotação; *urca* (originariamente flamenga); *taforêa*, para transporte de cavallos; *caravellas*, de dous ou tres mastros com velame latino (no século XV), modificada depois a véla do traquête para redonda (no século XVI e já depois de meiados do XV). As embarcações movidas tambem a remos eram principalmente: *gales,* triremes e biremes, com véla quadrangular no traquête e latinas no mastro grande e no de mezena, *fustas*, ou *galeotas* ou *bergantins*, galés mais pequenas. (Vide: *Estudos sobre os navios portuguezes dos seculos XV e XVI,* do snr. Henrique Lopes de Mendonça.)

E Gil Eanes e o Baldaya foram seguindo a costa, cautellosamente,—não dessem em secco—até trinta leguas além e chegaram a uma angra em cujas aguas uma infinidade de ruivos se via, brilhantes como coraes.

E porisso ahi ficou o nome de *Angra dos ruivos.*

Voltaram ao reino. Era em 1435, e logo que o Infante, jubiloso, os recebeu, mandou-os novamente, passar ainda mais além da angra. Dominava-o já a febre das descobertas, alentada pelo pasmoso successso da passagem do Bojador.

Seguiram em uma *caravella* a mesma rota e da angra até á distancia de trinta leguas mostrava-se a costa alta, erma, com extensas chapadas, sem arvores nem herva,—desolação que infundia uma tristeza infinda nos audazes portuguezes.

A doze leguas da *Angra dos ruivos* deram fundo em uma outra, tambem abundante de peixes, aos milhões n'aquellas aguas, que a caravella revolvia como primeiro arado d'aquella liquida gleba.

Ahi resolveram ir a terra; estava tudo ermo, sem a sombra de uma arvore, sem mais leve signal de vida; mas o Infante, curioso e previdente, quizera que elles levassem na embarcação alguns cavallos em que fizessem salto para o sertão a vêr se encontravam por lá algum habitante.

Offereceram-se para essa atrevida arrancada dous rapazes, de dezoito annos, Diogo Lopes de Almeida e Heitor Homem, que armados montaram a cavallo e foram, alegres, á exploração.

Encontraram esses dous primeiros sertanejos africanos alguns berberes com quem pelejaram ardidamente; e voltando elles ao navio, Affonso Baldaya tomou a decisão de seguir mais ávante; mas escasseiando-lhe os mantimentos, temeu-se do ermo do lugar e resolveu bolinar as vélas e volver a Portugal.

Comtudo, em antes, descendo a um ilhêo, cercado de milhares de lobos-marinhos, deparou ahi com umas rêdes de palma, certamente de alguns pescadores que ahi costumassem vir, e então o Baldaya tomou essas esteiras, trazendo-as a D. Henrique.

Este pensaria, ao vêl'as, que ia sahindo certa a sua opinião de que o mundo para além dos conhecidos limites meridionaes era identico ao do hemispherio boreal, e rejubilava-se com o successo das suas expedições.

Muitos, comtudo, proseguiam murmurando... Para que serviam essas viagens á descoberta?—pensavam e diziam os utilitarios. Era vêr-se: os navios partiam providos de tudo o que necessitavam para longa e demorada viagem, e os homens levavam suas armas de combate; pois bem, iam arriscar-se a perder suas vidas em climas ardentes e em mares mysteriosos, e que traziam elles á volta? Nada! Gil Eanes trouxera ao Infante, como indicio da sua passagem pelo Bojador, um ramo de *rosas de Santa Maria* e o Baldaya, como tropheu, viera com uns farrapos de esteiras. Riam-se de escarneo, e consideravam D. Henrique um visionario. Quando Baldaya voltou em 1436 houve uma interrupção na serie dos descobrimentos.

A malfadada questão dos preparativos da tomada de Tanger foi a causa d'isso.

Ao mesmo tempo que as embarcações do Infante tentavam e afinal conseguiram vencer o passo do Bojador, as navegações para o occidente, incitadas pelo encontro das ilhas de Porto Santo e da Madeira, não esqueceram ao espirito previdente de D. Henrique.

Em 1431 mandou elle Gonçalo Velho Cabral, o mesmo que por sua ordem já

havia ido estudar as correntes do Cabo Nam, que velejasse no Oceano em direcção ao Oeste a vêr se encontrava outras terras.

O Oceano considerava-se povoado de ilhas; consideravam isso as lendas da Edade-Media, e os cartographos, influenciados por ellas, em suas cartas desenhavam á ventura a configuração d'essas ilhas tradicionaes. Ora este facto para quem se applicava aos estudos geographicos, era um incentivo a tenazes pesquizas d'essas terras sonhadas e não attingidas.

Porisso D. Henrique, que já «*novamente achara*» as ilhas do grupo Madeira, sentia-se bem esperançado de que no occidente ainda outras mais «*novamente acharia*». Gonçalo Velho era homem prático das cousas do mar; não só fôra ao cabo Nam por incumbencia do Infante como tambem figurara entre os das correrias de Ceuta pelo Estreito, para o que viera armar no Porto uma *barcha* sua.

Portanto, elle fez velejar o navio na direcção indicada pelo Infante. E a sua pequena embarcação voou, voou mar a fóra, como se fosse uma aguia branca que pretendesse acompanhar o sol no seu decahimento. Dias depois surgia-lhe á prôa uma grande quantidade de cachopos, como cabeças negras por onde as vagas faziam soltar madeixas de espuma; o navio passou por entre os primeiros; eram elles em subido numero,—pareciam um formigueiro; Gonçalo Velho temeu-se de perder-se n'aquelles cachopos e volveu a participar a D. Henrique que tinha encontrado na planicie do mar aquellas «*formigas*».

—Indicio de mais terras—observou judiciosamente o Infante—Ide lá de novo, Gonçalo Velho, e digo-vos que as encontrareis.

Voltou a caravella ao mar alto e passando as *Formigas* foi encontrar uma ilha na direcção leste-oeste. Gonçalo Velho deu-lhe o nome de Santa Maria, porque a ella abordou no dia 15 de Agosto.

Era mais uma outra pedra preciosa do annel que em um futuro não longe iria alliançar o velho mundo ao novo. E o nome de Maria, a Estrella do mar, engastava-se n'ella como legenda de esperança. Desembarcaram os portuguezes. A terra era abundante de aguas; de noroeste a sudoeste corria uma enfiada de outeiros (de basalto pyroxenico); o arvoredo era viçosissimo como na Madeira; para a banda occidental o solo era barrento; e sobre uma longa furna a urzella estendia ao sol uma alfombra côr de anil.

D'esta ilha passaram a outra mais ao norte, montanhosa e muito vulcanica (como todas as do archipelago), onde se erguiam loureiros gigantescos e haviam camadas movediças de lava e aguas em ebulição constante. Mais tarde denominou-se ella de *S. Miguel*, em honra do patrono do Infante D. Pedro; ficando tambem de capitania a Gonçalo Velho, como a primeira. Uma terceira ilha foi encontrada, que se honrou com o nome de *Jesus Christo*, e depois ficou sendo conhecida pela *Terceira*. (1) Depois aportaram a outra ilha toda recoberta de tojo e urzella; ficou-

---

(1) Segundo o geologo Hartung, nos Açores, especialmente na costa da ilha Terceira, ha blocos errantes, proprios do periodo glaciario; o que prova que n'esse periodo já o archipelago teria o seu actual relevo orographico, não sendo portanto as ilhas produzidas por erupções submarinas. Carlos Darwin considerou as plantas europeas que ha nos Açores como produzidas pelas sementes conduzidas pelos gelos fluctuantes no periodo citado. (Vide: *Archivo dos Açores*, vol. 1.º)

O primeiro *povoador* da ilha de Jesus Christo (Terceira) foi Jacome de Bruges, flamengo como o seu appellido indica. Ha

lhe o nome de *S. Jorge;* em seguida surgiu mais outra que se apresentou toda toucada da plumagem viçosa das faias e porisso ficou sendo a do *Fayal;* mais adiante ainda uma de terreno argiloso (schisto) com grandes rochas (basalticas), teve o nome de *Graciosa*, e afinal a do *Pico*, com seu vulcão altissimo.

Sete, só, as descobertas por então. Eram verdadeiramente os sete sellos, que o genio portuguez fôra abrir, do grande livro mysterioso em que se revelaria á Europa um mundo novo, que o sol quando parecia morrer no Oceano, ia envolver na sua luz vivificante e bella.

Foram estas ilhas encontradas por Gonçalo Velho em menos tempo do que se considerava até ha poucos annos, pois a seguinte Carta de D. Affonso v prova que essas sete ilhas eram conhecidas dos portuguezes em 1439: «Dom Afomso, etc. A quantos esta carta virem fazemos saber que o Ifante Dom Anrrique meu tio nos envyou a dizer, que el mandara lançar ovelhas nas ssete ylhas dos Açores, e que se nos aprouguese que as mandaria pobrar. E porque a nos dello praz, lhe damos lugar e licença que as mande pobrar. E porem, mandamos aos nosos veedores da fazenda, corregedores, juizes e justiças e a outros quaesquer que esto ouverem de vêer que lhas leixem mandar pobrar e lhe nom ponham sobre ello embargo; unde al nom façades. Dante em a cidade de Lixboa dous dias de Julho. El Rey o mandou com autoridade da Senhora Rainha sua madre, como sua tetor e curador que he, com acordo do Ifante Dom Pedro seu tio, defenssor por el dos ditos regnos e

treslado de uma carta de doação da mencionada ilha ao dito flamengo, passada pelo Infante D. Henrique, com data de 12 de Março de 1450 (publicada no tomo 1.º do *Archivo dos Açores*), carta que é considerada falsa, pois contraría manifestamente as disposições da *lei mental*, embora não fosse carta de doação regia. E possivel que tal carta fosse forjada para as pretensões de Duarte Paim — fidalgo da casa de D. Affonso v, Commendador de Santiago e neto de Thomaz Paim, inglez, que viera ao serviço de D. Filippa de Lancaster — a capitania da Terceira por ser casado com Antonia Rodrigues de Arce, filha de Jacome de Burges. A *Pedatura lusitana*, de Christovão Alão de Moraes (mss. da Bibliotheca do Porto), refere que esse Duarte Paim era «capitão da ilha 3.ª por morte do sogro Jacome de Burges, capitão della em virtude de uma doação q tinha do Infante D. Henrique; e não tendo a Infanta D. Brites noticia desta doação a fez novamente a João Vaz Corte-Real, da parte da cidade de Angra, da banda do sul e da banda do norte q hé a da Praya a Alvaro Mrz Home». (Vol. 2.º, pag. 297). D. Brites sabia bem que Jacome de Bruges tinha a Ilha Terceira de parceria com Alvaro Martins Homem; pois tendo Jacome desapparecido da Ilha, da capitania da *Praya*, na sua carta de 17 de Fevereiro de 1474 a infanta-viuva de D. Fernando, duque de Vizeu, indicava esse successo e porisso nomeava João Vaz Corte-Real. Jacome de Bruges tivera um filho Gabriel de Bruges, que morreu sem successão. A filha era mulher de Duarte Paim, e um outro filho Pero Gonçalves, natural de Orense, apresentou-se tambem a disputar a capitania do pae, perdendo a questão. Este ultimo allegava que o pae Jacome de Burges fôra casado com Ignez Gonçalves, em Orense, e depois durante vinte annos no Porto. Aproposito da ida de Jacome de Bruges para os Açores o fallecido João Teixeira Soares em carta dirigida ao snr. Ernesto do Canto (publicado um extracto no vol. 4.º do *Archivo dos Açores*) considerava como boas algumas pesquizas ácerca do flamengo, nos livros do Cartorio da Camara Municipal do Porto. Buscando eu n'esses livros alguma referencia a Jacome de Bruges, nenhuma encontrei. Apenas li por duas vezes o nome de João de Burgos, que não posso saber se acaso seria Jacome de Burges, e o copista assim o apresentasse. Uma vez *apontado em uma sessão do anno de 1431 como assistindo a ella;* e outra ao citar-se *uma carta testemunhavel*, no mesmo anno, entre «*J^om de Burgos*» e Alvaro Eanes de Cernache. E' tradição que em companhia de Jacome de Bruges foi para a ilha Terceira, Affonso Gonçalves Baldaya, que em 1432 fôra nomeado Almoxarife no Porto, nomeação confirmada em 1439. Tambem João Teixeira Soares queria saber dos livros do Cartorio do Porto alguma indicação *de quando o Baldaya deixara aqui o cargo:* realisando-se então algumas pesquizas com esse fim. N'este ponto consegui saber que na sessão de 13 de outubro de 1442 esteve presente Affonso Gonçalves Baldaya, e que *em 1451 ja não era Almoxarife, pois que servia esse cargo um Gabriel Gonçalves.* Por isso é possivel que a data de 1450 fosse a da partida de Bruges e Baldaya para a ilha de Jesus Christo e que elles fossem primeiros povoadores d'ella. Jacome de Bruges seria somente povoador durante algum tempo sem ter capitania, como aconteceu com Bartolomeu Perestrello em Porto Santo. Considera-se tambem como não sendo provavel que Jacome de Bruges fosse para a Ilha Terceira ou antes de *Jesus Christo* o facto d'esta ser, juntamente com a *Graciosa*, doada por D. Henrique em 22 de Agosto de 1460 ao Infante D. Fernando, para a povoar. É possivel, comtudo, que já Bruges e Baldaya lá estivessem com esse fim, mas D. Henrique, doando essas ilhas ao Infante D. Fernando e apontando que as povoasse, pelo que toca à Terceira não deixa de ser crivel que essa disposição se entendesse como sendo dar maior desenvolvimento á povoação já fracamente iniciada.

senhorio. Paay Rodriguez a fes screpver e ssoscrepveo per sua maão. Anno do naçimento de nosso Senhor Jesu Christo de mil e iiij^c^XXXIX» (1439).

Um ponto controverso é a prioridade da descoberta do Archipelago Açoriano. O facto de apparecerem algumas ilhas desenhadas nos mappas anteriores á descoberta portugueza, pouco mais ou menos na altura das dos Açores, tem suggerido a persuasão de que essas terras já eram conhecidas antes do encontro d'ellas por Gonçalo Velho. [1]

Assim o mappa catalão de Angelino Dulcieri (1339) indica n'esse lugar as ilhas de *S. Brandam, Primaria sive puellarum, Capraria, Canaria;* o Atlas Medicêo (1351) de Florença, apresenta seis ilhas *Corrimarini, Le Conigi, Zan Zorzi, Colombi, Brasil, Sante;* a carta catalan do mss. de 1375, seis: *Corrimarini, li Conigi, Sanzorso, Insola de la ventura, li colombi, brazil;* o Portulano Pinelli (1384-1434) tambem seis: *Corrimarini, li combi, San Zorzi, de la ventura, bracil, Capraria, liono,* e uma outra mais, sem nome; o Portulano catalão de Viladestes (1413): *Insole de Brazil, Capraria, lovo.* Incontestavelmente apparecem essas indicações nos mappas, e pode-se imaginar que fossem addições posteriores á descoberta dos portuguezes; comtudo é crivel que não o fossem, sem com isso da nossa gloria desmerecermos. Os nomes d'essas ilhas nos mappas estrangeiros são differentes dos que a ellas foram dados pelos portuguezes, exceptuado em alguns d'elles o de *S. Jorge;* e caso notavel é que esses nomes, com mais ou menos variantes, ainda continuassem apparecendo em mappas posteriores á descoberta e colonisação açorianas como o de Valsequa (1439), Benincasa (1471), Frederico de Ancona (1497), e esses nomes afinal se obliterassem e ficassem prevalecendo os que os portuguezes impozeram a taes ilhas. E a proposito pode-se dizer que a denominação portugueza d'estas levou tempo a fixar. Em uma carta de D. Affonso v, de perdão a João Escudeiro, da casa do Infante D. Henrique, passada a 9 de Abril de 1455, indicou se que se mandara o delinquente para as «*ylhas*»; em outra do mesmo rei, tambem de perdão a Catharina Fernandes, passada no mesmo anno, allegou se que ella estava nas *ilhas de S. Miguel,* e em outra ainda egualmente de perdão a João de Lisboa, declarou-se que este estava nas *ilhas de que Gonçalo Velho tem o cargo.* [2]

Tambem se lhes dava a denominação de Açores em vista da grande quantidade d'essas aves que esvoaçavam por lá.

E revelarão aquelles nomes conhecimento das respectivas ilhas?

Penso que não. A ilha de *Bracil* que nos mappas apparecia no grupo dos Açores, ainda na collecção de Ortelins em 1590, foi apontada em uma carta da Europa, em frente á costa occidental da Irlanda, com o nome de *Bracir.* As de *Capraria* e *Lono, conhecidas já as nove ilhas do archipelago,* ainda eram dadas

(1) A Carta do Mallorquino Valsequa (1439), apresenta as ilhas das Açores, com a indicação de que foram *achadas* por Diogo de Senill, piloto do Rei de Portugal em 1432. Esse Diogo de Senill (de Xenil?) seria algum hespanhol que fosse como piloto da caravella de Gonçalo Velho, e que desse pessoalmente a Valsequa a participação do successo. Comtudo os nomes das ilhas são differentes dos que foram dados pelos portuguezes: Ilha de *Sperta, Guatrilla, Inferno,* de *Frydollo, Osels,* Insola de ..., *Corp Marinos* e *Conigi.*

(2) Vidè: *Archivo dos Açores,* vol. 3.º

por D. Affonso v a João Vogado, em 19 de Fevereiro de 1462, [1] porque *se diziam apparecidas e marcava-as a carta de marear.*

Não eram, portanto, nenhumas dos Açores, pelo menos não as consideravam em Portugal assim, e... João Vogado ficou sem ellas. Pode bem ser que fossem entrevistas por alguns navegadores do Atlantico essas ilhas dos Açores, e que algumas noticias de sua existencia fornecessem aos cosmographos do tempo, desenhando-as estes á ventura nas suas cartas.

Mas desenhar ilhas no Atlantico qualquer teria essa ideia, pois o oceano considerava-se como povoado d'ellas; todos queriam encontral'as; as legendarias ficaram durante muito tempo ainda depois do conhecimento relativamente adiantado do globo a ser collocadas nos mares, a incitar quem as fosse descobrir. A de S. Brandam, a das Sete Cidades e a de S. Francisco, ainda appareciam no mappa da America, na collecção de Ortelius!

Para uns os Açores eram as *Cassiterides* dos antigos, para Duarte Pereira, as velhas *Gorgones*, como escreveu no « *Esmeraldo de Situ Orbis* ».

Em vista da confusão da cartographia da Idade-Media, pode-se considerar o descobrimento portuguez dos Açores, de que proveio o conhecimento exacto do archipelago e resultou a sua colonisação, como o que tem a superioridade sobre outros quaesquer que porventura obscura e improficuamente d'elles se fizesse.

---

(1) Vidè: *Alguns documentos da Torre do Tombo*, etc., pag. 28.

CAPITULO VII

A EXPEDIÇÃO DE TANGER

Emquanto o Infante D. Henrique espraiava o seu olhar para as bandas do Oceano como que pretendendo vêr no horisonte longinquo reflectidas pela abobada do céo como na placa de um espelho, essas regiões que o seu espirito sonhava, ou aguardando, dia a dia, os navios de exploração se voltavam, agitando suas brancas vélas, como pombas a vir de longe, mensageiras de boas novas, o pae sentia-se velho, exhausto, cansado.

Via-se quasi só D. João I; não porque os filhos o abandonassem; em um dos capitulos anteriores mostrou se quanto affecto elles lhe tributavam; mas os *russos*, os dos bons tempos de Valverde e de Aljubarrota tinham ido desapparecendo a pouco e pouco; Nun'Alvares, o santo condestavel, envolto na sua çamarra humilde,—a armadura que envergara para conquistar o céu—resignado e triste, no remanso religioso da sua cella de carmelita morrera em 1431. [1] Quando o Rei

---

(1) Nun'Alvares recebera de D. João I como recompensa dos seus extraordinarios serviços: os bens de David Negro, o Condado de Barcellos, Villa Viçosa, Borba, Extremoz, Evora-Monte, Portel, Montemor-o-novo, Almada, Sacavem, Friellas, Unhcs, Camarate, Collares, o serviço dos judeos de Lisboa, o Condado de Ourem, as terras do Conde Andeiro, Porto de Moz, Rabaçal, Alvayazere, Bouças, Penna, Basto, Arco de Baulhe, Barroso, direitos de Guimarães, de Ponte do Lima, de Valença, de Villa Real, de Chaves, de Bragança, de Athouguia, de Santarem e seus termos, a villa de Chaves, o Castello de Montalegre, terras de Paiva, Tendães e Lousada. De todas estas riquezas se apartara gostoso o Condestavel, trocando-as pelo socego do seu claustro do Carmo, em Lisboa. O genro D. Affonso, Conde de Barcellos, bastardo de D. João I, tinha recebido d'este, as terras de Ovelha, de Neiva, Aguiar, Darque, Perelhal, Faria, Vermoim, Vianna e Rates. (*Livro de registo dos Reis de Portugal*). Mss. 797/363 da Bibliotheca Publica Municipal Portuense). (Vide: *A Vida de Nun'Alvares*, do snr, Oliveira Martins.)

soube tal acontecimento, disse de si para si «só falto eu». E preparou se para bem morrer. Os negocios do Estado corriam pelas mãos de D. Duarte; e o Rei, quasi indifferente a tudo esperava sombriamente o seu fim. Uma lesão cardiaca, cansaço da sua existencia rude de fadigas, convulsionava-o, de tempos a tempos.

Sollícitos, os filhos levavam o ao campo, ao bom ar.

Era um Alcochete quando lhe deu um rebate mais forte de morrer; allegou não ser proprio de um rei finar se n'uma aldeia e quiz que o levassem para Lisboa. Assim fizeram.

Na capital do reino, reuniu um dia o resto das suas forças, quasi extinctas, e quiz ir despedir-se das imagens dos santos seus protectores. Arrastou-se até ao altar de S. Vicente e ahi, de joelhos, ouviu a derradeira missa; subiu, balbuciante de supplicas de misericordia á capella de Nossa Senhora da Escada, a implorar-lhe a sua protecção na morte como sempre lh'a havia dispensado em vida. Recolheram-no ao leito nos paços da Alcaçova e ahi se finou a 14 de agosto de 1433, o mesmo dia do mez de Aljubarrota e da partida para Ceuta.

Em antes transviara-se-lhe a razão; importara se com uma insignificancia—fazer a barba para ter melhor aspecto ao morrer; estava em delirio já e teimava n'isso; e afinal nem poude Fr. Gil Lobo, o confessor, fazer-lhe comprehender as ultimas palavras de religião, que lhe dirigiu. E assim se resolvia todo o animo energico do fundador da segunda dynastia portugueza. Triste!

Em torno do leito, os filhos Duarte, Henrique, João e Fernando beijaram-lhe a mão que a morte gelara. Dos outros filhos, D. Pedro avisado do perigo em Coimbra, apesar de acudir á pressa, não podera chegar a tempo de vir receber a ultima benção paterna, e da mesma forma o Conde de Barcellos, ainda mais distante, nos seus grandes bens territoriaes de Traz os Montes. D. Isabel casada com Filippe o Bom, duque de Borgonha, estava em Bruges; (1) D. Beatriz, com o marido Conde de Arundel, lá no seu condado, na Gran-Bretanha.

Aos ultimos momentos do pae, D. Henrique assistiria com a sua gravidade correcta, severo, solemne, sem commoções porém; D. João resignada e philosophicamente acceitaria aquella fatal lei que tirava do mundo um bom exemplo; D. Fernando pranteal-o-hia, sincero e meigo; e D. Duarte, esse cahira sobre um escabello, mãos apertando a cabeça que se lhe esvaia em vertigem, o olhar com uma expressão de louco, soluçante, a chorar, a chorar, como uma creança. E era elle o novo rei. Fr. Gil Lobo approximou-se d'elle e disse-lhe animando-o:

—Acordai, Senhor, para o officio de reinar!

E D. Duarte estremeceu. Sim, para elle alvorecera o dia do seu reinado, mas esse alvorecer parecia-lhe tão sombrio ou mais do que os ultimos lampejos de vida

(1) D. Isabel casara com Filippe, o Bom, duque de Borgonha, Brabante, Limburgo, Lutzemburgo, Palatino, conde de Flandres, Hollanda, Zelandia, Hainant, Artois, Namur, Charolais, Marquez do Sacro Imperio e senhor de Malines. As escripturas lavraram-se no castello de Lisboa a 24 de Julho de 1428, sendo então recebida, em nome do Duque, por João, senhor de Roubais e de Herselles. Sahiu de Lisboa, por mar, em companhia do Irmão Infante D. Fernando. (A esta ida se allude em uma carta de D. Duarte pedindo aos do Porto dinheiro para se pagar inteiramente o dote da Infanta, tresladada no livro de Vereações do Concelho do Porto, anno de 1431). Chegaram a Ecluse a 25 de Dezembro de 1428. As bodas realisaram-se em Bruges a 10 de Janeiro de 1429. Foi uma princeza que em terra estranha jámais se esqueceu de Portugal. Veio a fallecer em 17 de Dezembro de 1471, em Ayre, sendo sepultada no mosteiro das Donas de Bethune e depois em Dijon.

do pae que n'aquelle momento se haviam extinguido. Reinar, para elle, seria soffrer, tinha d'isso a certeza. E o mestre Guedelha, physico-astrologo, apontando Jupiter retrogrado, o sol *cris*, signaes desfavoraveis na conjuncção de astros, viera implorar, n'uma ancia, que o novo Rei demorasse uma hora sequer a sua acclamação. Sereno e triste, como um martyr, D. Duarte quiz cumprir em tudo a vontade de Deus, e fez-se acclamar, apesar das previsões sinistras do mestre Guedelha.

Que importava o lugubre vaticinio dos astros para mostrar lhe que o seu reinado havia de ser infeliz? Sim, deixasse Jupiter de estar retrogrado, brilhasse o sol em todo o seu esplendor, houvesse regularidade no movimento dos astros e confiança na alma do astrologo, tudo seria da mesma fórma sinistro para o seu destino, pois no intimo o seu coração não sei em que mysteriosa dôr se contrahia com o temor de futuras angustias. Porisso elle, quando o povo o acclamava novo rei, em intensa melancolia, desejava que n'essa cerimonia queimassem umas poucas de estopas significando a ephemera duração da gloria do mundo. Era o seu natural; triste, bem triste, sempre com pensamentos de terrores e cada vez mais lançando-se n'elles, deixando se afundar n'elles, sem forças nem decisão para reagir, nunca entrevistando uma esperança que o desviasse d'essa tendencia, innata e doentia, de nevrotico, para a dôr e para o desanimo.

Morrendo, D. João I ficara depositado na Sé de Lisboa até 25 de Outubro d'esse anno em que se effectuou a trasladação para o mosteiro de Santa Maria da Victoria (Batalha). Solemnissimos officios de requiem na Sé, onde se viam as bandeiras do Rei e dos Infantes; orações funebres de Fr. Rodrigo, de Fr. Gil Lobo, e do Mangancha; povo chorando em clamores pelas ruas da cidade, por onde um lutuoso prestito desfilava, em que o Rei e os Infantes levavam aos hombros o feretro do antigo Mestre de Aviz,—tudo foi o inicio d'uma prolongadissima jornada solemne até ao mosteiro, em que o fundador da dynastia ia ao lado da esposa dormir o somno infindo, á sombra d'aquellas arcarias, arvores de pedra que a sua piedade fizera plantar n'aquelle chão.

Parou o cortejo em Odivellas, e de noute coube ao Infante D. Henrique, com os cavalleiros da Ordem de Christo, ficar alli na egreja do mosteiro, de vigilia ao cadaver do rei; em Villa Franca de Xira, onde velou o Infante D. João com os Spatharios; em Alcoentre o Infante D. Fernando, e depois em Alcobaça onde estiveram os Condes de Barcellos, de Ourem e de Arrayollos. D. Pedro havia velado, na vespera da partida de Lisboa. Na Batalha, Fr. Fernando de Arrotea com a sua eloquencia disse o ultimo adeus do mundo ao guerreiro de Aljubarrota.

Pouco se demorou D. Duarte no mosteiro de Santa Maria da Victoria, pois alli grassava a peste, quasi endemica n'esse tempo em Portugal, e tudo abalou para Leiria, em fuga.

Ahi convergiram então os procuradores dos concelhos e os alcaides dos castellos a prestar menagem; D. Alvaro de Abreu, o Bispo de Evora, recebeu os, fallando-lhes em nome do Rei. Alvitrou-se que se reunissem côrtes; muitos foram de parecer contrario, outros e entre elles o Conde de Arrayollos, o principal, insistiram n'ellas. Combinou-se afinal que os procuradores convergissem a Santarem, para onde D. Duarte e os Infantes e os nobres e o clero se dirigiram e se congregaram em conselho. Ahi o Rei deliberou corrigir e abreviar as *ordenações do Reino*,

e principalmente fazer muitas economias. Quiz que sempre andasse com elle na côrte um dos Infantes seus irmãos, revesando-se entre elles, para auxiliarem-no na governação com os seus conselhos. E deixou-se ficar em Santarem até agosto seguinte, em que, deixando o luto, voltou a Lisboa.

D. Henrique a esse tempo preoccupado com o recente encontro das ilhas dos Açôres, não deixou comtudo de considerar bem desagradavel aos seus disignios a decisão em que via o Rei, mal subido ao throno, de entregar-se a economias severas. Como poderia pois preparar se uma expedição para a conquista da Mauritania?—pensava o Infante.

A Africa era o seu sonho, a paixão dominadora n'esse temperamento violento que o ascetismo refreava. Já em 1418 Martinho v concedera Bulla de Cruzada para os «maiores feitos que D. João i meditava na Mauritania», ([1]) mas D. João depois de Ceuta nada mais quiz da Africa, e mesmo pouco se importava com as navegações descobridoras do Maghreb e com o encontro das ilhas do Atlantico. Não assim D. Henrique, que á medida que lhe passavam os annos sentia recrudescer essa ancia de conquista que o levara com enthusiasmo á empreza de Ceuta.

Vivia por essa ideia «ca despois que foy no primeiro descerco de Cepta, em que ho Ifante Dom Joham seu irmaão foy com elle, sempre seu coraçam foy guerreado do desejo de tornar em Africa, e ainda por este proposito que elle atou em sua alma com firmes nooz de muita fee, afirmou que mudaria seu acustumado sinal em tres letras, que diziam J. D. A. porque per parte significassem seu nome, a saber, Ifante D. Anrrique, e todas juntas decrarassem a *ida* em Africa, que sempre desejava». ([2])

Resolveu comtudo esperar occasião propicia. Por esse tempo Gil Eanes dobrara o Bojador e esse facto ainda mais lhe despertara a ideia da conquista da Mauritania toda; o seu desejo era ir na terra acompanhando a rota das embarcações descobridoras e avassalar tudo, tudo, até ás Indias, se possivel fosse.

Elle bem sabia que não eram na côrte da sua opinião.

Considerava os motejos que recebia das descobertas a que mandava os seus marinheiros; lembrava-se que o conde de Arrayollos, filho do de Barcellos, havia escripto a D. Duarte uma longa carta, ([3]) ainda em vida de D. João i, na qual dizia que não considerava bem nem do serviço de Deus a guerra de Benamary; que não era justo qualquer *pedido* aos povos para esse fim; que não poderia manter a conquista se a alcançasse, e se embora conseguisse o territorio, não tivesse forças de segural'o, isso seria uma gloria vã e «bem que honrra sem preveito prestava pouco». Melhor era o Infante D. Henrique—escrevia o Conde—ir á conquista de Grada (Granada), de que poderia ser Rei, e com isso lucrava-se composição com Castella e facilitava-se a questão dos Infantes aragonezes.

O irmão do de Arrayollos, o Conde de Ourem, tambem escrevera a D. Duarte, pelo mesmo tempo. ([4])

---

(1) Bulla de Martinho v, datada de Constança, no dia 2 das nonas de Abril de 1418. (*«Annali Ecclesiastici»* de Baronius, continuados por Odorico Raynaldo Tarvisino. Tomo 18.º)

(2) Ruy de Pina—*Chronica de D. Duarte*, cap. 14. (*Ineditos da Historia Portugueza*, vol. 1).

(3) e (4) Ms. da Real Bibliotheca da Ajuda. Vide *Os filhos de D. João I*, pelo snr. Oliveira Martins. Nota (E).

N'essa carta considerava a guerra de Granada como só devendo ser feita por serviço de Deus e sem olhar-se a proveito; e emquanto ao Infante D. Henrique ir *filhar* Tanger ou Arzilla, (1) era opinião d'elle que se alguem tivesse de ir que fosse D. Duarte e com grande poder de gente, porque se D. Henrique partisse só com os de sua casa bem depressa teria de ser soccorrido. Demais elle, Conde, bem conhecia, e receiava porisso, as *temeridades* do Infante, pois dizia d'elle «que nom estava em Cepta sem cometer grandes feitos» para o que carecia de numerosa hoste.

O Infante D. Pedro, um idealista, e o Conde de Barcellos, um utilitario, eram contrarios a toda a expansão colonial.

Um dia em Almeirim, o Infante D. Fernando, o mais novo dos filhos de D. João I, chegou-se ao Rei e disse-lhe, tristemente:

—Irmão e senhor, requeiro-vos que me deis licença de me ausentar d'estes reinos, em busca de gloria, que não tenho, e á qual aspiro como filho de um tão grande Rei, qual era nosso senhor e pae, que o Senhor Deus em gloria haja. Ir-me-hei á França ou ao Santo Padre ou ao Imperador offerecer minha espada. Não me esquecerei do meu paiz nem de vós... Se carecerdes de mim chamar-me-heis.

D. Duarte estremeceu de admiração e surpreza. Após um momento de reflexão redarguiu:

—Não vos dou licença, senhor irmão. Se sahisseis do reino diriam «que vos falto com o preciso e não me tendes affecto». Olhai o Infante D. João que só tem o mestrado de Santiago e o paço de Bellas, pois todo o resto lhe veio pelo casamento com a filha do nosso irmão o Conde. Vós tendes o mestrado de Aviz e Atouguia e Salvaterra do Campo...

—Não é o interesse que me obriga a sahir de Portugal, mas sim a ambição de gloria—atalhava D. Fernando, convictamente.

Mas o Rei terminou:

—Deixai, senhor irmão, deixai. E tende em lembrança o que dizia nossa mãe e senhora, que o Senhor Deus em gloria haja «mais vale o pouco da nossa terra do que o muito extranho».

D. Fernando affastou-se, descontente, e o Rei foi revelar tudo ao Infante D. Henrique. Este conforme o seu genio louvou immenso o irmão mais novo por desejar ir illustrar-se nas armas, mas D. Duarte pediu-lhe encarecidamente que dissuadisse D. Fernando do seu designio. E então D. Henrique alvitrou:

—Deixai-nos passar á Africa, a mim e a elle com os cavalleiros de Christo e de Aviz. Ambos somos solteiros, nada aqui nos retém...

—Não ha dinheiro para vossa empreza—redarguiu o Rei e ficou-se.

D. Henrique resolveu esperar. Dissuadiu D. Fernando de ir para paiz estranho, mas certamente lhe revelou os seus constantes designios de guerra em Mar-

(1) Portanto já em vida de D. João pretendia D. Henrique tomar Tanger ou Arzilla.

rocos, recommendando lhe que esperasse a decisão do Rei. E D. Henrique não descançava em meditar sempre d'ahi em diante nos meios de resolver D. Duarte a que o deixasse passar á Africa. Um dia, encontrando-se com a Rainha D. Leonor ([1]), teve a subita ideia de fallar-lhe pedindo lhe o seu auxilio no commettimento a que pretendia abalançar-se. Lembrou-se elle que no espirito enamorado do irmão a influencia da esposa seria decisiva; D. Duarte, que no *Leal Conselheiro* escrevia que bom remedio para a tristeza era uma esposa *boa, sages, bem parecida e graciosa*, era possivel que accedesse á intercessão de D. Leonor, para que permittisse a expedição de Tanger.

Então D. Henrique buscou a mais graciosa maneira de dizer á Rainha a pretensão do Infante D. Fernando e a sua de passarem á Africa, a combater os infieis; observou-lhe que Ceuta «era porta aberta de honra e gloria» para a conquista de toda a Mauritania; fallou-lhe aos sentimentos piedosos e lembrou-lhe quantas *casas de adoração* teria a mais a Virgem Maria se fosse conquistada Tanger e d'ahi Arzilla e d'ahi todo o Maghreb; e pediu-lhe, afinal, que vencesse com seus ternos conselhos a resistencia que no animo do Rei havia a esse glorioso designio. A Rainha ficou n'uma satisfação intima ao vêr-se considerada em tanto pelo Infante D. Henrique, e immediatamente lhe prometteu todos os seus esforços para resolver D. Duarte.

Agradeceu-lhe aquelle e retirou-se, sorrindo e imaginando que Deus lhe inspirara decerto essa ideia de pedir o auxilio da Rainha.

---

(1) D. Leonor de Aragão, irmã de Affonso v, rei de Aragão, fizera o seu contracto de casamento com o Infante D. Duarte em *Olhos Negros* (Daroca) a 16 de Fevereiro de 1428, sendo esse contracto reformado em Portugal por Miçer Pere Ram, enviado extraordinario. D. Duarte concedeu a noiva 30:000 florins de ouro de Aragão como *arrhas*, de que era segurança Santarem. A Infanta trouxe de dote 100:000 florins, pagos em dez annos, pelas villas de Fraga, Debriga e Lyria. A ceremonia do casamento realisou-se em Coimbra a 22 de Setembro. De uma carta do Infante D. Henrique dirigida ao pae, n'essa mesma data, sabem-se os pormenores d'essa festa. A carta do Infante, que vem transcripta no 1.º tomo das *Memorias para o reinado de D. João I*, por J. Soares da Silva, referia: que D. Duarte tinha chegado a Coimbra e ficara aposentado «no cabo do paço das casas onde pousa a senhora Infanta», e que ia vêl'a duas e tres vezes ao dia, mas—observava interessantemente D. Henrique—«segundo poudera saber, inda *nom a tinha beijado*». A Infanta havia convidado D. Henrique a sua casa e este havia caçado um «porco», e emprazara depois o Arcebispo de Lisboa a uma batida a dous outros «porcos», dos quaes um só podera ser filhado. Participava ao Rei que D. Duarte «em ver dançar e cantar e em qualquer outra cousa que pode filhar prazer, filhao de bom talante, e he bem ledo e bem são a Deos graças, e louva muito o cantar da Senhora Infanta, e do seu tanger do minicordio, e do dançar segundo sua maneira»; que D. Leonor de Aragão mandara a Dona Guiomar correr dous touros e um fôra-o no *curral* dos paços e o outro em Santa Clara; que o Infante D. Pedro chegara a Avellãs e elle D. Henrique e D. Duarte haviam ido esperal'o; e D. Pedro tinha sahido para recebel'os, á luz de tochas, e lá foram todos até casa onde «beveram a aconçoada». Pernoutara alli D. Duarte, e no dia seguinte fôra para Botão aonde chegara o Conde de Barcellos. D. Henrique voltou a Coimbra e no sabbado foi ao arrabalde receber o Infante D. Duarte, com os Arcebispos de Lisboa e de Braga e o Bispo de Coimbra e muitos fidalgos. Tambem se viam na recepção o Arcebispo de Santiago e o Bispo de Cuenca O Bispo de Ceuta, em pontifical, organisara a procissão que foi receber o noivo ás portas da cidade. D. Duarte apeara-se, beijara as reliquias, depois ouvio missa em Santa Cruz e foi buscar D. Leonor. Na segunda-feira, 20—dizia D. Henrique—«andamos dançando», «parece-me que bem bestidos asaz». E resolvera-se o casamento para o dia 22. Depois relatava a ceremonia. A crasta de Santa Clara era toda ornamentada, bem como a egreja: damascos, velludos, setim, e brocado. O *cabeçal* para os noivos ajoelharem era de tecido de ouro. D. Leonor de Aragão estava no côro com a communidade, e a 2.ª Condessa de Barcellos, D. Constança, e donas e donzellas. D. Duarte chegara, a cavallo, trajando *opa assaz rica* e a sua esmeralda como *firmal*. Á volta d'elle, a pé, vinham os Infantes. Chegara o noivo até á porta do côro ladeado pelo Infante D. Fernando e pelo Conde de Barcellos; e D. Pedro e D. Henrique foram buscar D. Leonor ao côro. Foram então casados os noivos. Serviram de padrinhos os Condes de Barcellos. A Infanta com o peso da *opa* e com o calor das luzes *esmorecera*, desmaiara. Ella ficou n'aquelle dia no mosteiro e á noute o marido e os Infantes e as donas e a fidalguia ecclesiastica e secular foram acompanhal'a a Coimbra. Iam todos a pé, excepto a Infanta, que ia montada n'uma égua «*ruça pomba*.» Ella foi para a sua camara e os Infantes e nobres começaram dansando. A D. Duarte, que appareceu na sala, foi offerecido vinho com fructas. Estas eram levadas pelo Infante D. Fernando, o vinho pelo Conde de Barcellos, D. Pedro ia com a toalha e D. Henrique com o confeiteiro. E com isto terminara a festa nupcial.

Fallou esta ao marido, e então no animo hesitante do monarcha mais e mais cresceu a perplexidade. Respondeu ternamente a D. Leonor, porém nada poude decidir; só resolveu de si para si evitar que se fallasse na expedição. Se D. Henrique com as navegações para as novas ilhas se esquecesse de Marrocos...

Mas um, dia, passeavam os dous, o Rei e o Infante, em um terreiro de Extremoz, ao fim da tarde. Conversavam. Havia chegado de Roma, o abbade de Florença, Gomes, com a bulla de Eugenio IV, da Santa Cruzada, impetrada pelo Conde de Ourem no concilio de Ferrara. (1)

E immediatamente D. Henrique alli começou insistindo com o irmão para que o deixasse ir á conquista de Tanger. Afflicto, D. Duarte retorquia-lhe desculpando-se com os gastos do casamento da Infanta D. Isabel. Só os *pedidos* que se haviam feito para o pagamento do dote ao Duque de Borgonha... Lembrasse-se tambem das despezas do seu casamento com D. Leonor de Aragão, do de D. Pedro com a filha do Conde de Urgel, lembrasse-se de quanto custara o funeral de D. João, e quanto levava a estada do Conde de Ourem no Concilio.

—Dizeis bem. Mas eu não me casei e commigo não fizestes gastos. Deixai-me pois ir com meus cavalleiros á Africa.

—Serieis poucos, vós e elles, para o grande poder de Belamary. E não se pode pedir ao povo dinheiro para a expedição.

Mas D. Henrique, rudemente, volveu:

—Ora, pois não vos offerecestes vós a El-Rei de Castella para a guerra de Grada?!

E ao dizer isto a sua tez morena, coloria-se, de enthusiasmo guerreiro, e D. Duarte pallido, o olhar vago, quedava-se n'um silencio, de melancolia profunda.

Callara-se o Rei; era esse o seu habito. Não tinha energia para formular a sua opinião de encontro á dos outros; ficava hesitante, elle que era de esclarecido espirito; e depois arrependido de não se haver opposto ao que se lhe affigurava mau, ia escrever, no remanso do seu gabinete, as suas opiniões em forma didactica, com arrebiques de estylo e divagações philosophicas, para que se soubesse o que elle pensava e não podia expender verbalmente na occasião.

A força de insinuações de D. Henrique e de rogos da Rainha, D. Duarte resolveu ouvir conselho, em Leiria. D. Henrique, D. Fernando e o Conde de Arrayollos não fallaram. Dos dous primeiros eram conhecidas as opiniões; o Conde, esse, já tinha lugar na expedição, como condestavel, se ella partisse, porisso competia-lhe obedecer ao que se determinasse. Era uso nos conselhos começar-se por ouvir o menos graduado; depois do Conde de Arrayollos era o de Barcellos, mas o Infante D. João, que era genro d'este, quiz dar-lhe importancia e fallou primeiro. O que elle disse serviu apenas de mais perplexo tornar o animo do Rei. Com voz grave, aquelle discreto Infante começou dizendo que o siso e a Cavallaria se oppunham em muitas das suas regras; e applicando-as á guerra da Africa, as do siso eram

(1) Bulla «*Rex Regum*». Bolonha, anno da Encarnação 1436, 6 dos Idos de Setembro. (*Alguns documentos da Torre do Tombo*, etc., pag. 5.)

formalmente contrarias a tal guerra, as da honra da Cavallaria aconselhavam inteiramente a ella. E taes e tantas razões oppostas apresentou ao Rei, dizendo-lhe por fim que as punha «nas balanças de vosso santo proposito e claro juizo». ([1])

D. Duarte encolheu os hombros e olhou para o irmão Conde de Barcellos. Este, rude e positivo, sem idealismos nem espirito de aventuras, fallou secca e sinceramente. Oppôz-se formal á guerra, que de modo algum se devia fazer n'aquelle momento, e terminou aconselhando o Rei n'esse sentido «porque do syso, da verdade e da honrra, acompanhando vos desta maneyra, sey que serey bem relevado e em nenhuma cousa reprendido.» ([2])

Pendeu o espirito do Rei para a rejeição do projecto dos Infantes.

Fallou D. Pedro. Verdadeiro, sincero, justo, mostrou toda a imprudencia da empreza. A conquista de Marrocos, mesmo realisada, era para elle um erro politico. Convictamente, confessava-se adversario da expansão territorial; toda a sua alma se votava ao complicado viver da nação, á ordem e á felicidade do povo.

D. Duarte pareceu querer decidir contra a expedição; mas olhou para D. Henrique e viu-o refreando a custo a cólera; notou o descontentamento no semblante pacifico de D. Fernando, e como que lhe surgiu alli o vulto amado da Rainha a implorar-lhe a gloria dos Infantes. E o pobre e intelligente Rei, assim paralysado na vontade, escapou-se pela tangente de mandar perguntar a opinião do Papa.

Mas D. Henrique fallara mais instantemente á Rainha e para animal'a a continuar no resolver D. Duarte á guerra, alli lhe declarou que perfilharia e consideraria seu herdeiro o Infantesinho D. Fernando. ([3])

D. Leonor ficou louca de contentamento e afinal, no momento critico de dar á luz a Infanta D. Catharina, a 25 de Novembro, em Torres Vedras, taes e tão instantes pedidos fez ella ao marido, que a empreza de Tanger ficou por elle decidida.

Quando voltou a resposta do Papa, já se estava em preparativos da expedição com grande *trigança*. O inverno passou-se em Santarem; porém no Tejo aprestavam-se á ordem do Rei as naus para o transporte e outra frota tambem se preparava, cá no Douro, com o mesmo fim. O Conde de Arrayollos era o que dirigia os trabalhos d'esta ultima.

Mas chegara lá de Bolonha a contestação de Eugenio IV, que foi mais um dissabor atroz para o Rei. Considerando essa guerra da Mauritania não essencial, deixava-a comtudo ao arbitrio do monarcha; dizia-lhe que consultasse os Sagrados Canones e os seus lettrados; que visse se os infieis causavam damno immediato, e caso não, se lembrasse que «Deus fez nascer o sol para os bons e para os maos e dá de comer ás aves do céo»; e que se a guerra era voluntaria e não de defeza de modo algum podia ser feita á custa do povo, e porisso «que não fizesse pedido» para essa conquista «postoque, com o dinheiro della, esperasse ganhar toda a Africa».

---

(1) Ruy de Pina—*Chronica de D. Duarte*, cap. 17.
(2) Ruy de Pina—*Chronica de D. Duarte*, cap. 18.
(3) A perfilhação de D. Fernando pelo Infante D. Henrique foi feita em Extremoz a 7 de Março de 1436.

D. Duarte mostrou essa resposta ao Infante D. Henrique, apavorado com a decisão que tomara; o povo murmurava, descontentissimo; *quitara-se* já muito dinheiro para a expedição; até o dos cofres dos orphãos... Como havia de ser, santo Deus?!

D. Henrique leu a mensagem do Papa, elle, austero guerreiro de Christo, e admirou-se, no intimo, dos sentimentos humanitarios do Chefe da Egreja, que não comprehendia. Não era o dever de um cavalleiro de uma Ordem religiosa guerrear a todo o transe e sempre os inimigos da Fé?! Mas... era o Pontifice que assim fallava, devia se respeitar a sua opinião, porisso sómente o Infante disse ao Rei:

— Senhor irmão, não desanimeis e prosegui na empreza, que ella é santa e do serviço de Deus.

E assim fez D. Duarte. Iriam á expugnação da cidade mourisca uns quatorze mil homens. Era o que se calculava Estabeleciam-se penas a quem pretendesse eximir se á partida para essa guerra, a que, não obstante a carta do Papa, se applicava a Bulla da Cruzada, por elle concedida.

Estava D. Henrique satisfeito; podia ir combater os infieis como guerreiro da Religião, mas é licito mais uma vez suppôr que não só o desejo de levar a longe a Fé christan o incitava; tambem era em seu animo o designio economico a que subordinava as navegações mandadas fazer por elle para além do Bojador e ao encontro das ilhas do Atlantico. Enriquecer a nação com o commercio africano era um dos seus primeiros fitos; e porisso Eugenio IV, ás supplicas de D. Duarte, concedera a permissão, a elle e a seus vassallos, de *commerciar* com os mouros de Africa, em todos os generos, excepto ferro, madeira, cordoalha, navios e armas. E isso concedera o Pontifice pela Bulla *Preclaris tue* de 25 de Maio de 1437. (1)

Approximava se o verão e com elle a partida dos Infantes. Nunca fôra uma expedição preparada com tão pouco enthusiasmo; todos buscavam eximir-se a ella. No emtanto, D. Duarte, triste e apprehensivo, sempre com as suas tendencias de humanista, começou redigindo umas instrucções para o Infante D. Henrique seguir no commando da expedição. (2)

Recommendava-lhe entre outras cousas que lêsse os livros de guerra, entre elles o *avisamento* de Pero Annes Lobato e o do Infante D. Pedro; que fosse economico nas despezas, «pois que a provysão se deve começar no começo do saco» e que o dinheiro que buscasse fosse por justas vias, dando muito boa acolhida aos fornecedores de mantimentos; que não estivesse com escaramuças com os mouros, e as bandeiras quando avançassem fossem bem acompanhadas; que ensinasse os cavalleiros a trazer *a lança ao colo*, conforme elle D. Duarte escrevia na «*Ensenança de bem cavalgar toda a sella*»; quando fossem atacados por alguma partida de mouros que os deixasse «chegar bem acerca» e com béstas e co-

---

(1) *Alguns Documentos da Torre do Tombo*, etc., pag. 5.

(2) D. Antonio Caetano de Souza—*Historia Genealogica da Casa Real*, 1.º volume de Provas.

lobretes lhes desse hua estrupada»; que lhe participasse tudo de que necessitasse, mandando-lhe uma relação dos soldados que lá com elle fossem; que tomasse conselho com os mais sisudos da hoste, e se abstivesse de ter «soberba, vangloria e cobiça desordenada» de que «graças a Deos vos sempre vy muy be guardado» confessava; que não passasse o tempo a comer, a dormir e a ouvir missas, antes tratasse de todo e aparelhamento do exercito. Ao genio activo de D. Henrique era bem desnecessario este aviso. O coração bondoso de D. Duarte retratava se na recommendação de que o Infante tivesse piedade com os vencidos, poupasse mulheres, creanças e desposados «porque o Senhor Deos nõ quer a morte do pecador mas que se converta e vyva». Aconselhava lhe mais muita lealdade e «justa tençam e proposito em o proseguimento d'esta guerra fazendo principal fundamento que he servirdes Nosso Senhor, e a mim pois que mandou que eu fosse o Rei e Senhor, por cujo mandamento sois theudo de pelejar».

Temia-se do genio arrebatado do irmão que vendo se na Africa era capaz de não querer voltar; e porisso dizia lhe «levae por fundamento que aquelles dous lugares principalmente vos envio e se noso Senhor volos outorgar que serey muy ledo de vosa boa vynda» e mais insistia que não se apartasse do que lhe determinava «posto que voso coraçam sinta desejo donrra e doutras vantages». Recommendou-lhe que logo que podesse lhe tornasse as naus não *esquipadas* e as barcas de carreto e as caravellas, que estas eram precisas para a pesca. [1] Algumas d'estas recommendações não as receberia D. Henrique de bom grado. Eram modos de fazer estylo, pensaria elle, indifferentemente. D. Fernando preparava se para partir, fazendo testamento dos seus poucos haveres; distribuia as reliquias da sua capella e os paramentos por varias egrejas e mosteiros; os seus livros a varios servidores—a Gonçalo Vasques que se penitenciava na serra de Ossa mandava elle o livro *Moraes de S. Gregorio;* perdoava dividas e ordenava pagamentos; contemplava todos os da sua casa, recommendava com uma minuciosidade agourenta todos os arranjos dos officios que lhe rezassem e do seu enterramento, pedindo modestia e pobreza em todos esses actos; que o dinheiro de suas exequias fosse para redempção de captivos; e implorava da Virgem que intercedesse junto do seu Omnipotente Filho «que na hora da minha morte o sangue de suas preciosas chagas seja alimpamento da minha alma». O restante de seus haveres legava-o ao Infantesito D. Fernando. o herdeiro perfilhado de D. Henrique.

A 17 de Agosto estavam os dous Infantes no Tejo promptos a partir na frota. N'esse dia D. Alvaro de Abreu, Bispo de Evora, cantou missa na Cathedral e em procissão, cruz de Christo á frente levada por um cavalleiro, foi á nau entregar a D. Henrique a Bulla da Santa Cruzada.

O Rei ahi foi, a passar o dia com os que se partiam.

Depois a nau dos Infantes e mais a frota levantou ancora e foi fundear ao Rastelo. A 22 do mez lá foi D. Duarte, e depois da missa em Santa Catharina de Ribamar, o bondoso Rei, chorando, abraçou-se aos irmãos, em despedida.

---

(1) É mais um indicio de que as caravellas portuguezas de então tinham velame latino.

Ia partir a frota. Febrilmente D. Duarte recommendava a D. Henrique que não levasse as naus todas em grupo, que fizesse com ellas manifestações em Alcacer, em Tanger, em Arzilla, para que os mouros não podessem bem conhecer o seu destino; que nunca mandasse avançada de menos de quinhentos cavalleiros; o arrayal que estabelecesse,—notasse-o bem—*viesse com duas pontas ao mar* ou pelo menos uma, para em caso de retirada poderem todos, a facil, entrar na frota. Só désse tres assaltos e não mais—mandava D. Duarte— e se o terceiro fosse mal succedido, retirasse immediatamente. Mas D. Henrique todo enthusiasmado com a empreza nem o ouvia; imaginava-se já senhor de Tanger, de Arzilla, de Fez, de Marrocos; ir ao longe guiar as suas caravellas para além do Bojador; ir ao paiz do ouro; devassar a zona torrida, o grande mar nunca navegado, pensava elle. As instrucções que o irmão lhe entregava escriptas recebia-as e guardava-as para as lêr só como apreço a mais uma composição didactica do humanista coroado, que regia os destinos de Portugal. Considerava aquelle escripto como um simples exercicio de lettrado.

A 27 chegava a frota a Ceuta, as naus partidas do Porto já lá estavam e o Conde de Arroyollos com ellas. Desembarcaram. E na egreja de Santa Maria realisaram-se vigilias e orações prolongadas. Implorava-se a Providencia Divina.

A bandeira de Christo, vinda na frota, era por toda a parte levada em triumpho.

Constou aos mouros a chegada dos Infantes e das cercanias de Ceuta varios *alfaqueques* vieram manhosamente offerecer a D. Henrique dadivas para conquistar-lhe as boas graças. Rudemente os recebeu o Infante e intimou-lhes, como condição de os deixar em paz, submetterem-se como vassallos ao Rei de Portugal.

Só os de Benamade, mais fracos, acceitaram a imposição.

Resolveu D. Henrique fazer alardo da hoste que commandava.

Foi uma decepção. De 14:000 homens que se calculava viriam, só uns 6:000 se perfilavam á vista do Infante! Cêrca de 2:000 cavalleiros, 1:000 bésteiros e 3:000 peões. Muitos, antes de embarcar, haviam fugido, preferindo incorrer nas penas e coimas do que arriscar a vida. Navios, faltaram; os de Flandres e da Allemanha que se esperavam ao frete, andavam lá todos occupados em guerras; e os da Biscaya não appareceram porque tão insana lá era considerada a expedição, que nem lhes consentiram a vinda.

Um calafrio de pavor percorreu todos os combatentes; tão poucos, como venceriam os mouros, que já se congregavam pelos aduares mais longinquos para a *gazwah*, a guerra santa?

Aconselharam a D. Henrique que não principiasse as operações de guerra com tão pequeno poder. Elle franziu severamente o sobrecenho, e n'um tom pausado e secco, a sua voz vibrou, irritada:

—Ainda que menos poder commigo tivesse, não deixava de proseguir no feito a que Deus me destina.

Não havia replica. Era mister combater. Mas aquella voz tragica e incisiva do Infante não echoou nos animos como um clarim suggestionador de enthusiasmos bellicos, não; pareceu apenas a todos que n'ella havia algo de funebre, de sinistro...

Emfim, confiança em Deus e ávante! Comtudo parecia que os braços tinham menos força de manejar a espada e os olhares volviam-se para Portugal, n'uma saudade.

Ordenara o Infante a partida para Tanger. Por onde? Dous caminhos podia seguir, ou pelo dorso alcantilado da serra de Ximeira, com seus fraguedos tisnados atravancando todas as ravinas, curto sim, mas difficil de vencer á cavallaria e ás viaturas; ou então caminhar por Tetuan, ascender depois a um dos contrafortes da mesma serra e ir derivar em seguida nas planuras viçosas de Anghera, até á cidade de Tanger.

João Pereira com uns mil cavalleiros foi em exploração ao primeiro caminho; a certa distancia, no Porto da Calçada, esbarrou com *almogavares mouriscos;* escaramuçaram e seguindo ávante, surgiu-lhes a serra tão aspera na ponta do Leão, elevando-se ahi como a juba de uma fera gigantesca, que forçoso foi voltar. D. Henrique resolveu pois ir pelo outro caminho por Almuhacar e Torre de Negrão ao valle de Anghera.

D. Fernando, doente, ia pelo mar, na frota, que logo velejou tambem a caminho da cidade que iam assaltar.

Partiram de Ceuta em um domingo, 8 de Setembro. A columna sahiu das portas da praça, como uma procissão guerreira-religiosa. N'uma avançada, cheia de galhardia,—trezentos ginetes—Ruy de Souza e o filho Gonçalo eram os cabedeis. Depois ia o conde de Arrayollos guiando intelligentemente a carriagem; na ala direita D. Fernando de Castro, governador da casa do Infante D. Henrique, e na esquerda Fernando Çagonho. Ruy de Mello empunhava o balsão do Infante; D. Duarte de Menezes desfraldava o pendão real; José Falcão era o alferes da sagrada bandeira de Christo, a protectora da expedição. Seguiam depois estandartes com a imagem de Santa Maria, e com os vultos do Condestavel e de D. João I. O Bispo de Evora conduzia a reliquia do Santo Lenho, e D. Henrique cuidando guiar toda aquella gente á conquista de immarcessivel gloria, levava-a adiante de si. Foram seguindo até Tetuan (Tettawin), olhando de quando em quando o mar, azul como uma turqueza, por onde as naus e caravellas singravam, brancas como um bando de gaivotas voando baixas.

Tetuan, no meio de uma planicie, acharam-n'a deserta; os mouros haviam fugido, tempos antes, acossados por D. Duarte de Menezes; um silencio sinistro alastrava-se pelas ruas abandonadas; as portas abertas de par em par; os minaretes sem os *al-muezzin;* só as fontes gorgolejando monotonamente nos recantos das ruas solitarias, sem que, todavia, para ellas se inclinassem a beber as amphoras de barro das mouras tisnadas. D. Henrique e a sua hoste passaram além; e o som do tropear dos cavallos e da marcha dos peões nas lages das ruas ficou perdendo-se pelos reconcavos da cidade deserta...

Transpozeram a Ximeira, offegantes, e foram depois estender-se pelo valle de Anghera, onde a abundancia de aguas dava um indicio de fertilidade. No dia seguinte entraram em Tanger, a velha, despovoada; e marcando uma correcta evolução pela praia a hoste foi até a umas hortas e pomares, de encontro ao cabo, pelas quaes D. Henrique achou conveniente estender o arrayal. Assim fez. Mas esquecera-se do que lhe recommendára D. Duarte; o arrayal não ficava *com as pontas ao mar...*

A frota, comtudo, fundeou não longe.

Começaram os preparativos da expugnação; mas de repente uma voz—ha sempre d'essas vozes funestas—espalhou que os mouros haviam abandonado Tanger e que as portas eram abertas, emfim que tudo lá estava prompto para uma facil entrada. Não havia occasião a perder, era ir; embora D. Henrique mais estimasse conquistar a praça em rijo accommettimento.

Picaram de esporas os cavalleiros; os peões, muitos, tomaram ao hombro a *garrucha* e a *bésta* e seguiram lhes na piugada.

Chegaram ás muralhas da praça; nos adarves tudo cheio de mouros; as portas trancadas rijamente. Mas os portuguezes, com impeto, arremetteram de encontro a tres das portas, arrombando duas e lançando fogo á outra. Mas do alto das muralhas, dextros frecheiros de Granada despediam nuvens de virotões sobre os assaltantes; e pelos boqueirões das portas arrombadas, sahiam aguçadas linguas de aço, dezenas e dezenas de lanças n'um feixe, vibrando, repellindo.

Os portuguezes tiveram de recolher ao arrayal; o Conde de Arrayollos e Alvaro Vaz de Almada, o valente capitão mór do mar, eram feridos na refrega. D. Henrique não desanimou; e durante uma semana inteira dirigiu o desembarque de todo o trem de guerra, munições variadas. E n'esse meio tempo os mouros iam na cidade tapando a pedra e cal as portas das muralhas, e lá dos aduares longinquos as tribus berberescas, congregadas para a guerra santa, vinham-se approximando, numerosissimas.

No fim d'essa semana D. Henrique mandou tanger as trombetas a novo assalto. Tudo combinado de ante-mão; o Infante D. Fernando arremmetteria de encontro á porta que olhava a Fez, o de Arrayollos levaria a sua escada ás muralhas de outra, o Marechal Vasco Fernandes Coutinho tambem tinha uma a seu cargo e da mesma fórma o Bispo de Evora que iria tomar posição em frente ao valle de Anghera. D. Henrique tomaria a si a expugnação do castello; mas a frota continuava fundeada longe da ponta do arrayal... Levou tempo a conduzir até ao alcance das muralhas os *trons* e escadas; e quando D. Henrique principiou o assalto era á hora de terça. Foi rijo e destemido este; faiscaram as achas de armas cahindo á porfia no lenho das portas; mas estas despedaçavam-se em lascas e o gume d'aquellas amolgava-se de encontro ao tapume de pedra e cal, que os mouros haviam, occultamente, construido. Mãos ás escadas; cem braços erguiam-as, encostando-as aos muros; mas, oh! desespero, eram curtas, todas, todas. Alguns mais ousados trepavam por ellas e no topo queriam agarrar-se ás pedras salientes dos muros; cahiam, e sobre o lagedo as suas armaduras de aço estouravam despedaçando-se. Os mouros, lá do alto, riam. E como de um volcão a lava escorre, assim de entre as ameias e pelas setteiras era um constante cahir de azeite e agua a ferver e alcatrão incendiado. Grandes bolas de algodão, como gigantescas cabelleiras todas em chammas, vinham precipitadas lá do alto sobre os assaltantes. E estes suffocados pelo fumo, queimados, contundidos, a rugir de desespero, tiveram de retirar, em fuga, para o arrayal.

Na alma de D. Henrique a sombra de um terror começou de surgir.

—Que fossem a Ceuta buscar escadas mais altas e duas bombardas e polvora,—ordenara elle.

Assim se fez; no emtanto Ruy de Souza e o filho e João de Albuquerque sa-

hiram a forragear pelas cercanias. Mouros tomaram-lhes o passo e combateram. Muitos vieram-lhes no encalço até ao arrayal, d'onde sahiram ardidamente para rechaçal-os uns trezentos, dos melhores. Foram batidos ferozmente pelos mouros; e cincoenta ficaram mortos no campo, e muitos d'elles de grande nome. O Conde de Arrayollos, sempre previdente e activo, acudio aos outros, e Alvaro Vaz com D. Alvaro de Castro e uns setenta bem esforçados n'uma carga violentissima levaram de roldão a mourama pelas planuras de Anghera, a fora. Depois, dez dias se passaram n'uma tristeza e n'uma ancia, e ao fim d'elles, das quebradas da Ximeira começaram apparecendo aos centos, aos milhares, uns vultos alvejantes, ao de cima dos quaes umas scintillações se moviam. Eram os das tribus berberescas, vindos de longe, a combater, com os seus albornozes brancos e suas agudas lanças brilhando ao sol. E aquelles filhos das montanhas desenhavam nas alturas um crescente, que vinha depois pelas encostas resvalando até ao valle. D. Henrique viu-os e saltou-lhe o coração n'um enthusiasmo.

—Sus, a elles! E Deus comnosco!—bradara.

E á sua voz, uma como serpente de aço sahiu do arrayal a perseguir aquella outra, gigantesca, que descia lá dos montes.

D. Henrique, de facto queria arriscar batalha, levar aquella mourama infiel, toda pelo sertão além, rechaçada, perseguida, dispersa, como se fôra nuvem que uma rajada de vento dilacera.

Mas os mouros foram recuando, recuando... Não acceitaram combate; só alguns *almogavares*, lestos e insoffridos, em phantasias, vinham escaramuçar com os portuguezes, refugindo depois.

E assim foram indo, indo, até que de novo as cumiadas das montanhas se destacaram, no horisonte, desertas.

O Infante D. Fernando foi no encalço d'elles, mas estes retrocederam, fizeramlhe frente e então foi mister lá ir o Conde de Arroyollos ainda mais uma vez em soccorro.

E D. Henrique, com um desespero na alma, resolveu comtudo mostrar-se alegre, prazenteiro—elle, que tão reservado era—para incutir animo.

A frota, essa, lá continuava ao longe, sem tocar a ponta do arrayal, que não chegava ao mar... D. Duarte a ninguem lembrava. Novamente surgiram os mouros, mais numerosos ainda.

Mas D. Henrique não se importou do numero, leu no seu livro de Vegecio o aphorismo «*Amplius juvat virtus, quam multitudo*» e bem confiado n'elle, ordenou o ataque aos infieis.

—Santiago! Santiago! a elles!—clamaram os nossos; e tres columnas, n'um impeto, levaram adiante de si as tribus até legua e meia. Os de Tanger, attentos, das muralhas viram isto, e uma das portas abriu-se então discretamente para d'ella se escapar uma partida numerosa de ginetes. A galope, a galope, ascenderam até ao arrayal portuguez, atacando-o. Diogo Lopes de Souza, que o guardava, n'um phrenesi de valor, e os seus receberam-os á ponta de espada; e foi tão renhida e estreita a peleja, tão confusa e tão brava que as imaginações dos defensores deliravam e houve alguem que affirmou vêr no ar, protegendo-os, uma grande cruz branca! Não seria antes como uma cruz funeraria, essa, a desenharse sobre o arrayal, qual sobre um esquife?

Já havia nos corações pouca esperança; mas o semblante de D. Henrique mostrava-se alegre. Havia de tentar ainda mais um outro assalto á cidade. Seria infeliz mais esse, dizia-se; e todos lembravam o caso agourento de ter voado, ás tiras, o balsão do Infante, quando se desfraldava ao vento no primeiro alardo que se fizera. Vagamente, talvez, na mente de D. Henrique passasse a recordação de quanto o pae obstava ás emprezas africanas com temor de perder o trabalho que lhe custara a conquista de Ceuta. Acaso teria elle razão?

Chegaram de Ceuta as escadas, afinal, bem como um castello rolante de madeira, que se approximou de um lanço de muro um pouco derribado. E D. Henrique, todo o corpo envolvido em um arnez de malha de ferro, só elle a cavallo, á frente de toda a peonagem arremetteu de encontro á cidade, a novo assalto. Lá de cima dos muros nova e proficua resistencia; só a escada do Marechal chegou a fincar-se na muralha e mesmo essa o linho alcatroado a incendiou e destruiu.

Rugindo de desespero, D. Henrique fez retirar os combatentes ao arrayal. Era destino; outro desanimaria, ou mais prudente iria tomar as embarcações e pôr-se ao largo, em retirada. O Infante, não; natureza rebelde ás lagrimas e ao sentimentalismo, resolveu sacrificar-se e sacrificar todos os que o acompanhavam ao tenacissimo designio.

Com delirio de febril, tinha expansões de alegria no semblante; e mais outro assalto fez preparar, á pressa.

Emquanto tiravam de uma das naus uma velha escada, casualmente trazida, e outros petrechos, dous *almogavares* mouriscos aprisionados por uns escudeiros do Conde de Arrayollos vieram relatar que todo o poder da Mauritania, um mar de combatentes, ahi chegava prestes a submergir o arrayal, fragil baixel desarvorado e como que immovel em meio das penedias.

Assim aconteceu; das alturas da Ximeira era constante o resvalar de agarenos, como torrentes que se despenham das ravinas, no inverno. E vieram chegando, chegando, em massa, embatendo com força na rectaguada dos que se acolhiam ao arrayal. D. Henrique heroicamente vinha segurando a retirada. Era o derradeiro da hoste e a sua acha de armas manejada ás mãos ambas revolvia-se, contendo os barbaros furiosos. Foi um lance apertado; teve morto o cavallo e morreria o Infante n'essa occasião ás mãos do inimigo se Fernando Alvares Cabral, seu guarda-mór, não o salvasse a custo da propria vida.

Não se esqueceram os mouros de atacar o arrayal; e n'este já se alastrava a indisciplina; mil homens combinaram-se, dirigiram-se á praia, tomaram bateis e foram para as naus. O desespero gerara a covardia; no emtanto essa covardia gerou a abnegação nos da frota, que junto com D. Pedro de Castro vieram para terra a soccorrer. Havia panico. Uns queriam retirar; D. Henrique exhortava-os a resistir. Outros pretendiam ir morrer como heroes, n'uma sortida ultima; D. Henrique, austeramente impedia tal acto «que era mais de desesperação do que de ardideza.». E assim iam ficando, em desanimo.

Os mouros ganharam então esforço e n'uma ferocidade de leões assaltaram o acampamento; D. Henrique, de joelhos, arrebatado alli no campo, pedia a Deus que houvesse piedade dos que tinham tomado a cruz para o servirem, e só a elle

desse castigo de seus peccados, mas que a sua infinita piedade o adiasse para outra occasião para não se perderem ao mesmo tempo tantas vidas, em desespero. E chorava.

Com béstas e com *estrupadas* das colobretas do palanque do arrayal, considerado ultimo refugio, rebateu-se o assalto furioso dos inimigos. Foi um respiro.

Havia fome, e terrivel; comia-se já a carne dos cavallos, mortos havia dias, quasi pôdre. Os mouros não deixavam ir beber aos poços do valle de Anghera e os mais proximos do arrayal tinham as aguas inquinadas por elles com toda a especie de immundicie. Veio pois aos portuguezes a sêde, horrorosa. Umas gottas cahiram, n'um chuveiro, e então todos á uma applicavam os labios á terra como que disputando-lhe a agua de que se embebia.

Foi então que D. Henrique, sombriamente, tragicamente, conheceu a sua perdição e resolveu n'essa mesma noute, pela calada das trevas, penderem todos para o mar em retirada, em fuga, conquistada palmo a palmo, com um derradeiro esforço de armas.

Assim se faria; mas um tredo, um Judas, um Martim Vieira, padre, foi n'essa mesma noute, transfuga, dizer aos mouros dos projectos dos christãos. E assim aquelles alastraram-se pela praia impedindo o embarque projectado.

No arrayal tudo desanimou; penderam as espadas já cansadas; as frontes curvaram-se em angustia; murmuraram-se supplicas a Deus. Todos iam morrer, cuidavam. E um pensamento de saudade e terror cahia pesadamente nos cerebros esbrazeados... D. Henrique, não obstante, mostrava-se sollicito nos meios de ainda valer aos sitiados. Os mouros, no emtanto, por especulação, propozeram treguas e depois condições de paz. D'entre estas a essencial: entrega de Ceuta. D. Henrique estremeceu ao ouvir isto; refreou-se; meditou, e disse sombriamente:—Deus o quer! Mas o coração certamente guardou-lhe algum designio secreto. Ruy Gomes da Silva e Paio Rodrigues foram mandados a Tanger a combinar a paz. Não obstante D. Henrique ordenou que o palanque fosse arrastado para a banda do mar; se áinda podessem tomar os navios!...

Os mouros que eram de longe e não se importavam com a entrega de Ceuta, não fizeram caso das treguas e continuaram combatendo. Era então um desespero no arrayal; a fome, a sêde, os virotões dos inimigos, o ardor do sol; e os navios a salvação, ao longe, a balouçarem-se no mar, como em danças de escarneo aos que se morriam de vêl'os e não attingil'os. Não havia remedio senão resignarem-se ás imposições dos mouros; o Rei de Portugal não romperia guerra com elles durante cem annos e além d'isso ficariam em refens da parte dos portuguezes, D. Pedro de Athayde, João Gomes de Avellar, Ayres da Cunha e Gomes da Cunha, e da parte dos mouros um filho de Zala-ben-Zala.

Em refens da entrega de Ceuta havia de dar-se o Infante D. Fernando. O conselho debateu as condições; os Infantes declararam convictamente que não se devia entregar Ceuta; D. Henrique quiz ficar em poder dos mouros em vez de D. Fernando, não lh'o consentiu este nem tão pouco os do conselho. D. Henrique não insistiu. Que designio lhe passaria pela mente? Sem duvida, considerou que não se entregando Ceuta, era preciso que em Portugal houvesse um homem que se pozesse de novo á frente de outro exercito e fosse alli vingar o desastre soffrido e resgatar á força D. Fernando... e conquistar a Mauritania.

Quem havia cá para esse effeito senão elle? — pensava.

Por isso resignou-se a que ficasse em refens o irmão. Este, saudosamente, mas com a conformação serena dos martyres, ficou.

Elle andára em todo o tempo de combater quasi que n'um sonho, sem enthusiasmos bellicos, só cumprindo o seu dever de cavalleiro, esforçadamente sim, mas sem iniciativa propria. Levado á Africa pelo espirito guerreiro da época, no espectaculo crudelissimo das pelejas, o seu coração suave retrahiu-se de dôr. Aquelle não era o seu meio; melhor fôra que tranquillamente a sua existencia deslisasse na cella de religioso ou no gabinete de lettrado. E no emtanto mostrara-se valente e destemido na peleja e ia ser um heroe no martyrio. Zala-Ben-Zala entregou o tal filho a D. Henrique e este quiz ter a generosidade de o mandar de novo até ás portas de Tanger acompanhando o Infante D. Fernando, que partia para... a morte. Chegado lá, o pae devolvel-o-hia. Era uma prova de confiança para abrandar o animo do mouro. Seria? Ou antes um meio de ganhar pretexto de não cumprir o estipulado na capitulação, allegando que os de Tanger tinham faltado á fé do tratado, se porventura Zala-Ben-Zala não restituisse o filho?

D. Henrique era forçado pelas circumstancias esmagadoras a curvar-se ao poder do mais forte; mas dava buscas á imaginação para ter um meio de vencer ainda a fatalidade que se lhe impunha em toda a sua crueza. Por isso até estimaria que os berberes dos longinquos aduares, não se importando dos tratos com os de Fez e de Tanger, continuassem nas suas arremettidas para o destroçado arrayal como abutres esfaimados a disputar um cadaver. Sim, estimaria; porque não entregou as armas e congregando os mais fortes, foram todos levando, n'um desespero, o palanque até á praia e sob um chuveiro de settas lançaram-se de roldão aos bateis, indo afinal acolher-se ás naus e caravellas os que haviam conseguido supportar as flagellações da tremenda desgraça. E D. Henrique com uma expressão sinistra, taciturno, fez velejar a sua nau para Ceuta e d'ahi mandou dizer a Tanger, a Zala-Ben-Zala, que lhe restituisse o Infante D. Fernando, pois os mouros haviam faltado á fé do tratado atacando os portuguezes que só á força de armas haviam conseguido embarcar. O mouro riu-se da exigencia e mandou D. Fernando para Arzilla.

A alma de D. Henrique era uma tortura; como valer ao irmão em poder dos mouros? Como entregar Ceuta? Como abandonar a conquista da Berberia, tanto do serviço de Deus? — pensava.

Veio um emissario a D. Duarte com a fatal noticia do desastre de Tanger confirmada. Confirmada, porque já esse desastre era referido n'essas atoardas indecisas que precedem as novas tristes, como as ventanias rijas do sul são precursoras das chuvas torrenciaes.

Um dia, a meiados de Outubro, D. Duarte estava em Santarem com D. Pedro ouvindo missa, quando echoou na sua alma triste o rumor de que os Infantes eram em perigo, lá em Tanger.

Santo Deus! Seria possivel!? Bem o dissera elle, que nunca approvara tal empreza; elle que, afinal, por fraqueza dera o consentimento para ella. Seria o responsavel de todo o mal... Ah! bem o sabia. D. Pedro, sempre nobre e generoso, animava-o. Tivesse esperança em Deus. Chamou para ao pé d'elle *fisicos* para

lhe acudirem com remedios ás crises da dôr, e religiosos de bom senso para lhe confortarem a alma. Mem de Seabra, um antigo cavalleiro de Aljubarrota volvido em anachoreta, veiu trazido lá da serra de Ossa, a tremer de velho, com um rosario de bugalhos, fallar ao entristecido rei na misericordia de Deus e na resignação que é *maná* do céo.

Era preciso soccorrer os Infantes. D. Pedro fôra a Lisboa, a preparar navios; e o Infante D. João lá do Algarve velejou em direcção a Tanger; mas um temporal do levante levou-o ás aguas de Arzilla, quando já ahi estava o melancolico prisioneiro que Lazuraque, regente de Fez, levou para a sua cidade, mais tarde, á cautella.

E no emtanto os foragidos de Tanger vinham aportar a terras da Andaluzia, onde a caridade lhes dispensou os maiores desvellos. A Portugal vieram elles depois, n'uma romagem de choros e lamentações, e D. Duarte, suffocado de soluços, foi recebel-os a Carnide. Muitos faziam alarde dos seus padecimentos e clamavam contra a expedição e contra quem a mandara, o que fazia estalar de angustia o coração do Rei.

E D. Henrique porque não vinha de Ceuta? Mandara-o chamar uma, duas e mais vezes. A todos os appellos o Infante não se movia; torturado de remorsos, queria vêr se ainda achava meios de trazer comsigo o irmão. Todavia escrevendo a D. Duarte e ao Rei de Castella, ia já dizendo que não se podia entregar Ceuta e que se congregasse a Christandade para a remissão do Infante. Cheio de duvidas D. Duarte escreveu ás cidades para que em janeiro do anno seguinte (1438) fossem a Leiria, a côrtes. Chegou esse mez; e D. Henrique ainda em Ceuta esperando. O Doutor João de Ocem fallou aos procuradores pedindo a opinião ácerca da remissão do Infante D. Fernando e da entrega de Ceuta.

D. Pedro, D. João e os procuradores de grande numero de cidades disseram:

— Que se entregasse Ceuta, para salvação de D. Fernando e cumprimento da promessa de D. Henrique.

— Não — atalhava do lado o Arcebispo de Braga — não é licito entregar Ceuta aos infieis sem licença do Summo Pontifice, pois como cidade christã, é do seu dominio espiritual.

Outros aventavam que se devia remir o Infante a dinheiro; e outros, como o Conde de Arrayollos, insistiam em dizer que por ninguem se devia entregar Ceuta «que el-Rey tal nom fizesse e conservasse be esse titulo de senhorio de Cepta que elrey Dom Joham tam honrradamente ganhara, e lho legara em sua sepultura excripto em pedra sobre seus ossos, mais pera ho elle acrecentar que minguar». [1]

E D. Duarte á vista de tão encontradas opiniões mandou saber a do Papa. O desditoso D. Fernando lá do seu desterro, macerado de torturas, fez chegar até ao coração de D. Duarte um ai de angustia, pedindo a redempção. O Rei quasi

(1) Ruy de Pina—*Chronica de D. Duarte*, cap. 41.

desmaiou de choro. D. Henrique porque não vinha fallar-lhe, dar-lhe o seu conselho, auxilial-o a salvar o irmão?!

Ao fim de cinco mezes o Infante chegou ao Algarve, mas participou a D. Duarte que lhe pedia para não lhe dar o desgosto de entrar em Lisboa sem D. Fernando, e então o Rei, n'uma ancia, foi a Portel, aonde D. Henrique veio a fallar-lhe.

Pallido de commoção D. Duarte e sombriamente tragico o Infante encontraram-se ahi. O primeiro pediu conselho,—que por Deus lhe tirasse as duvidas em que estava, que se livrasse D. Fernando e lhe dissesse se deveria entregar Ceuta...

—Entregar Ceuta, nunca, que é uma cidade de Deus.—replicou D. Henrique, phreneticamente—Dai-me vinte e quatro mil homens com que eu passe novamente á Africa, e *filhe* Tanger e Arzilla e Fez, salvando o nosso irmão.

D. Duarte ficou como fulminado com o louco intento. Pareceu-lhe que o juizo lhe fugia ao ouvir dizer tal; e cabisbaixo, com uma expressão de pavor no olhar, foi para Evora. D. Henrique volveu a Sagres, despeitado. Não se podia entregar Ceuta, pensava elle, e então fazia chegar, por meio de alfaqueques d'aquella praça, conselhos ao Infante D. Fernando para que tratasse de evadir se. Mas o infeliz não se aproveitou jámais de qualquer occasião de fugir ao mouro, para não deixar-lhe expostos á crueldade os poucos servidores que lá o acompanhavam dedicados!

E assim definhando em meio das maiores torturas veio a ter o allivio da morte, o triste, só seis annos depois, em 1443.

D. Duarte logo após a entrevista de Portel com o Infante D. Henrique, sentira a peste empolgar-lhe o corpo, que as angustias da alma arruinavam, e veio a morrer a Thomar. A custo, na sua agonia, dissera e tambem em seu testamento recommendara que se entregasse Ceuta para salvar o Infante D. Fernando. Mas o Papa Eugenio IV veio afinal a responder á Rainha-Viuva que de modo algum se tornasse aos infieis aquelle baluarte do Christianismo, na Africa.

D. Henrique por seu turno cada vez mais sombrio e mais austero, desviou os olhos da Mauritania; e em Sagres, ouvindo o estourar das vagas despedaçando se de encontro ás penedias, deixava voar o pensamento por esses mares afóra, inquietos como a sua alma batida pela tortura da derrota; e passava dias e dias curvado sobre mappas e tratados de marear, buscando na floresta densissima e emmaranhada do estudo colher a flôr estranha cujo perfume lhe desse o esquecimento da fatalidade.

CAPITULO VIII

O OURO DA GUINÉ

Começou então o Infante D. Henrique vivendo habitualmente na sua Terça Naval, em Sagres, e todas as suas attenções se dedicaram ás descobertas. O mar violentissimo de mouros repellira-o das terras marroquinas, embatendo-o com as suas ondas rugidoras em que os lampejos de lanças e punhaes assimilhavam-se á brancura das espumas; e então elle vencido por esse mar humano, com o despeito da derrota e com a tenacidade de um destino, volveu-se inteiramente ao Oceano, que já lhe apresentara tão fagueiras primicias nas ilhas encontradas, e já acalmara suas vagas no Bojador, o portico nunca transposto do mundo austral, para que as caravellas fossem como pombas da Arca dar a essas regiões incognitas a boa nova da crença christã.

A passagem do Bojador foi um successo que deu brado no mundo.

Começaram os cosmographos de então a prolongar em suas cartas de marear o litoral do occidente da Africa. Isto mesmo allegou a Carta regia de Affonso v, sendo Regente o Infante D. Pedro, dada em 22 de Outubro de 1443, para que não se fosse além do Bojador sem licença do Infante D. Henrique e concedendo ao mesmo o quinto e o dizimo do que de lá trouxessem, em cuja carta se dizia que D. Henrique «se meteo a mandar seus navjos a saber parte da terra que era alem do cabo Bojador, porque atee entam nom avja njngem na cristendade que d ello soubere parte, nem sabiam se avia la poboraçam ou nom, nem direitamente *nas cartas de marear nem mapa mundo nom estavam debuxadas senom a prazer*

dos homens que as faziam des o dito cabo de Bojador por dhiante» dizendo mais «e, por ser cousa duvjdosa e os homes se nom atreverem de jr, *mandou la bem xiiij (14) vezes, atees que soube parte da dita terra*». [1] Estas ultimas palavras mostram bem a *tenacidade de esforços que D. Henrique empregou para que se vencesse o famoso Cabo*, esforços que já foram contestados.

A casa do Infante, no promontorio de Sagres, tornou se uma eschola de nautica e cartographia. D. Henrique era um rei, — um rei de marinheiros. Com elles se formava a sua côrte, com elles o seu exercito. E iam e voltavam; á costa africana, ás ilhas da Madeira, ao archipelago açoriano, ás Canarias. N'aquella enseada de Sagres vinham fundear todas as caravellas para receber as ordens do Infante. Ahi se concertava o velame, que os ventos do sudoeste, fortissimo, despedaçara ás tiras, lá nos mares do Bojador; ahi se calafetavam os cascos feridos pela aresta dos recifes da accidentada costa africana. Na praia era um arsenal; uns, estrinqueiros, torcendo canhamaço, outros cortando o panno de treu para as vélas, outros serrando madeira de sovereiro e de pinho, para o cavername. Na praia eram em tarefa os braços; na casa do Infante os cerebros calculavam. Ahi vinham todos os pilotos aprender e D. Henrique sempre estudioso, elucidava-os no rumo que deviam seguir a buscar a volta do continente africano para o mar das Indias.

Os práticos das descobertas já realisadas ensinavam os outros ainda não experimentados nos mares recentemente percorridos; e D. Henrique mandou vir, á força de offertas, de Mallorca, o cosmographo mestre Jayme para delinear cartas de marcar que mestre Pedro, pintor, ia traçando nos pergaminhos. O Infante, attento, assistia a tudo; e aconselhava como sendo mais facil para o calculo de marear, adoptar nas cartas os graus de longitude eguaes aos de latitude, isto é, que se fizessem planas. Jayme de Mallorca, já habituado a esse systema nas cartas catalans, concordava. Era uma facilidade mas um erro que só mais tarde Gerardo de Mercator corrigiria pelas compensações, de que Eduardo Wright formularia a lei. Houve, pois, na casa de Sagres este convivio instructivo ácerca de nautica, durante todo o resto da vida do Infante. Parecia na realidade uma *eschola*, em toda a acepção da palavra. Comtudo n'este sentido não ha elementos para affirmar que o fosse. Nem pelas cartas do Infante D. Henrique nem tão pouco em seu testamento se encontra a minima referencia a tal eschola. Em casa do Infante se traçavam portanto as cartas de marear para os pilotos levarem em suas caravellas; preparavam se os *astrolabios* já usados pelos arabes desde o século XII, com seu quadrante e alidade para tomar a altura das estrellas, os niveis e a bussola. [2]

---

(1) Archivo Nacional da Torre do Tombo. *Chancellaria de D. Affonso V*, liv. 24, fl. 61. (Vidè *Alguns documentos da Torre do Tombo*, etc., pag. 8.)

(2) A bussola foi usada pelos Chins, na dynastia dos Wang-Ty, segundo o missionario Martim, auctor da *Historia Sinica*. Os arabes usavam-na desde o século XII, não só no mar, mas tambem nos desertos, para orientar as caravanas. Na Europa, Guyot de Provin, na *Biblia Guyot*, fallou na bussola, por 1204; egualmente Jacques de Vitry na *Historia Hierosolimitana;* Vicente de Beauvais ou Bellovacense (1262); Alberto Magno, no *Tratado dos Metaes* (1280); Bruneto Latino, no dialogo *Tresor* (1294) e Raymundo Lullio, *Doctor illuminatus*, no tratado *De Contemplatione*, disse: *Sicut acus per naturam vertitur ad Septentrionem dum sit tacta a magnete*, ita oportet quod tuus servus se vertet ad amandum et laudandum suum Dominum Deum (cap. 129) — *Quia sicut acus nautica dirigit marinarios in sua navigatione*, ita discretio dirigit hominem in adquisione Sapientiæ (cap. 291). Flavio de Gioja foi um aperfeiçoador da agulha de marear que mais ou menos se usava desde o começo do século XIII.

Só em 1440 foi que D. Henrique proseguio na descoberta da costa africana para além do Bojador, enviando lá duas caravellas, que nada adiantaram á ultima viagem feita pelo Baldaya, depois de Gil Eanes ter dobrado o temeroso Cabo.

Desde a volta de Tanger até essa data o Infante D. Henrique vio se envolvido, máo grado seu, nas disputas e contendas da menoridade de D. Affonso v. Quando D. Duarte morreu, immediatamente lá do seu retiro de Sagres o Infante veio para acompanhal'o no sahimento. Quando chegou a Thomar já se havia aberto o testamento de D. Duarte e n'elle se declarava regente a rainha.

Já tinham havido conselhos a D. Leonor que chamasse para regente algum dos tres Infantes, D. Pedro, D. Henrique e D. João «grandes senhores e de grande autoridade» que «hãodestimar por quebra e abatimento de seus estados serem regidos por mulher». [1] Allegavam que D. Duarte não tinha direito a eleger Regente do Reino por que isso pertencia ás côrtes; e insinuavam á viuva do rei, que deixasse a regencia porque «vos hão bem abastar terdes cuidado da criação de vosos filhos e do descargo dalma do Rey voso Marido que são cousas asas grandes e honrradas e onestas». [2] Acudiram outros dizendo o contrario. Era um começo de divisão. D. Henrique chegou a Thomar e houve lagrimas copiosas ao seu encontro com a cunhada e os irmãos d'elle. Mostrou se indifferente aos diversos dictames que já haviam ácerca da Regencia; comtudo aconselhou que as cartas convocatorias das côrtes fossem subscriptas pelo Infante D. Pedro. Este recusou tenazmente, com medo que já o julgassem ambicioso de reinar, e D. Henrique, não insistindo, retirou-se novamente para a sua Terça Naval, emquanto não se reuniam os procuradores ás côrtes. Era um respiro para elle. As machinações do irmão bastardo Conde de Barcellos, atiçavam a aversão antiga da Rainha para com o Infante D. Pedro. Este era instado pelo povo para que fosse só elle o Regente; o Conde de Barcellos multiplicava se em esforços para que a Rainha governasse só, para elle ter a supremacia e a riqueza que ambicionava «como home que pera acrescentar per qualquer maneira seu nome e proveito teve sempre grande cuidado». [3]

Era uma difficuldade, que parecia irremediavel. Lá se chamou o Infante D. Henrique para que viesse resolvel'a. N'uma pressa veio, decerto com o pensamento nas descobertas maritimas que desejava proseguir, e rapidamente propoz um accordo: que a Rainha-Viuva fosse *tutora e curadora* de D. Affonso v, que D. Pedro fosse o *defensor* do reino e o Conde de Arrayollos tivesse a seu cargo a justiça.

Queria assim o Infante contentar a todos: Rainha, D. Pedro e Conde de Barcellos. Este induzio D. Leonor a que não acceitasse tal accordo, o que ella fez. D. Henrique, despeitado e aborrecido de taes questões, abandonou o caso e foi de novo para Sagres. Mas o povo alvorotou-se e o accordo proposto pelo Infante foi jurado solemnemente em um altar. Mas de que maneira! Só o Arcebispo de Lisboa, grande partidario do Barcellos, foi que teve a hombridade de sem rodeios

(1) Gomes Eanes de Azurara — *Chronica de D. Affonso V*, cap. 11 (mss. 793/338 da Bibliotheca do Porto).
(2) Idem.
(3) Gomes Eanes de Azurara— *Chronica de D. Affonso V*, cap. 10.

declarar que não jurava tal accordo, que nada resolvia. Os outros juraram de tal maneira que deixava margem a futuras contradicções. D. Henrique, indifferente, estudava os mappas, ouvia os seus marinheiros, e deixava correr os negocios politicos; as intrigas do Conde de Barcellos, os despeitos da Rainha, os pactos de D. Pedro com D. João O povo de Lisboa pronunciou-se tumultuariamente em favor da regencia de D. Pedro; e ahi se publicou o accordo da eleição do Infante, calorosamente defendido e seguido pela capital e pelas outras cidade do reino, pelo Porto especialmente. Em vista d'isso não deixaram em paz D. Henrique, e lá foram levar-lhe o accordo para que a elle adherisse; D. Henrique ficou descontente com o modo como se fizera a eleição de D. Pedro; isso pertencia ás côrtes e não ao povo reunido em tumulto; e que estivessem os de Lisboa em paz e socego, que elle iria a Coimbra a vêr se congraçava D. Pedro com o Conde de Barcellos. Os de Lisboa não ficaram contentes com a resposta de D. Henrique e o Infante D. João mandou-lhe dizer que o povo fizera bem.

D. Henrique encolheria os hombros e diria de si para si—quando acabará isto? Quizeram que a Rainha deixasse ir o Rei ás Côrtes que se haviam de realisar em Lisboa, no Dezembro de 1439, e para isso D. Pedro e D. Henrique, em Pereira, proximo de Coimbra, combinaram com o Conde de Barcellos para que este fosse a Alemquer pedir á Rainha para comparecer nas côrtes. O Conde foi, mas a resposta de D. Leonor resumio-se em dizer que não ia sem tudo estar reposto no mesmo pé em que estava antes dos motins de Lisboa. E' escusado dizer que essa resposta fôra suggerida pelo proprio mensageiro. Voltou este a Coimbra a participar isso a D. Pedro e a D. Henrique; pois este já ahi não estava; nem esperara a resposta da Rainha e fôra n'um instante até ao seu retiro predilecto cuidar nas caravellas que preparava para tornarem além do Bojador. Não o deixaram lá estar muito tempo porque sabendo que a Rainha lhe era agradecida foram pedir-lhe para vir influir com ella para que deixasse o pequeno Rei comparecer nas côrtes de Lisboa. Isto mesmo conseguiu D. Henrique, indo a Alemquer fallar a D. Leonor. Depois das côrtes realisadas a 10 de Dezembro de 1439, nas quaes o Conde de Barcellos se declarou bem inimigo do Infante D. Pedro, eleito Regente, um procurador cá do Porto propozera que o Rei não fosse creado com mulheres e que os Infantes o educassem no amor do povo. Chamava-se esse infanção portuense João Gonçalves. Depois de hesitações da parte de D. Pedro, sempre se chegou a uma concordia com D. Leonor, apesar dos protestos de todos os seus partidarios. O Conde de Barcellos não se contentou porém, e alliou-se com os Infantes de Aragão, os irmãos de D. Leonor. D. João, o Infante mandou extranhar-lhe tal acto, por intermedio do clerigo Vasco Gil, e D. Henrique tambem desviou um pouco a sua attenção das cousas do mar e fez partir Fernão Lopes de Azevedo, Commendador-mór de Christo, até onde se achava o bastardo de D. João I, a censurar-lhe egualmente a sua alliança anti-patriotica. Ora D. Pedro tambem se alliara com D. Alvaro de Luna, o Condestavel valido de Castella, e porisso o Conde de Barcellos respondeu ao irmão D. Henrique «que não desistia do que tinha feito porque sabia bem que lhe cumpria». [1]

---

(1) Gomes Eanes de Azurara—*Chronica de D. Affonso V*, cap. 51.

D. Henrique não ficou satisfeito com a resposta; resolveu-se a ir a Vizeu e nas proximidades de Lamego, no mosteiro de S. João de Tarouca viu-se com o Conde de Barcellos. Este que havia induzido a Rainha a fugir para o Crato, onde o prior Nuno de Goes se fortificara, não pôde ser trazido á concordia pelo Infante. Retirou-se este, voltando a Sagres. De lá novamente foi tiral-o D. Pedro, entregue ao cêrco do Crato, e nomeou-o para ir a Vizeu tomar conta da *marqua* da Beira. Estava tudo em pé de guerra. No emtanto,—conseguindo D. Leonor escapar-se para Castella, com o destino de vir pelo norte e, entrando pelas terras de Alvaro Pires de Tavora, encontrar-se com o Conde de Barcellos,—D. Pedro, que isto soube, deixou o Alemtejo e veio a Vizeu ter com D. Henrique, onde combinaram chamar o irmão bastardo, que estava em Guimarães. O orgulhoso Conde mandara dizer a D. Leonor que não entrasse em Portugal, porque elle não podia auxilial-a, e incumbira o filho, o Conde de Ourem de vir participar a D. Pedro e a D. Henrique que não os deixava passar o Douro. Em Mezão-frio, fizera elle afundar todas as barcas que haviam no rio. Afinal depois de voltar o Conde de Ourem com resposta do pae identica á primeira, D. Pedro, irritadissimo, fez preparar uma ponte de toneis, no Douro, com o fim de passar o exercito para as terras do Barcellos. Afinal este congraçou-se com o irmão, manhosamente, e indo a Lamego, elle e D. Pedro, mostraram-se tão amigos que no dizer do chronista *não daram passada que não se abraçassem*. D. Henrique exultou vendo os irmãos apparentemente congraçados, e n'uma pressa deixou o exercito e foi n'um momento para as suas terras do Algarve.

Era isso em 1441. Mais descansado, D. Henrique mandou então preparar uma caravella, cujo commando deu a Antão Gonçalves, seu guarda-roupa.

—Ide—dissera-lhe elle—até além do Bojador; fazei por tomar terra e saber se ella é povoada. Se não, ao menos, trazei-me pelles d'esses lobos-marinhos que o Baldaya viu.

Foram com Antão Gonçalves umas vinte e uma pessoas e entre ellas um Affonso Guterres, escrivão e moço de camara do Infante.

Foram seguindo a rota costumada, passaram o Bojador, a Angra dos Cavallos e em antes a dos Ruivos, encontrando os lobos-marinhos cujas pelles o Infante mandava buscar.

Mas Antão Gonçalves combinou com o tal Guterres irem a terra afim de encontrarem alguem, pois que era esse o desejo de D. Henrique. Assim fizeram. Saltaram da caravella a um batel que atracou á costa. Iam os dous e uns nove marinheiros com elles. Seguiram para aquella solidão, quando tres leguas para o interior, avistaram ao longe um homem caminhando pacificamente atraz de um camello. Os portuguezes correram sobre elle e Affonso Guterres lançou-lhe a mão, aprisionando-o. O homem, levava tres dardos, mas de estupefacto nem pôde servir-se d'elles para defender-se.

Quem eram aquelles desconhecidos?—pensaria elle. Como appareciam alli n'aquelle deserto que elle ia atravessando em jornada?

E Affonso Guterres, todo contente, ia levando comsigo para o navio o pobre

alarve. De caminho encontraram outros alarves em numero de dez homens e uma mulher; tomaram só esta e deixaram os primeiros. Mas chegando ao navio, sentiram um pasmo e uma alegria; para o norte avistavam no mar as agudas azas de uma outra caravella. Era a de Nuno Tristão que chegava. Vieram á falla os das duas caravellas e Nuno resolveu ir aprisionar os taes *mouros*. Antão Gonçalves foi seguindo aquella costa arida e erma até chegar a uma como que embocadura de rio, tão ampla quanto de baixo fundo. Era um esteiro de seis leguas pela terra dentro, a que depois pozeram o nome de Rio do Ouro, porque voltando Antão Gonçalves ao reino com Nuno Tristão e os prisioneiros alarves, um d'estes pediu para se resgatar do captiveiro, bem como os companheiros; Antão Gonçalves, influindo com o Infante D. Henrique, levou-os ao tal esteiro, deixou ir ao interior um d'elles, que nunca mais appareceu, mas em vez d'elles vieram uns poucos tendo por chefe um, apparentando authoridade, montado em um camello branco, e este resgatou os outros mouros por dez azenegues e algum *ouro* em pó.

Além d'esse ouro, primicias do das regiões de Tiber, trouxe mais Antão Gonçalves ao Infante uns ovos de ema, que foi manjar que por então nenhum outro principe da Europa teve em sua meza. Ouro! o ouro da Guiné! assim que isto constou mudaram-se as disposições dos que escarneciam das navegações do Infante; ouro, então a essas regiões riquissimas poder-se-hia chegar e valia a pena exploral-as. E vinham captivos tambem! Na realidade o Infante tinha razão. Este tambem pensaria que se approximava o momento de ir encontrar as regiões maravilhosas das Indias, que ambicionava, pois segundo algumas das ideias geographicas da epoca, cuidaria que vencido o Bojador e continuando a costa, esta em pouco voltaria ao Oriente, abrindo e guiando passagem para o reino da especiaria e das pérolas.

Nuno Tristão por seu turno tambem voltou com a sua caravella, e passando além do rio do Ouro, evitou os barrocaes e baixios até ao Cabo das Barbas e d'ahi á Pedra da Galé e depois a um outro cabo, o qual se destacava por um montão alvejante de areia, que lhe fez dar a essa ponta de terra o nome de Cabo Branco.

Notou que a costa se dirigia a susudeste e continuou vogando, cautellosamente, pois os baixios e restingas eram muitos, e assim chegou á ilha de Arguim *(Adejet* ou *Ghir)* onde lançou mão a uns quatorze azenegues, regressando ao Algarve depois.

As gentes pasmaram; essas longinquas terras não eram como as ilhas do Atlantico, *novamente achadas*, aonde era preciso levar gente de Portugal para povoal-as, pensavam. Não, n'essas regiões haviam povos; era preciso pois exploral-as. O espirito de mercantilismo animava-se. Pelas ruas e lojas de Lagos fallava-se com calor em expedições commerciaes aos paizes encontrados. D. Henrique soube d'isso e exultou por vêr o povo interessado nos seus commettimentos. Tinha elle como almoxarife um tal Lançarote, homem astuto e emprehendedor, que por suggestões do Infante foi o iniciador de uma companhia de commercio, á imitação das *companhas* de pesca, destinada a armar navios que fossem á exploração da costa africana e de lá trouxessem o ouro e os captivos. D. Henrique pediu então e obteve do Infante-Regente, pela carta régia de 22 de outubro de 1443, o *privi-*

legio de só com licença d'elle irem ás terras além do Bojador e das mercadorias que de lá trouxessem elle ter o quinto e o dizimo. (1)

Em 1444, Lançarote partiu de Lagos. Foram seis caravellas,—uma frota, em busca de um outro *vellocino de ouro.* Gil Eanes, que dobrara o Bojador, o patriarcha dos descobrimentos, ia tambem. Era um bom auxiliar para a empreza. As caravellas bateram as agudas azas e como que voaram donairosas pelo oceano a fóra, com as cruzes de Christo nos brancos velames destacando-se; e os moradores de Lagos seguiram-as então com o olhar ancioso ambicionando já vêl'as voltar carregadissimas do precioso metal.

Foram seguindo a costa as caravellas, dobraram o Bojador e lá fizeram derrota até á ilha de Arguim, onde Nuno Tristão *filhara* azenegues. Chegados, começaram n'uma faina de atacar aqui e alli, pelas ilhas das Garças e de Naar, as miseraveis povoações dos indigenas, arrastando-os, todos os que podiam, como em uma rede, para as caravellas. Pescaria nova. Depois de fadigosos e accidentados episodios, as embarcações bolinaram as vélas e dando o bôjo d'estas ao norte voltaram a Portugal. Rangiam, de pesadas. N'ellas traziam mais de dois centos de captivos, mouros e azenegues. E os capitães das caravellas já vinham lançando a conta d'aquella *mercadoria.* Assim que chegaram, a multidão correu á praia a vêl'os, curiosa e interessada; D. Henrique, a cavallo, foi assistir á repartição dos captivos e tomar o quinto que lhe pertencia. E como mostra de piedade, o Infante deu um dos seus mouros á egreja de Lagos e outro á de S. Vicente do Cabo. Os desgraçados olhavam espavoridos tudo o que se lhes apresentava, bem estranho para elles; ninguem entendiam e ninguem os entendia. Muitos choravam; outros com os olhos fitos no chão, n'um embrutecimento de pavor, esperavam resignados o seu destino. Dividiram-os á sorte; e quando eram separados uns dos outros, haviam scenas lancinantes de despedida, a que D. Henrique e todos assistiam com serenidade de bronze. *Aquillo* não era bem gente, pensariam muitos. No emtanto, depois de elles todos baptisados, tratavam-os bem, e dos homens muitos se tornaram bons mechanicos e as mulheres eram creadas em muitas casas. Estabelecia-se assim o trafico de escravos, que mais tarde em 1452 a bulla *Dum diversas,* de Nicolau v, authorisava. (2) O espirito religioso coloria com os seus cambiantes ideaes o instincto do lucro, que verdadeiramente incitava a essas expedições commerciaes assim iniciadas;—«são almas conquistadas para Deus»—pensavam, considerando por isso o feito bom. E portanto, todos, á uma, pediram ao Infante que armasse cavalleiro a Lançarote, o que D. Henrique muito gostosamente fez. Como que renascia Carthago; os guerreiros volviam-se em mercadores; a honra da Cavallaria perdia o idealismo aryano e o genio semita dava a orientação aos espiritos...

(1) Archivo Nacional—*Chancellaria de D. Affonso V,* livro 24, fl. 61. (Vidè *Alguns Documentos da Torre do Tombo,* etc.)
(2) Archivo Nacional—*Collecção de Bullas,* masso 29, n.º 6. (Vide *Alguns Documentos da Torre do Tombo,* etc., pag. 14.)

Em 1445 um Gonçalo de Cintra foi mandado pelo Infante em demanda da Guiné, *a terra do Ouro*. Fatal destino era o seu de ir marcar com a sua morte um ponto na costa da *Africa portentosa*. Seguio até ao Cabo Branco; levava um azenegue como interprete que na primeira occasião favoravel se escapou; desceu á ilha de Arguim e depois á de Naar d'onde os indigenas se retiraram rapidamente, em *almadias*, para a costa; perseguio-os Gonçalo de Cintra e entrando n'um batel em um esteiro, vasou a maré, ficou o barco em secco, e uma multidão de barbaros mataram-o, bem como a Lopes Caldeira, Lopo de Alvellos, um Jorge moço de estribeira do Infante, Alvaro Gonçalves, piloto, e tres marujos. As primeiras victimas da exploração africana, n'essa angra que ficou sendo de Gonçalo de Cintra.

Em 1445 mais tres caravellas com Antão Gonçalves, Diogo Affonso e Gomes Pires, aproaram ao mar com a tenção de ir ao Rio do Ouro, d'onde o primeiro havia trazido o ouro em pó.

—Entrai n'elle e vêde se achais mouros a quem converteis ou com quem façamos commercio—dissera o Infante. Lá foram e voltaram como tinham partido. No Rio do Ouro tudo deserto, ninguem apparecera.

Não importava; o ouro sempre appareceria. Seguisse-se ávante. No entanto um certo João Fernandes, que ia na flotilha, offereceu-se para ficar no rio do Ouro, e ahi effectivamente ficou, com o audaciosissimo e inaudito fim de internar-se no territorio a vêr se encontraria gente.

Foi o primeiro dos portuguezes que a tal se atreveu. Elle sabia o arabe e o berbér; viu affastarem se as caravellas; um ultimo adeus aos que vinham, e com animo resoluto deixou a praia e dirigiu-se pelas solitarias terras para o sertão.

Por esse tempo um antigo escudeiro de D. João I, Diniz Fernandes ou Dias, armou uma caravella em Lisboa e avançou até ao rio *Sanagá* (Senegal),—de que o Infante havia noticia por informações dos azenegues captivos,—dando-lhe na vista o arvoredo alto de palmares que na parte do nordeste se destacava do tom arenoso da costa. Era esse arvoredo a floresta de *Chalam*. O rio fazia a divisão do paiz dos azenegues do dos Jalofos e mandingas.

Diniz Dias ainda avançou até ao *Cabo Verde*. Ninguem tinha levado a tão longe a navegação.

Quando voltava encontrou uma *almadia* de negros; estes assim que viram a caravella vogando ficaram espantadissimos.

Que estranho e gigantesco passaro era aquelle?! E com a admiração e o pasmo em que ficavam, cessaram por algum tempo de mover as pernas, que eram os remos do seu barco, e por isso os portuguezes alcançaram-os e lançando a mão a quatro, trouxeram-os ao Infante. Os primeiros negros! O espanto em Portugal foi immenso. E D. Henrique, ouvindo Diniz Dias referir-lhe o encontro do rio *Sanagá*, disse «que este era o braço do nylo que corre pela ethiopia contra oncidente». (1)

(1) Duarte Pacheco Pereira—*Esmeraldo de Situ Orbis*, cap. 26, livro I.

E João Fernandes, o sertanejo? Antão Gonçalves foi em procura d'elle. Levou tres caravellas, e partiram com elle Diogo Affonso e Garcia Mendes. O primeiro d'estes dous arvorou no Cabo Branco uma cruz de madeira, e todos encontraram o João Fernandes. Este vivera lá sete mezes, nutrira-se de pescado e leite de camella; travara boas relações com os alarves que iam ao *paiz do ouro*. Disse-lhes que estava proximo um tal *Ahude Meyman*, com quem Antão Gonçalves podia tratar resgate.

Chegaram á falla e ao ajuste, e o mouro deu onze negros e ouro em pó. Ainda chegaram depois até á ilha de *Tyder*, a mais ao sul das de *Arguim*, mas voltando logo chegaram a Lisboa,—porque o Infante D. Henrique a esse tempo achava-se em Vizeu, accidentalmente, — e ahi o povo foi recebel-os com tal curiosidade e em tão grande numero, que saltando á porfia ás caravellas quasi estiveram estas para afundar-se com o peso. Imaginava aquella gente que os navios traziam ouro que chegasse para dividir por todos! O Infante veio a correr ouvir João Fernandes que lhe referiu minuciosamente toda a sua vida no sertão da Africa, dando-lhe todas as informações de terras que podera colher, descrevendo-lhe os usos e costumes dos povos, as feras, as aves e os vegetaes. D. Henrique sorria, desvanecido com o exito do seu commettimento descobridor.

Depois succederam-se as expedições á busca de escravos e em demanda do resgate do ouro. Gonçalo Pacheco, thesoureiro da casa de Ceuta, Diniz Eanes da Grã, Alvaro Gil e um Mafaldo, lá foram até ás ilhas de Arguim. N'ellas andaram á caça dos indigenas, e audaciosamente deram em cheio em terra de Jalofos, para além do Cabo Verde.

Isto era o que o Infante queria, descobrir, descobrir...

Não estaria a India perto?... O reino do Preste Joham?...

O Lançarote de Freitas organisou então uma frota para ir á ilha de *Tyder*. Havia lá muitos escravos. Era uma frota importantissima; n'ella iam Soeiro da Costa, sogro de Lançarote, guerreiro esforçado, que estivera em varios cercos e acções, em Soissons e Arras em Azincourt e Valmont; o commendador spathario de Aljezur, Alvaro de Freitas; Rodrigo Annes Travassos, da casa do Infante D. Pedro; o patrão Gomes Pires; Gil Eanes; Fernandes Palenço, que ia em uma fusta; Diniz Eanes da Grã; Diniz Dias ou Fernandes, o que descobriu o rio *Senegal*, que ia n'uma caravella de D. Alvaro de Castro, depois Conde de Monsanto; João de Castilho, em outra do futuro Conde de Atouguia; Tristão Vaz, do Machico, e Alvaro de Ornellas; Alvaro Fernandes, do Funchal. Vinte e seis caravellas ao todo e a fusta do Palenço. Quatorze d'ellas sahiram de Lagos a 10 de Agosto de 1447, sendo logo divididas por grande temporal. Por esse tempo vinha D. Henrique a Coimbra, chamado pelo Regente, para que lhe armasse cavalleiro o filho, D. Pedro. D. Henrique cumpriu a vontade do irmão, mas todas as suas attenções estavam cada vez mais voltadas aos negocios africanos.

E a expedição de Lançarote lá seguia, afinal; reunida aqui uma caravella, acolá outra, até á ilha de *Tider* foi indo quasi toda. Ahi houve combate. Gil Eanes, o

do cabo Bojador, levava a bandeira da Santa Cruzada. Resolveram passar além das ilhas de *Arguim*. Alguns não quizeram e voltaram; entre elles Soeiro da Costa, armado cavalleiro no mysterioso continente, que veio dar uma assaltada a *Tyder* e ás ilhas de *Palma* e *Gomera*, das *Canarias*. Lançarote passou além até ao *Sanagá;* ahi houve temporal que separou os navios; e seguindo mais, até Cabo Verde, outro temporal os disseminou. Foram ter a pontos desencontrados: Lourenço Dias, ao *Senegal* ou *Sanagá;* Gomes Pires, ao rio *do Ouro;* Lançarote, Vicente Dias e Alvaro de Freitas, a *Tyder;* e Diniz Dias ou Fernandes e o Palenço até á ponta de *Santa Anna*, nome este que fôra dado por um Alvaro Vasques da expedição de Gonçalo Pacheco e que lá chegara. O Palenço perdeu ahi a sua fusta. Depois voltaram ao reino. Traziam alguns escravos; porém não haviam conseguido ouro. Para uma frota tão numerosa era uma decepção.

Era preciso que não se perdesse o meio de conseguir o ouro, e como os do *rio do Ouro* se mostraram esquivos com Gomes Pires e João Gorizo, com quem trataram n'um ponto, seis leguas além d'aquelle braço de mar, fugindo sem trazerem o ouro promettido, D. Henrique mandou um seu escudeiro chamado Diogo Gil, homem douto, que fosse a *Messa*, no *Sus*, doze leguas além do cabo de *Guer*, a vêr se resgatavam. Ahi, João Fernandes, o sertanejo, que ia na caravella, desceu e arranjou cincoenta e um pretos, os quaes mandou ao Infante, bem como um leão, que D. Henrique depois enviou para a Irlanda, a um seu amigo.

Mas o ouro não viera e porisso o Infante, obedecendo tambem á sua ideia fixa de descobrir regiões novas, não cessava de mandar correr sempre ávante na costa africana.

Já em 1446, Nuno Tristão conseguia ir além do *Cabo dos Mastros*, mas encontrando em um rio tres almadias com negros, que o atacaram, foi morto, bem como João Correia, Diogo Machado, Duarte de Hollanda, Estevam de Almeida e outros. Então Alvaro Fernandes ainda avançara mais trinta e duas leguas além do rio em que morrera Nuno Tristão, e que ficou tendo este nome, e assim iam-se approximando as caravellas do Infante da aurifera Guiné.

Em Sagres, na sua Terça Naval, que já se transformava em uma villa, a *sua villa* (1), o Infante estudava e aprendia e ensinava os pontos mais reconditos da arte de navegar e os processos mais efficazes da sciencia de colonisação.

E n'esse exercicio que lhe absorvia todas as attenções vieram perturbal'o os malaventurados successos, que tiveram seu epilogo em Alfarrobeira. D. Henrique, assim que viu atear-se de novo o incendio que o trabalho occulto e tenaz do irmão Conde de Barcellos, já então Duque de Bragança, (2) não cessava de provocar com

(1) «E pero que aa dicta villa chamassem alguns outros nomes, eu creeo que o seu proprio, segundo a tençom daquelle que a mandou fundar, era que se chamasse a villa do Ifamte, ca elle meesmo assy a nomeava em suas pallavras e scriptos.»
Azurara— *Chronica do Descobrimento e Conquista da Guiné*, cap. 5.º

(2) Tendo fallecido D. Duarte, senhor de Bragança, o Conde de Ourem, filho do de Barcellos, pediu a D. Pedro esse senhorio, mas já antes do pae o haver sollicitado tambem ao Regente. Este declarou ao irmão já tel'o dado ao filho Ourem; então transferiu-o este para o pae, que ficou Duque de Bragança.

as suas intrigas, ficou despeitado. Era incorrigivel o irmão bastardo—pensaria—velho e sempre ambicioso! E como se não bastasse todo o seu rancor para com o Infante D. Pedro, ainda agora tinha ao lado o filho segundo, o Conde de Ourem, a atiçar as insidiosas machinações contra o Regente. O velho Duque ao norte impondo se ás populações, e o Conde influenciando o rei—um rapazito, pouco lucido, de quatorze annos—com suggestões malévolas a cada passo segredadas, minavam toda a reputação do Infante D. Pedro, e abalavam todo o edificio social a que a sua intelligencia dera traça. D. Henrique seria chamado tambem a intervir n'essas contendas imminentes? Vêr-se-hia, de novo, obrigado a combinar concordias, a aplanar difficuldades? Mas como havia de abandonar as suas expedições africanas? Lançarote não deixaria de continuar a levar as caravellas á busca do ouro e dos escravos... E não tinha elle a colonisar as ilhas dos Açores? Com estes pensamentos o Infante mal se informava do que ia succedendo na côrte e continuava em Sagres... Mas D. Pedro, retirado em Coimbra, tendo deixado a Regencia; e o joven Rei aturdido com as calumnias a cada passo levantadas contra o Infante pelo Conde de Ourem e sequazes; e o velho Duque, sempre o genio máo da familia de Aviz, deixando Chaves e indo a Ponte do Lima, a Guimarães, a todo o Minho, entrando no Porto a provocar a sizania entre os moradores da cidade, que em partidos se dividiam e agrupavam tumultuariamente contendendo ácerca dos negocios da governação, a tal ponto que foi preciso o Rei chamal'os á ordem, influiram no animo de D. Henrique a ir a Coimbra com o Conde de Abranches, o capitão mór, a tentar um accordo com D. Pedro. Mas já o Ourem tinha vencido completamente o animo de D. Affonso v, joguete infantil nas mãos dos ambiciosos; e toda a regencia fôra condemnada; e os partidarios do Infante eram perseguidos e desapossados dos seus bens; e o Duque de Bragança, reunindo bésteiros em massa, vinha descendo do Minho e fazia ajuntar caravellas em Villa de Conde e em Mathosinhos para transporte de forças a Lisboa com fim de combaterem D. Pedro; porisso D. Henrique retirou-se de Coimbra para Soure, recommendando resignação e prudencia ao irmão; dissera-lhe mais que se carecesse do seu auxilio o mandasse chamar... Isto constou na côrte e logo as linguas de viboras começaram a propalar que D. Henrique tambem ajudara D. Pedro em todos os criminosos feitos, que a calumnia inventara; e D. Henrique sabendo isto resolveu conservar-se alheio ás contendas e ficou-se em Thomar a dirigir as obras do Convento da Ordem de Christo. Dominado pela ideia fixa dos descobrimentos maritimos, o Infante aborrecia-se com o espectaculo das ambições infames do Duque de Bragança e apaniguados, e querendo exercer a sua energia na defeza do irmão D. Pedro, não o conseguia fazer e ficava-se apathico, indifferente. Uma vez só, quando toda a tormenta de odios se desencadeava sobre D. Pedro, em conselho, perante o Rei, foi o ex-Regente considerado desleal e traidor; e então, ouvindo isto, D. Henrique, com toda a severidade da justiça, erguera a voz e dissera:

—Não consinto que se diga que um filho de el-rei D. João é desleal a seu senhor!

Os adversarios tremeram e os do partido de D. Pedro e da paz,—poucos eram,—exultaram.

Mas o Infante calou-se e d'ahi em diante ainda mais indifferente e apathico se mostrou. Alheiava-se propositadamente das contendas travadas, evitando toda a

interferencia no conflicto; não accorreu a um derradeiro appello de D. Pedro e sendo talvez chamado pelo Rei foi a Santarem pôr-se a seu lado, como vassallo obediente. E' bem provavel comtudo que na sua mente houvesse o designio de junto do rei, acompanhando-o, com suas boas razões interceder pelo Infante D. Pedro, mas o recontro fatal de Alfarrobeira, insidioso como todos os manejos que d'elle foram precursores, veio obstar aos seus justos designios ou inutilisar os esforços que porventura empregasse, e não ficassem conhecidos.

CAPITULO IX

OS ULTIMOS FEITOS DO INFANTE

Depois da contenda desastrosamente terminada pela morte do Infante D. Pedro, em Alfarrobeira, o Duque de Bragança vio-se senhor da situação e exultou. D. Henrique, que devia ao irmão bastardo avultada quantia, de emprestimo para os apparelhamentos das caravellas descobridoras, deixou-o á vontade na côrte e foi acolher se de novo á *sua villa*, a Sagres, d'onde nunca desejara ter sahido. Elle que na tenacidade do seu designio descobridor e no affinco de seu estudo proficuo encontrara o lenitivo ás feridas que na alma lhe abrira o desastre de Tanger, foi n'isso tambem buscar allivio ao desgosto que indubitavelmente o atormentaria pela morte do Regente.

Voltou a Sagres, portanto, á sua côrte de marinheiros, para continuar a mandar navios com gente para descobrir terras e colonisal'as. Em fevereiro d'esse anno de 1449, a 25, D. Affonso v havia-lhe concedido que, exceptuada a ciza correspondente, lhe pertencessem todos «os direitos que a nós perteençessem aver de toda mercadoria e cousas que se trautassem dês o cabo de Cantin ataa o cabo do Bogador». [1] Era mais um meio de compensar as avantajadas despezas que o Infante fazia com as expedições.

---

(1) Archivo Nacional—*Chancellaria de D. Affonso V*, livro 35, fl. 60. (Vidè *Alguns Documentos da Torre do Tombo*, etc., pag. 13).

Descobriam-se terras, umas desertas, outras nunca possuidas nem frequentadas por europeus; a ellas se levava a religião christan, plantando-se cruzes e erigindo-se ermidas; o senhor espiritual d'essas novas conquistas era, portanto, o Papa.

A elle, pois, recorrera o Infante D. Henrique, na sua dupla qualidade de descobridor e de *governador* da Ordem de Christo, para confirmar-lhe, a elle e á sua Cavallaria, todas as doações temporaes e espirituaes que D. Duarte e D. Pedro, como Regente, lhe haviam outhorgado em as novas terras.

Isso obtivera elle; mas em 1454 uma nova força de authoridade conseguiu o Infante com a bulla de Nicolau v, [1] passada em Roma a 8 de Janeiro e enviada por mão do Arcebispo de Lisboa e dos Bispos de Silves e de Ceuta, na qual o Pontifice reconhecendo o valor dos feitos do Infante D. Henrique, enumerando-os e louvando-os com os mais effusivos termos, doava a D. Affonso v e ao Infante, bem como a seus successores, toda a soberania das terras descobertas e *por descobrir* na direcção meridional da costa africana, para onde o Infante dirigia as suas caravellas; «in velocissimis navibus, caravellis nuncupatis», citava a bulla, mostrando ao mesmo tempo que essas tentativas datavam de *vinte e cinco annos* antes, o que corrobora a affirmativa das expedições do Infante remontarem a 1419. Com essa doação Nicolau v estabelecia o exclusivo, pois ninguem da Christandade poderia ir ás paragens descobertas pelos portuguezes, sem licença de D. Affonso ou do Infante e de seus successores. Era um escudo fortissimo para as ambições dos outros estados europeos, que sentiriam rebates de cubiça ao conhecer das navegações dos portuguezes, das suas ilhas encontradas, dos escravos e do ouro que traziam á metropole. E como nas vélas das embarcações descobridoras a cruz de Christo se desenhava como que abrindo os braços ás regiões desconhecidas e procuradas, foi á cohorte de guerreiros religiosos, que traziam essa cruz sobre o peito, que Calixto III concedeu toda a jurisdicção espiritual das plagas meridionaes e orientaes da Africa, desde o cabo de Nam até á India. E isto concedeu o Papa a 13 de Março de 1456, confirmando ao mesmo tempo a bulla do seu antecesssor Nicolau v. [2]

Era, portanto, D. Henrique um verdadeiro soberano.

Vinham estrangeiros até Sagres, ao throno de rochedos d'esse monarcha de novas conquistas, pedir-lhe que lhe desse um lugar na fila dos aventureiros do desconhecido. Assim vieram Antonio de Nolli e Luiz de Cadamosto.

O primeiro achou algumas das ilhas de Cabo Verde, como indica a carta de doação do archipelago ao Infante D. Fernando, feita a 19 de Setembro de 1462, já depois do fallecimento do Infante D. Henrique, em que D. Affonso v citava como sendo achadas por Antonio de Nolli, em vida do mesmo Infante, cinco das ditas ilhas «a jlha de Santiago e a jlha de Sam Felipe e a jlha das Mayas e a jlha de Sam Christovam e a jlha do Sall». [3]

---

(1) Archivo Nacional—*Collecção de Bullas*, masso 7.º, n.º 22. (Vidè *Alguns Documentos da Torre do Tombo*, etc., pag. 14.)

(2) Archivo Nacional—*Livro dos Mestrados*, fl. 165, gaveta 7.ª, masso 13, n.º 7. (Vidè: *Alguns Documentos da Torre do Tombo*, etc., pag. 20.)

(3) Archivo Nacional—*Chancellaria de D. Affonso V*, livro 1, fl. 61. (Vidè *Alguns Documentos da Torre do Tombo*, etc., pag. 31.)

Luiz de Cadamosto, vindo a Portugal, fallou com D. Henrique, no lugar da Raposeira, com quem contratou ir á costa africana a descobrir. Cadamosto ia para Flandres em uma das galés de Marco Zeno, e como queria ganhar fortuna viu as amostras do assucar e do drago da ilha da Madeira, resolvendo ir até a essa ilha. D. Henrique armou lhe uma *caravella nova* de 45 toneladas, cujo mestre foi um Vicente Dias de Lagos. Segundo o contrato, metade do producto da viagem seria para o Infante. Depois de visitar a Madeira seguiu para o sul, passando a Cabo Verde e proseguindo, porque, escreveu elle «antes da minha partida de Portugal tinha ouvido ao senhor Infante (como Pessoa que de tempos a tempos era avisada das cousas d'estas terras dos Negros) que entre outras informações que tinha, era huma, que não muito longe d'este primeiro Reino do Senegal se achava outro Reino, chamado Gambia; no qual diziam os Negros, que tinham vindo á Hespanha, se achava grande quantidade de ouro e que os Christãos que ahi aportassem voltariam ricos.» ([1]) Encontrou Antonio de Nolli (Antonioto Usus di Mari) e foram ambos seguindo a costa até á embocadura de um rio, que para a banda de noroeste apresentava grande e extensa fieira de baixios; ([2]) ao norte agitava-se uma densa floresta, e até alli a costa toda se mostrava luxuriante de vegetação.

Esse rio era o dos *Barbacis*. Seguindo ávante, sempre olhando ao lado as grandes massas de arvoredo que se alastravam pelas terras baixas como um mar de verdura, foram os descobridores encontrar uma enseada onde desaguava um rio muito largo; era o *Gambia*. Cadamosto, que já travara relações com os jalofos do Senegal, frequentando suas feiras, quiz ir tambem encontrar-se com os mandingas d'aquella região e porisso fez entrar as tres caravellas pelo rio, topando afinal com *almadias* cheias de negros, com os quaes tiveram bem de pelejar. Retiraram depois para Portugal, pois isso exigiram os marinheiros «homens muito testudos e obstinados», ([3]) dizia Cadamosto.

Já estavam enfastiados dos mandingas «grandes ladrões bebados & mentirosos & ingratos & todolos malles que ade ter um maao elle os tem» ou «gente em que nom ha vergonha nem medo de Deus», segundo os considerava Duarte Pacheco Pereira. ([4])

Na segunda viagem de Cadamosto com Antonio de Nolli, achou este as cinco ilhas, já citadas, de *Cabo Verde;* e correndo ambos a costa para além do rio *Gambia*, passando o *Cabo Roxo* (ou Vermelho) no qual se destacava uma barreira avermelhada, foram ao rio que se chamou de *S. Domingos* e d'ahi ao *Rio Grande* com a sua embocadura larguissima dividida por seis ilhas eriçadas de arvoredos, dentes d'essas fauces monstruosas. Um passo agigantado mais.

---

(1) *Noticias para a historia e geographia ultramarinas, etc.* — Navegações de Luiz de Cadamosto. Primeira viagem. Capitulo XXXIII.

(2) Por causa dos baixios navegavam á cautella «tendo sempre um homem na *gavea*, e dous na prôa da caravella». Primeira navegação. Capitulo XXXVI). Na collecção *De Navigatione*, de Ramusio, diz-se que o homem ia «a alto». Indicando que a caravella tinha cesto de gavea, parece que a embarcação de Cadamosto ja tinha no mastro de mezena modificado o apparelho de latino para redondo.

(3) *Navegações de Luiz de Cadamosto.* Primeira viagem. Capitulo XXXVIII.

(4) *Esmeraldo de Situ Orbis*, livro 1.º, cap. 29 e 31.

Realisaram se essas viagens em 1455 e 1456; e D. Henrique sentia mais e mais alentar-se-lhe a esperança de em pouco as suas caravellas poderem aproar ao Oriente, ás regiões opimas do Preste Joham.

A Rainha D. Isabel, mulher de Affonso v, e filha do justo Regente D. Pedro, victima das intrigas do irmão Duque de Bragança, conseguira afinal, no momento de conceber o filho D. João, que o esposo lhe rehabilitasse a memoria do desventurado pai e a este desse sepultura honrada, no mosteiro de Santa Maria da Victoria. Accedera o Rei, mau grado do Duque de Bragança, e um prestito solemnissimo sahira com os restos de D Pedro desde a egreja de Santo Eloy, de Lisboa, até á Batalha. Dirigiu a trasladação o Infante D. Henrique, chamado de Sagres para esse piedoso fim. Vestia elle, bem como todos os que ao funeral compareceram, de luto azul escuro. E assim foi levar o irmão ao leito mortuario que na *capella do fundador* de ha muito o estava esperando. Triste, D. Henrique retirou-se do mosteiro; na capella-mausoléo da familia de Aviz já ficavam D. João i e D. Filippa, os Infantes D. Pedro e D. João, as visceras de D. Fernando, trazidas piedosamente de Fez por Fr. João Alvares; no mesmo mosteiro estava tambem sepulto D. Duarte; faltava elle, pois, e alli tinha já o tumulo aguardando-o. Um vago terror da morte e um confrangimento de saudade salteariam-no então, mas o Infante, sempre forte, volveu depressa ao seu labor de procurar novos mares e novas terras; isto prendia-o á vida.

No anno de 1457 o Papa Calixto iii mandara a D. Affonso v, como legado, o Bispo de Silves, pedindo-lhe para entrar na Cruzada contra os Turcos. Os Turcos eram então o terror da Christandade; a estupenda derrocada de Constantinopla, em 1453, gelara de medo e pasmo todos os animos; Mahomet ii, esse inimigo figadal dos christãos, que até lavava os olhos se acaso via algum, para que não ficasse com a vista contaminada, era um segundo Attila, que se imaginava a cada passo vêr-se irromper pela Europa inteira, n'uma devastação. Quem o havia de deter?

Como outr'ora ao terribilissimo huno, a Egreja ergueu a sua voz potente, e Nicolau v e Calixto iii tomaram o cargo de congregar os principes christãos á defeza da Europa.

D. Affonso v, enthusiasta e crente, recebeu o pedido do Papa com fervor e n'uma pressa começaram os preparativos da Cruzada contra o Turco. Era affanoso o trabalho.

Não havia tempo a perder, pois Mahomet já batia ás portas de Belgrado... Portugal havia de ser a primeira nação a apresentar-se a defender o Christianismo ameaçado; iria o Rei, iria o Infante D. Henrique, a nobreza toda. [1] Um mestre

(1) No ms 851/381, fl. 4 verso e 5, da Bibliotheca Publica Municipal do Porto, o qual tem o titulo de *Cartas varias de Reyes, Princepes, Emperadores, Condes, Duques, e Marquezes e outros Senhores*, encontra-se uma cópia da seguinte carta do Infante D. Henrique: «Eu o Infte D. Anrrique regedor e governador da ordem da cavallaria de nosso Sor Jesu Xpõ, Duque de Vizeu, Sor da Covilham, filho dos mto altos, e mto excelentes e de gde memoria Sres Elrey D. João e a Raynha Dona fellipa› do Reyno de Portugal e do Algarve, e Sres do Sro de Cepta, q Ds aya suas almas; A ti Mafamede, emperador dos Turcos, faço

Mendes Berredo foi mandado a D. Affonso, Rei de Napoles, para que este se dignasse reservar provisões na Sicilia e na Apulia, para a expedição portugueza. Os soberanos estrangeiros não accorreram com esse enthusiasmo ao appello do Pontifice; todos os armamentos que fizeram empregaram-os em degladiarem-se mutuamente; a Cruzada não se realisaria; era escusado D. Affonso v ir a ella.

Por esse tempo o Rei de Fez, constando-lhe que o de Portugal ia combater o Turco, ergueu pendões ao vento, congregou kabilas e veio em som de guerra cercar Ceuta. Era preciso aproveitar a occasião. Mas os da praça sustentaram-se bem e o de Fez retirou-se. Porém constando isso em Portugal houve alarme. D. Henrique queria partir immediatamente... Perder-se Ceuta?! Nunca!

Não se partia para a Cruzada e como havia alli na outra banda do Estreito bastantes infieis a combater, os portuguezes pensaram em ir aproveitar nas plagas africanas mais uma vez as indulgencias concedidas pelo Pontifice. E' crivel que essa ideia partisse primeiramente do Infante D. Henrique. Pois não se havia de tirar a desforra de Tanger?!—pensaria elle.

Com effeito em conselho resolveu-se passar á Africa e que se *filhasse* Tanger. Mas a peste sempre traiçoeira sobreveio e as taboas de que se haviam de fazer as embarcações eram poucas, por assim dizer, para os esquifes dos que morriam. Evitando o flagello o Rei estava em Extremoz, e como lhe constasse que os francezes, piratas normandos, andavam pela costa a corso, fez sahir Ruy de Mello, almirante, com vinte naus e outros barcos, em perseguição dos audaciosos. Mas foi então que uma carta do Conde de Odemira, D. Sancho de Noronha, fronteiro de Ceuta deu o rebate que o rei de Fez vinha sobre a cidade.

Não só D. Henrique quiz ir, como tambem o Infante D. Fernando, irmão do Rei e o Marquez de Villa-Viçosa (Conde de Arrayollos). O Rei disse-lhes que elle proprio iria em breve. E combinou-se que se dirigiriam a Alcacer-Ceguer. (1) Prepararam-se esquadras: uma no Sado, dirigida pelo Rei, que estava em Setubal, outra no Douro pelo Marquez de Valença (Conde de Ourem), e no Algarve era D. Henrique que congregava todas as caravellas que podia na enseada da *sua villa*, a fim de passar uma vez mais ao seu paiz predilecto, á Mauritania, sempre ambicionada e nunca vencida.

A 30 de Setembro de 1458 sahiu o Rei na frota de Setubal. A nau-capitania era a «Santo Antonio», toda ornamentada de galhardetes, em torno á qual formi-

---

saber q a mim foi noteficado, onde vivo no cabo do mundo, do movimto que fizeste em vires tomar Constantinopla, e trabalhares de guerrear a Christandade, por a qual rezão nosso P. o S. Pe o fez saber ao mto alto e mto honrado, e mto poderoso elRey meu sobrinho, filho de meu irmão enviandolhe a cruzada contra ti, a qual elle movia grande devação, e eu e outros seus servidores; e depois desto tuve notiçia da tua gde maldade por a qual nosso Sor Ds per mtas vezes deu as penas por sua justiça aos mereçedores dellas; como fez aos de Sodoma e Gomorra; a qual maldade a toda a humanidade deve ser avorrecida porq nõ he humanal nem bestial, mas diabolica. Por onde te notifico como a dita cruzada tenho tomada contra ti, e te punirey por todos aquelles q hi sejaõ meu serviço, até ao fim da tua morte, porq te vy por julgado por sentença de Ds. Esto te faço assi a saber pa alguns q de ti ficarem nam poderem dizer q te trouxe morte sem to fazer a saber. E esta carta e outras duas te envio pa se hua te não foi dada q a outra ta dem pa averes certidão de minha firme vontade. Escrita na *minha villa* a X 6 j (16) de Dezembro de 1457 annos—O Infante Don Anrrique.»

Certamente D. Henrique não mandou a Mahomet tal carta... se acaso a escreveu.

(1) Exilissa. (Ptolomeu).

gavam barcos com seus toldes vistosos de côres. N'ella ia D. Affonso v, o Infante D. Fernando e D. Pedro, o Condestavel, filho do Infante-Regente, chamado do desterro e reintegrado no mestrado de Aviz, pois assim o consentira afinal o Duque de Bragança. Sahiu portanto a frota do Sado: noventa navios. Velejaram ao sul e foram dar fundo na enseada de Sagres, a 3 de Outubro. D. Henrique esperava-os e recebendo-os «fez salla em grande perfeição e abastança». [1]

No dia 5 chegaram a Lagos, onde esperaram durante oito dias, as frotas do Porto e do Mondego. No momento de partirem para o Estreito foi que D. Affonso v declarou a sua tenção:—Alcacer. Era a 12 de Outubro. Pareciam renascer os tempos de Ceuta; uma frota de duzentas e vinte embarcações estendia-se pelo mar, alvas como um bando de cysnes. Passaram por Tanger. Se a *filhassem?!*... O coração de D. Henrique bateria ancioso... Seria chegado o momento da desforra? Hesitou-se. Mas afinal o primeiro designio prevaleceu e seguio-se ávante a Alcacer; porem as correntes no Estreito eram violentas e quarenta naus desgarraram-se. Foi preciso esperar por ellas o Rei. A de D. Henrique tambem ficara atraz. Quando chegaram, já D. Affonso v estava de ponto em branco, todo reluzente de armas; e pela praia mouros em phantasias de manobras, a cavallo, espiavam o desembarque.

Effectuou-se este n'um prompto; D. Affonso, montando um corcel siciliano, punha-se á frente dos guerreiros, espada nua em punho. E D. Henrique, com os seus cavalleiros, arremettia de encontro ás portas da villa, fortissimas, chapeadas de ferro. Os mouros resistiam, energicos. Declinou o dia; ao arraial na praia retiravam-se muitos; mas D. Henrique, n'um phrenesi—tinha a vingar-se de Tanger—não deu treguas, e de noute, o seu pendão desfraldado, assaltava as muralhas, e os seus cavalleiros com seus mantos brancos, phantasmas na escuridão da praia, seguiam-no. Animava-os com palavras de esforço; e os trons e as bombardas vomitavam ruidosamente um fogo mortifero. Nas muralhas gemia-se de dôr e clamava-se de desespero; e D. Henrique «que no officio era velho artifiçial» [2], pela meia-noute resolveu dar um golpe decisivo assestando contra a villa a sua bombarda grossa. [3] Então, allucinados, os mouros vieram ao Infante a pedir a paz.

Rudemente elle lhes deu as condições; sahirem immediatamente da villa e entregarem-lh'a. Com pensamento occulto, supplicantes, os mouros volveram que ao menos suspendesse n'aquella noute a peleja. Um aspero *não* de D. Henrique foi a resposta. Redobrou de intensidade o combate, mas pouco tempo veio a durar. Renderam-se afinal os defensores de Alcacer; e quando ao nascer o sol lançou o seu olhar de ouro pelos terraços brancos da casaria da villa, lá no esguio minarete não lhe saudou a apparição a voz do *al-muezzin*, mas dentro da mesquita ergueram-se então canticos de triumpho a Santa Maria da Misericordia, e perante

(1) G. E. de Azurara—*Chronica de D. Affonso V* (continuada por Ruy de Pina.) Cap. 129.

(2) G. E. de Azurara—*Chronica de D. Affonso V* (continuada por Ruy de Pina.) Cap. 129.

(3) Ácerca das bombardas escreveu Foresti, *Del Mappa Mondo istorico*, vol. II, cap. XXXII: «1410. Sotto Vincislão, quasiche ad affliger l'Impero egli sol non bastasse, un Monaco Tedesco per nome Bertoldo Negro, lavorando l'Alchimia, trouvó come á caso l'uso della Bombarda; macchina, como su detto, us-cita dall'Inferno á desolacion de' mortali.»

um altar onde um frade rezava a primeira missa do novo templo, curvava-se uma numerosa cohorte de guerreiros, D. Affonso V em toda a sua magestade de Rei, e D. Henrique, o Infante, um heroe antigo, já com os cabellos brancos, arminhos reaes da velhice, que tambem é soberana. Foi em Alcacer o seu ultimo feito de armas. Voltando com o Rei, foi acolher-se á sua estremecida escola de marinheiros. Descançar? Não. Aquella natureza era rebelde ao repouso.

Mandou depois a Pero de Cintra, cavalleiro da sua casa, que fosse continuar na rota das caravellas descobridoras; chegou elle á *Serra Leoa*, que assim chamou *por ser aspera e brava* a costa n'essa extensão, segundo affirma Duarte Pacheco Pereira no seu *Esmeraldo de Situ Orbis* (cap. 33, livro 1.º) «muytos cuidam que este nome de serra lyoa lhe foy posto por aqui haver Lyoões, E isto he falso por que Pero de Sintra hum cavalleiro do Infante Dom Anrrique que per seu mandado esta serra descobrio por ver huma terra tam aspera E brava lhe poz nome Lyoa E nom per outra causa E isto se nom deve duvidar por que he verdade; *por que elle me disse assim*», comtudo o Infante não conseguiu ter vida até á volta do descobridor. Não soube que mais esse passo se dera na audaciosa rota que elle apontara. A 13 de Novembro de 1460, finara-se, na sua Sagres.

Não morrera de velho; a sua vida rude de estudo, e a ancia em que ardia no commettimento unico de descobrir o mundo, a que se abalançara, exhauriram-lhe depressa a existencia.

Em Outubro d'esse anno tinha feito o seu testamento; encommendava a sua alma a Deus e á Virgem e «ao meu señor São Luis a que dês minha nacença fui encommendado»; pedia que o levassem *chãmente* ao mosteiro da Batalha, onde mandava estabelecer tres *capellas*. Citava as rendas que disfructava: o assentamento, as saboarias (que já possuia desde a vida do pae), as Ilhas da Madeira e Porto Santo e a Guiné, com todas as suas ilhas, o quinto das exavegas e corvinas, Lagos e Alvor. Recommendava que se pagassem as suas dividas; que todos os moradores de sua casa ficassem com as mesmas regalias; que o Infante D. Fernando e o successor no mestrado de Christo continuassem com as pensões para remissão de captivos; que contentassem sempre os que bem o serviram.

Ao Mosteiro de Santa Maria da Victoria (Batalha) legava 16 marcos de prata, annuaes, com a obrigação de tres missas diarias pela sua alma; serviam de segurança as rendas de Tarouca e Valdigem.

Á Sé de Vizeu a renda da feira que se fazia na cêrca junto á cidade, e porisso o Cabido tinha de instituir missa por sua alma, aos sabbados.

Ao lente de Theologia de prima, do Estudo Geral ou Universidade, 12 marcos de prata, annuaes, pelos dizimos da Madeira; pelo que lhe recommendava missas e prégações «e esto em remembrança da doaçom que lhe fez das casas em que estaa o dito estudo».

Á Casa Conventual dos Freires de Christo, em Thomar, as rendas das boticas da feira, com o encargo de 100 missas annuaes.

Citava as egrejas e capellas, que fundara; Santa Maria, em Ceuta; a ermida de Santa Maria de Belem; Santa Catharina, fora da *sua villa;* Santa Maria, dentro da mesma *villa;* Santa Maria da Misericordia, em Alcacer-Ceguer; Santa Ma-

ria, da Ilha da Madeira, e as outras, bem como as da Deserta e Porto Santo; S. Luiz, na ilha do mesmo nome, e da mesma forma nas de S. Diniz, S. Jorge, S. Thomaz, Santa Maria, Santa Iria, Jesus Christo (Terceira), S. Miguel e tambem na Graciosa.

Como a espiritualidade da Guiné pertencia á Ordem de Christo, nas egrejas que lá se fundassem deveriam estabelecer-se missas por sua alma, aos sabbados.

Perdoava dinheiro aos almoxarifes e feitores e declarava herdeiros o Rei D. Affonso v e o Infante D. Fernando. Foram testemunhas: D. Frei Fernando, vigario geral de Thomar; Fr. João Martins, seu ultimo confessor; D. Fernando de Eça; o guarda-mór Martim Correia; Fr. Pedro Annes, *çaquiteiro-mór;* Diogo de Almeida e João Gorizo. (1)

De Sagres, com piedoso e triste recolhimento grande multidão acompanhou o feretro do Infante até Lagos; havia choro; os marinheiros das caravellas rezavam, as frontes bronzeadas descobertas; todos os servidores o seguiam, e os da côrte vieram prestar a homenagem funebre ao ultimo Infante de Aviz. Pelo caminho, de encontro ás rochas da costa o mar desgrenhava as suas madeixas de espuma e como que pranteava a morte do seu amigo, em um murmurio de saudade.

Em Lagos ficou o cadaver do Infante até ser transferido em prestito solemne para o mosteiro da Batalha. Quando isso se realisou Diogo Gomes de Cintra viu os restos do *grande homem* e notou que todo o cadaver era *secco e são,* excepto a ponta do nariz; estava vestido com *uma grosseira camisa de clina de cavallo.*

E assim levaram o corpo do Infante das audazes navegações a reclinar-se no tumulo, caravella fria e immovel da Morte.

---

(1) Bibliotheca Nacional de Lisboa—Mss. da *Collecção de Pedro Alvares,* vol. 3.º, fl. 42 verso. Treslado em um livro da Torre do Tombo. Publicado esse testamento pelo Marquez de Souza Holstein *A Eschola de Sagres e as tradições do Infante D. Henrique,* e pelo *Archivo dos Açores,* vol. 1.º

CAPITULO X

A OBRA DO INFANTE

Do berço ao tumulo eis a largos traços apresentado o Infante D. Henrique. Foi um heroe de que Portugal justamente se gloría. Mas elle não pertence só á nação sua mãe; elle pertence á humanidade inteira, independentemente de nacionalidades, porque é um symbolo.

Sim, o symbolo do espirito de uma raça em um determinado momento historico.

Lá nos planaltos do Altai, na *cupula do mundo*, a humanidade em começo de sua existencia historica, após o Diluvio, esperou que as aguas fossem a pouco e pouco patenteando-lhe os territorios que a sua nativa expansão requeria.

Os mares abaixaram o seu nivel, e então dos fraguedos asiaticos despenharam-se sobre as collinas e os valles a descoberto as torrentes das populações. Foram para todos os lados, irradiando.

Ao occidente era vastissimo o campo de expansão; e para elle dirigiram-se os passos de dous povos, que a sciencia ethnographica designa como Iberos e Turanianos. Não fallando nos autochtones dos tempos pre-historicos, nas raças Dolicocéphalas, foram esses os primeiros habitadores da Europa. Duas torrentes fortissimas que atravez das idades vieram avançando, avançando até encontrarem as ondas do mar sem limites.

Era o sol, decerto, que vinha guiando esses povos; o sentimento da immortalidade trazia-os em seguida do astro da vida, como a buscarem o prolongamento da existencia. Eram rudes e bravos; constituidos para a grande lucta da natureza,

então n'uma confusão de forças, mas tinham no cerebro a scentelha da intelligencia providente e nos sons articulados da sua linguagem a bandeira da sua origem, perpetuada atravez dos tempos com a constancia de um padrão inabalavel. Após essas duas primeiras vagas humanas alastrando-se pelo territorio da Europa, uma outra mais potente pela força da intelligencia vinha tambem, das montanhas do Hymalaia, e recalcava os primeiros habitantes historicos do occidente.

Eram os aryas,—povo dominador e fadado para a civilisação.

Successivas camadas, recalcando-se uma a uma, vieram formar na Europa a teia de uma população, civilisando-se aos poucos. O Mediterraneo era o espelho onde se miravam as tres raças da humanidade, que lançaram raios de expansão para o occidente. Era um lago o Mediterraneo; sim, um lago, porque *Calpe* e *Abyla*, as columnas de Hercules, eram como um isthmo imperfuravel.

Mas o sol proseguia apparentemente a fugir aos que o buscavam como quem busca a vida; tombava para as ondas do mar sem limites, como que fenecendo

Mas porventura elle iria illuminar outras regiões? E o arya, então, sonhando expandir-se mais pelo mundo, devaneiava migrações extraordinarias. Mas por onde? Pelo Oceano, barreira invencivel, sem duvida? Das outras raças, o semita e o chamita, mais presos ao oriente, não tinham essas tendencias. Mas entre elles uns havia que levados pelo espirito de aventura do lucro atreviam-se ao curso do mar: eram os Phenicios.

O aryano identificou-se com o phenicio, que lhe suggeria pela navegação o meio de novas migrações, e então começou olhando o mar como a estrada que tinha a seguir, direito ao rumo do sol.

Tal era o momento historico em que surgiu a iniciativa energica do Infante D. Henrique. Nascido no *cabo do mundo*, n'esta costa sempre verdejante como a esperança, estava na vanguarda da corrente migradora. Aquelle singello dicto de João Affonso de Alemquer indicando para arena de glorias guerreiras dos Infantes de Aviz a cidade de Ceuta, se foi o motivo da conquista de um ponto importante da Africa para a nação portugueza, foi tambem, e mais notavel isso é, a causa fortuita do conhecimento do mundo actual. Sim; aquellas revelações dos mouros captivos,—conhecidas indubitavelmente de milhares de pessoas, pois era notorio nos centros do commercio Mediterraneo que o ouro vinha trazido pelas berberescas caravanas lá das regiões de Melli, onde os calores eram ardentissimos e as populações eram negras,—não haviam sido acolhidas até então por um espirito que reunisse os requisitos adequados a aproveital'as.

Vinha o ouro das regiões do sul da Mauritania,—busque-se entrar em contrato com os mouros das caravanas, e venham trocar comnosco esse precioso metal, á borda do nosso mar,—diziam os commerciantes de Genova e de Veneza.

Referem os africanos que ao sul ha esses terriveis calores e essas féras espantosas e esses homens de raça estranha,—pensavam os geographos do tempo—e no remanso das cellas dos mosteiros, em seu labor paciente, iam traçando no pergaminho contornos phantasiosos de terras desconhecidas, e para o sul da Africa Portentosa continuava a affirmar-se nos mappas a mesma ignorancia que obscurecia as gerações anteriores, porque esses sabios, eivados das ideias tradicionaes, consideravam que alli eram bem os limites da zona habitavel do norte. A alma popular deixava-se librar em aspirações, levada na aza da lenda que povoava o

oceano de ilhas encantadas, onde haviam felicidades celestes e durações infindas da vida. Para compensar essas miragens espirituaes de ineffavel ventura, em outras almas, pessimistas, a lenda tinha todas as sombras do desespero e todos os terrores do mal. Hesitava-se portanto em seguir ávante pelo oceano, estrada que se patenteava ora azul e aljofrada de espumas, prenuncio de venturas, attrahindo; ora plumbea e revolta, reveladora de desditas, afugentando. A resultante d'essas duas tendencias oppostas era a immobilidade do designio, e o mundo continuava assim e sempre desconhecido aos descendentes dos aryas. Foi então que houve esse homem, o Infante D. Henrique, que reunindo em si todas as energias de quaesquer tentativas de expansão anteriormente feitas, é commerciante que não se contenta com o contrato com os mouros á borda do Mediterraneo, mas busca as regiões d'onde se extranhe o ouro; é sabio que não se limita a seguir ou discutir esterilmente theorias sem base, mas vai devassar se a zona torrida é ou não habitavel; escuta as lendas de esperança e ventura e incita os marinheiros a que vão procurar essas terras veladas, ouve as que são negras como noite caliginosa e dá esforço para que vão dissipar essas sombras com a luz da descoberta. É uma energia; uma energia a dar forma e acção a uma ideia social.

E como era um principe, collocado na hierarchia do mando e do poder, circumstancia era essa que lhe centuplicava o valor do designio pela facilidade de pôl'o em prática.

Os navegantes commerciaes do Atlantico, seguindo á vista de terra pela senda das suas aventuras de ganho, foram os precursores dos que depois se abalançavam ás ondas para descobrir novas regiões por onde se expandisse a sua raça. Portugal de bem cedo se mostrou uma nação commercial; as *barchas* dos seus portos iam periodicamente ás terras dos litoraes britannico, normando e flandrico, e o commerciante portuguez era um navegador; era elle o que ia levar a sua mercadoria até ao paiz estrangeiro, e lá pessoalmente adquiria os generos que em seu navio havia de trazer. Porisso elles, como os do Porto, queriam que as suas cidades fossem muito suas, sem sombra de rico-homem dentro dos muros, para que durante as suas ausencias, temporarias mas repetidas, não perigassem suas familias e fazenda. Com esse movimento commercial ensaiavam-se os mareantes para as longas navegações descobridoras; a creação da nossa marinha de guerra, em tempos de D. Diniz, reforma da que irregularmente havia desde o começo do Estado Portuguez, affirmou a tendencia intuitiva do espirito do rei-lavrador, de que este povo seria um dia não distante o encarregado de abrir a senda para incognitos paizes; porisso elle, principe previdente, fizera plantar os extensos pinheiraes, futuros mastros de caravellas d'onde a mão do homem tiraria a rama verde para substituil'a pelo largo panno de treu, que o vento enfunaria ao largo mar.

D. Henrique encontrou pois a nação educada já no curso limitado dos mares, e porisso não lhe faltaram os indispensaveis auxiliadores para o seu genial designio. Animos decididos e braços fortes ao serviço de uma intelligencia altiva e de uma energia prodigiosa. Porisso o seu commettimento foi o começo de uma epopeia immortal.

O Infante D. Henrique reconheceu-se fadado para avançar no conhecimento do mundo. Foi collocar-se no Promontorium Sacrum, para fóra das columnas de Hercules, com o fim de pôr-se na extrema do mundo dos antigos e ser o primeiro

a ultrapassal'a. O seu espirito esclarecido indicou a rota, o animo esforçado do povo portuguez seguio-a audaciosa e felizmente.

Passar o cabo Bojador! Foi um trabalho de Hercules! Para isso tornou-se mister uma somma de audacia e de tenacidade como de força carece a natureza, —symbolisada no personagem mythico,—para as suas prodigiosas revoluções.

A sciencia geographica caminha com o conhecimento da terra adquirido pelos sentidos; nos primeiros tempos da civilisação o espirito, naturalmente curioso, começou analysando o mundo que aos olhos se mostrava; notou-se o relevo dos montes e o curso das aguas; e as correntes migradoras seguiam os territorios a cada passo, successivamente, e a mais longe levavam a sua attenção analysadora. Depois as relações commerciaes de terra a terra e as conquistas guerreiras eram motivo de progresso no conhecimento do mundo. Em seguida ao encontro das terras, o espirito naturalmente quiz achar entre ellas a relação de distancia e buscou em a natureza um meio de a encontrar. O movimento diurno serviu de base ao conhecimento das distancias. O dia era a unidade para avaliar a extensão da marcha de um ponto a outro. E conhecidos os pontos da terra e avaliada, embora imperfeitamente, a sua distancia, restava fixar-lhes a posição relativa. Eis o que os geographos começaram successivamente a tentar por meio da applicação das medidas lineares e por meio das observações astronomicas. A astronomia foi uma sciencia primordial. Desde o primeiro momento da sua existencia o homem ergueu a vista ao céo d'onde o attrahia o esplendor do sol; notou lá durante a tristura das noutes myriades de pontos luminosos, mostrando-se em successivos lugares do espaço; e assim antes que elle dedicasse com affinco a sua attenção á terra, por onde dirigia seus passos, elevara-a a essas alturas, que lhe attrahiram o olhar e pelas quaes lhe divagava o espirito. E pelo estudo do céo foi que se alcançou o conhecimento da terra.

A Grecia na antiguidade da civilisação é o fóco da luz espiritual. Ahi se devem buscar os principaes monumentos das lettras e das artes, no evolutivo progresso da raça japhetica.

Assim, foi lá que Homero lançou na Odyssêa umas generalidades do conhecimento do mundo então conhecido, primeiro esboço da sciencia geographica. Elle foi portanto um dos primeiros que *ousaram estudar a geographia*, segundo a phrase de Strabão. (1)

Eratosthenes deu um grande desenvolvimento á sciencia do mundo, mas demasiado prático, dirigia em especial o seu estudo ás distancias de ponto a ponto querendo medil'as com o mesmo rigor em toda a terra, como se medisse um campo. O orbe dividia-o elle em graus de 700 estadíos cada um, e essa unidade estendia-a então para avaliar as distancias, seu principal fim.

Pelo que toca á Africa, ponto das attenções do Infante D. Henrique, o conhecimento do geographo era limitadissimo. Depois do Atlas, a costa sobre o Oceano volvia rapidamente ao oriente,—pensava elle—indo reunir-se á d'essa banda

(1) Strabão—*Prolegomena*, cap. 1.º

na *região dos aromas*. Era uma peninsula pequena a Africa, e para o sul ficava o mar da zona torrida, que não era possivel percorrer.

Hipparcho, esse, de mais largas vistas, quiz edificar a sciencia geographica sobre a base mais segura, a observação astronomica; chegou a organisar ephemerides para differentes lugares da terra e pela medição do arco entre dois zenith de astro relativos a outros tantos pontos achava a distancia entre estes, que avaliava em estadios, fazendo 700 d'estes um grau. Na escola de Alexandria induziu elle uma theoria falsa, que se oppunha á opinião do rio Oceano, de Homero, circumdando o orbe, ao mar sem limites, cinto da terra habitavel; para elle os mares eram como grandes lagos, pois pela differença de altitude das marés, de lugar a lugar, considerava-os não communicantes. E assim longe de imaginar como Eratosthenes a Africa uma peninsula cuja borda corresse obliquamente de occidente a oriente, e para cá do Equador, affirmava que a costa africana do Atlantico se dirigia indefinidamente para oeste, bem como a oriental se arqueava tambem mais para o levante indo afinal unir-se ao continente asiatico. Isto mesmo adoptou Ptolomeu, que firmou a geographia em bases puramente astronomicas, e foi por assim dizer ecclético entre as theorias de Eratosthenes e Hypparcho e Possidonio, adoptando d'este o grau de 500 estadios para as longitudes, e o d'aquelles, de 700, para as latitudes, origem de largos erros nas suas cartas, de meridianos e parallelos em arco de circulo, ao contrario das que Marino de Tyro, anterior a elle, usava, pois era partidario das de linhas rectas, ou de projecção plana. Por consequencia Hypparcho e Ptolomeu ainda menos conheciam da Africa do que Eratosthenes, ou antes mais incorrecta ideia faziam d'ella. Ptolomeu era um astronomo, em toda a accepção da palavra; ligava somenos importancia ás medidas da terra, para só subordinar o movimento dos astros a um systema. Para a sciencia fixou elle a forma do mundo na esphera, que elle cingia das zonas dos climas, em meio d'ellas a torrida, para além da qual era o *alter orbis*, a *terra antichtona*. Mas os seus estudos deixavam a geographia physica no mesmo estado, a zona torrida continuava sendo considerada invencivel, e a *terra antichtona* pertencia ao numero das abstracções. Portanto o conhecimento do mundo para lá dos limites antigos era simplesmente conjectural. Em antes, Strabão fôra um geographo historiador. Pelas conquistas romanas levadas á Illyria, á Macedonia, á Iberia, á Syria, Colchide, Hyrcania, Bactriana, á Germania, ás Gallias e Bretanha, á Ethiopia e Mauritania, Arabia e Egypto enriquecera-se a somma de conhecimentos geographicos. Grave, verdadeiro e digno, Strabão deu-nos a mostra do estado do conhecimento da terra n'esse momento historico do apogeu do dominio romano. A Africa para elle tinha a forma de um triangulo rectangulo «Africæ figura est, si quis in plano consideret, rectangula triquetra; basis est ora nobis obversa ab Egypto atque Nilo usque ad Mauritaniam et Herculis columnas; ad rectum vero angulum ei efficitur latus quod a Nilo usque ad Æthiopiam pertinet et nos usque ad oceanum producimus; latus vero recto angulo subtensum est regio tota, quæ ad oceanum jacet». [1] Até ao

(1) Strabão.

Atlas tinha ido Suetonio Paulino e Polybio, e aos Garamantes Cornelio Balbo, comtudo para além, para o sul, eram as regiões dos incognosciveis: «ceterum quæ circa ipsum dictæ figuræ verticem jam torridæ subjacent, de conjectura ponimus, propterea quod inaccessa sunt». [1] Sim, inaccessiveis eram essas regiões ardentes, nunca exploradas senão pelo espirito inquieto que não conhece limites para os seus vôos indefinidos. Não se podendo transpôr a zona torrida, a *cinta queimada*, era impossivel attingir a terra antichtona. Existiria esta? Muitos em tal não acreditavam. Os Padres da Egreja, os primeiros, homens todos dedicados á prégação e interpretação dos textos sagrados, combatendo pela palavra todas as instituições antigas rejeitavam ou mostravam-se duvidosos das theorias geographicas do paganismo.

Antipodas, não era possivel que os houvesse, diziam. Lactancio [2] considerava isso tão ridiculo e tão estulto como a opinião de Xenophanes, de que a lua era habitada. Mas Aristoteles, Cleomandes, Plinio, Macrobio e Marciano Capella fallavam no *alter-orbis*. Santo Agostinho considerava os antipodas fabulosos; cousa era que por nenhum motivo se podia acreditar; era absurdo que para além do Oceano houvesse gente. De que filho de Noé descenderia ella, se existisse? Como chegara lá? [3]. Em antes S. Basilio Magno, de Cesarea, citando todas as opiniões da forma da terra, espherica, circular, cylindrica, concava, não se decidia por nenhuma d'ellas; considerava melhor interpretar as escripturas do que tentar conhecer a forma do mundo. « *O servo de Deus, Moysés, nada havia dicto ácerca d'isso.* [4]

Todavia o mundo então conhecido era o mundo de Deus; o oceano rodeava a terra, «super maria fundavit eam», dizia a Escriptura. [5]

Não obstante, o mesmo S. Basilio e Santo Ambrosio reconheciam as differenças de sombras nos diversos lugares da terra, sabiam dos *ascios* e dos *amphiscios*. [6] Uns naturaes da Taprobana, que tinham vindo a Roma, haviam-se admirado de que a sombra fosse projectada ao norte, dizia-se. N'essas duas correntes de opiniões ácerca da forma da terra passaram os espiritos durante séculos; Santo Isidoro de Sevilha (Isidorus Hispalensis), já considerava para o sul a quarta parte do orbe como existente, desconhecida porém por causa dos ardores do sol, onde diziam habitar os fabulosos antipodas. [7] Inaccessiveis, afinal; havia a zona torrida, barreira que não se podia vencer.

Mas a *escholastica* fizera subordinar os espiritos ás theorias philosophicas da antiguidade. A esphera de Ptolemeu foi por todos afinal considerada a verdadeira forma da terra.

E como a terra era redonda, todos os outros elementos tambem o eram, a

(1) Strabão.

(2) Lactancio—*De falsa sapientia*, lib. III.

(3) Santo Agostinho—*De Civitate Dei*. Lib. IV, cap. IX. «Quod a vero et Antipodas esse fabulantur, id est, homines a contraria parte terræ, ubi sol oritus, quando occidit nobis adversa pedibus nostris calcare vestigia, nulla ratione credendum est.»

(4) S. Basilio—*Hexameron*, Homilia vel Congressio Nona.

(5) S. Basilio—*Hexameron*, Homilia vel Congressio Prima.

(6) Fr. Rogerio Bacon—*Opus Majus*.

(7) Santo Isidoro, de Sevilha—*De Lybia*. Lib. XIV, das Obras, cap. V.

agua, o ar, o fogo. [1] Fallava-se com menos impossibilidade nos antipodas; mas para chegar a elles? Como vencer a zona torrida? Rogerio Bacon, espirito positivo, como não podia observar directamente se a zona média seria habitavel estabelecia a duvida: se o sol fosse excentrico á terra, sob o circulo equinocial não se podia habitar, mas se elle tivesse epicyclo poderia sel'o. [2] Já portanto no século XIII se conjecturava na possibilidade de vencer esse ardente limite do mundo. Quem havia de vencêl'o? *O genio portuguez, energico e audaz, personificado no Infante D. Henrique.* O estorvo da zona torrida ainda era mais difficil de vencer do que o oceano occidental; na zona eram todos concordes que não se podia viver; pelo oceano occidental já Aristoteles e Seneca diziam que se conseguiria ir da Hispania até á India. [3] Mas essa opinião nascia da noção de esphera; para lá chegar-se era preciso passar o Oceano, e este era considerado impraticavel, pois n'elle as correntes, os ventos e o sargaço, *resistente ulva* [4] obstariam a toda a navegação que se tentasse.

Mais outro estorvo considerado invencivel que *o genio portuguez, ainda personificado no Infante D. Henrique, venceu*, indo leguas e leguas ao alto mar topar com as ilhas dos Açores. Depois a audacia dos hespanhoes guiada pelo genio de Colombo deu mais um gigantesco passo ao occidente, indo topar com novo continente. [5]

Entre os antigos sussurrava-se a noticia de remotas voltas maritimas ao territorio africano. Se isso houvesse succedido, como Eratosthenes e Strabão, notaveis geographos, consideravam a Africa tão pequena relativamente, e toda para cá da linha equinocial?

E como Hipparcho e Ptolomeu prolongavam as costas oriental e occidental, aquella ainda mais para levante, esta ainda mais para poente, quando a primeira do cabo *Prasum* se dirige a su-sudoeste, e a segunda attingindo a extrema occidental no cabo Bojador, d'aqui ao cabo Branco segue rumo su-sudoeste, do Branco ao Verde, sul, depois volta-se perfeitamente ao oriente em succession da Serra Leôa.

O Periplo de Hannon, é um fragmento apenas do relato de uma expedição colonisadora d'esse carthaginez a sua longinqua excursão no Atlantico reduziu-se a ir até cerca do Bojador, o ponto mais occidental, que só era possivel vencer affas-

(1) Alberto Magno, bispo de Ratisbonna. *Opera*. Lib. II, cap. III. Tract. II.

(2) Rogerio Bacon—*Opus Majus*.

(3) Rogerio Bacon—*Opus Majus*. «Dixit Aristoteles quod mare parvum est inter finem Hispaniæ a parte occidentis inter principium Indiæ a parte orientis. Et Seneca libro 5º naturalium dicit, quod mare hoc est navigabile in paucissimis diebus, si ventus sit conveniens.»

(4) Jornandes—*De Getarum sive Gothorum origine et rebus gestis*, cap. I.

(5) A gloria do descobrimento da America por pouco nos podia pertencer, não sómente se D. João II houvesse acceitado os serviços de Christovão Colombo, mas tambem porque poder-se-hia attingir esse descobrimento se tivesse bom resultado a expedição de Fernão Dulmo, capitão da ilha Terceira, e de João Affonso do Estreito, escudeiro da ilha da Madeira, que em duas caravellas haviam de ir para o occidente, em busca da ilha das Sete Cidades «huua grande ylha ou ylhas ou *terra firme* per costa, que se presume seer a ylha das Sete Cidades.» Attestam esse facto uma carta de D. João II, confirmando o contrato entre Dulmo e João Affonso para essa descoberta, de 24 de Julho de 1486, e outra do mesmo rei, de 4 de Agosto do mesmo anno, doando a João Affonso a ilha oú ilhas ou *terra firme* que descobrisse passados os primeiros quarenta dias de navegação na expedição á ilha das Sete Cidades. *Chancellaria de D. João II*, liv. 4.º e 19.º, fl. 101 e 87). Vidè *Alguns Documentos da Torre do Tombo*, etc., pag. 58 e 61.

tando-se os navios da costa, o que não podiam fazer as pesadas galés de Carthago em um tempo em que ainda não se empregava a bussola. ([1])

Gosselin ([2]) com claros argumentos provou a impossibidade d'essa navegação tradiccional, ser levada a tão longe, por navios cujo andamento maximo era, segundo o Periplo de Scylax, de 500 estadios ou 14 leguas em 12 horas. Assim a cidade *Thymiaterion*, do Periplo, seria no lugar de *Tanger, o Velho;* o promontorio *Soloé*, o cabo Espartel; o tanque ou bahia, a de *Jeremias;* a cidade *Caricus murus*, a de *Almadronis;* a cidade *Gytte*, Arzilla; o rio *Lixus* e onde tomaram interpretes, o rio Lucos e Larache; o grande rio de corcodilos, o Subu; o golpho, o Lago dos Negros; a ilha no golpho, denominada *Cerne*, a Fédala; o rio *Chretes*, o Buragrag; o grande cabo, o de Guer; o grande golpho, o de Santa Cruz; o *Hesperi Cornu*, o cabo de Agulon; o Noti Cornu, o começo do Atlas, o cabo de Num, e o lugar dos Gorilhas, o rio do mesmo nome do cabo.

O Periplo de Scylax tem o mesmo limite; da mesma forma a viagem de Polybio, e egualmente as taboas de Ptolomeu, com as correcções devidas ([3]). Como se poderia acreditar que Ptolomeu levasse além do Bojador o conhecimento da costa africana se elle imaginava que ella depois do Hyppodromus Ethiopiæ se prolongava indefinidamente ao rumo occidental?

Assim todas as viagens como a dos Phenicios, em tempo de Necho, pharaó do Egypto, ([4]) e de Eudoxio de Cyzico, ([5]) de volta ao continente africano, não téem base digna de credito. Os primeiros sahindo para seguirem a costa oriental a pouca distancia d'ella chegariam; disse-se que elles viram o sol á sua direita e possivel é que essa asserção indique, não um facto observado, mas sim previsto pelos conhecimentos astronomicos dos sacerdotes egypcios da época; demais a conquista egypcia tinha já sido levada até ao cabo *Mosylon* (Guardafui) e d'ahi notava-se a costa seguir ao sul; e se houvessem attingido o hemispherio austral haviam forçosamente de referir que do horisonte lhes tinham desapparecido as *Ursas*, já conhecidas pelos navegadores de Tyro. A relação da viagem de Eudoxio é, como o provou Gosselin, um aggregado da descripção do reino de Adel e costa de Ajan, das tradicções fabulosas dos habitantes desconhecidos da longinqua Ethiopia, e do periplo de Hannon, apresentado em ordem invertida.

A parte meridional da Africa conhecida dos antigos era a morada de quanto monstro a imaginação inventasse. Toda a creação horrenda de qualquer espirito lá teria fórma n'essas regiões inhospitas, pensava-se. Tudo o que era máo lá havia; aquella região era um verdadeiro inferno. Pois se ella ficava perto da *cinta queimada*, a zona torrida...

Lá havia o Basilisco, uma serpente diabolica, todo riscado de branco, cujo ha-

---

(1) A expedição de Hannon, segundo Fabricio e Melot, deveria ser em 300, antes de Christo; segundo Dodwel em 340 (A. C.); Campomanes em 407 (A. C.); Florian do Campo em 440 (A. C.); Mariana em 448 (A. C.); De Brequigny em 500 (A. C.); Bougainville em 570 (A. C.)

(2) Gosselin—*Recherches sur la geographie des anciens*, 1.º vol.

(3) Gosselin—*Recherches sur la geographie des anciens*.

(4) Herodoto—*Melpomene*, lib. IV.

(5) Pomponio Mela.

lito tudo empestava; os Dragões, os Gryphos, a Salamandra; lá habitavam os monstros humanos; os Antipodas, com oito dedos; os Scinopodas, só com uma perna; os Blemmyos de bocca e olhos no peito; os Parvini, com quatro olhos, e os Agriophagos, cujo chefe tinha um só olho; os Psylles, invulneraveis pelas serpentes e os Trogloditas, que as devoravam; os Monoculi, cobrindo a cabeça com o pé; outros que nem cabeça tinham, Acéphalos; e outros muitos, muitos, todos horriveis, infernaes. E essas absurdas invenções, ou antes talvez tradicções vagas dos povos africanos adulteradas pela imaginação, apossavam-se dos espiritos, enchiam os tratados geographicos e historicos, e eram mais uma difficuldade enorme a vencer para se attingir o conhecimento preciso das regiões meridionaes africanas.

E essas terriveis invenções passavam dos poetas e dos geographos antigos para os espiritos da Meia-Idade, que as recebiam e acreditavam, figurando-as os cartographos da época nos seus rudimentares mappas, verdadeiras teias de conjecturas. E tanto se arreigaram que, mesmo depois das prodigiosas descobertas portuguezas iniciadas, ainda em alguns mappas ellas appareciam, como no de Andrea Bianco (1436), e no de Giovanni Leardo (1448) e outros mais modernos, em que se figuravam dragões e gryphos, monstros varios, entre estes os Cynocephalos, os *Rostros de Cam*, segundo lhes chamava Duarte Pacheco, no *Esmeraldo*.

Pois todos esses terrores venceu a tenacidade do Infante D. Henrique. Em pouco considerava elle essas tradicções pavorosas, e para justificar o seu criterio vinham as informações dos captivos, trazidos das terras d'além do Bojador, o limite da costa vencido pelo intrepido Gil Eanes. Nunca se passara além—póde-se affirmar—tantas leguas como os portuguezes; Hannon nem ao Bojador chegaria; Polybio não o conseguiu transpôr; as emprezas maritimas commerciaes dos normandos não attingiram esse ponto; sem duvida, resumir-se-hiam a tractos de negocios nos portos, desde o cabo Espartel ao de Nam; a algum d'estes chegaria á expedição de Vivaldi; [1] e tambem a do catalão Jayme Ferrer, que, segundo a carta de 1375, foi ao Rio do Ouro, talvez o rio de Messa, aonde os mercadores da Mauritania traziam o ouro da Guiné, pois o Rio do Ouro só teve essa denominação depois que os portuguezes lh'a deram, quando d'esse esteiro ou braço de mar trouxeram o primeiro ouro em pó que a Portugal veio.

Quando o Infante D. Henrique morreu, já os terrores da zona torrida se haviam dissipado. Chegara-se á Serra Leôa, e como a costa se voltava fortemente

(1) Antonio de Nolli ou Antoniotto Usus di Mare, em uma carta dirigida para Genova a 12 de Dezembro de 1455 (encontrada por Graberg, em 1802) referiu ter fallado nas regiões africanas a que chegou com um europeu, que imaginou ser da expedição de Vivaldi. Tal era impossivel, pois essa expedição realisara-se cento e setenta annos antes. O europeu seria, sem duvida, algum dos companheiros do dinamarquez Balarte, que morrera por haver cahido de um batel proximo da costa, quando foi na expedição de Fernando Affonso, em 1448. N'essa occasião os indigenas haviam accommettido o batel levando com elles uns quatro companheiros do dinamarquez para o sertão. (Vide: Azurara, *Chronica do Descobrimento e Conquista da Guiné*, cap. 94.)

para léste todos imaginavam que em breve chegaria o momento de encontrar-se o novo caminho das Indias. Não foi tão cedo como se conjecturava; a costa ainda não abria passagem para lá, ainda havia de prolongar-se bem pelo hemispherio austral e só depois do passo perigosissimo do Cabo das Tormentas é que a estrada maritima das regiões ambicionadas pelo Infante D. Henrique se patentearia sem difficuldades extraordinarias a vencer.

Vasco da Gama completou a obra iniciada pelo Infante de Aviz; successora da caravella, ave marinha de curto vôo, a nau, como aguia real de forte envergadura de aza, espalhou-se pelos mares, colleando por todas as costas, correndo aos quatro ventos, indo aqui combater o mar encapellado, além encher o bojo das riquezas indianas, sempre encontrando novas terras e novas gentes, demandando afinal o Tejo, pesadissima, com os tributos do Oriente. Por meio d'ella se espalhou pelo orbe a mais potente migração aryca, partida da peninsula hispanica, avançada no mundo conhecido dos antigos; por meio d'ella chegou-se ao primeiro conhecimento do *alter-orbis*, dissiparam-se as crenças em regiões inhabitaveis pelos grandes calores, a sciencia geographica começou a pouco e pouco despindo-se das suas vestes de sombras, e de sciencia conjectural volveu-se em sciencia positiva.

Prodigioso commettimento, famosissima navegação, que não se gravou como o Periplo de Hannon nas lapides do templo gentilico, mas teve a perpetuidade glorificadora nas estrophes do Grande Epico, encarnação da alma valorosa portugueza.

E foi o Infante D. Henrique, esse ascetico cavalleiro medieval, abraçando o mundo ainda ignorado no seu tempo com a orbita do seu pensamento, verdadeiro astro, — o que teve criterio superior e valor notavel e tenacidade inaudita, de duvidar de todas as asserções conjecturaes da sciencia, de affrontar todos os terrores do invencivel, de insistir nos meios de rebater todas as difficuldades insuperaveis.

E assim ao genio portuguez se deve o conhecimento do mundo inteiro.

FIM

APPENDICE

A CASA EM QUE O INFANTE NASCEU

APPENDICE

A CASA EM QUE O INFANTE NASCEU

No capitulo primeiro d'esta MEMORIA HISTORICA escrevi, em nota, que era tradicção muito crivel a que suppõe ter o Infante D. Henrique nascido em alguma casa erigida no local onde está o edificio da Alfandega Velha com o predio que faz esquina para a antiga rua dos Inglezes. Considero ainda essa tradicção da mesma forma, pois o documento que cito, existente no Cartorio da Camara do Porto, referindo-se á construcção do *Almaʒem*, mostra bem que haviam casas annexas a este edificio, anteriormente á conclusão da *Rua Nova* ou *Formosa*.

O documento inserto no *Livro Grande*, fl. 2, verso, (original) e fl. 4, verso, e 5 (copia), é o seguinte:

«Por quaes rezões ElRey disse q mandava fazer o almazem e alfandega do Porto.» «Item agra-
«vandose o Bispo D. Pedro, q entom era dizendo q recebia delRey agravo em razom das Cazas do
«Almazem e *das outras q aaquella saʒom fiʒera na dita Cidade*, deromlhe em reposta em nome
«delRey estas seguintes razooes:

«Dis o dito Senhor Rey q el tem q fez o q devia em mandar fazer as *ditas caʒas* e *Almaʒem*
«por este que se segue. Primeyramente dis que o logo onde o dito *Almaʒem* e *caʒas* som feitas *he*
«*fora do dito couto do dito Bispo*, e por seer verdade mostrasse bem, porq dis q o dito couto soya
«de partir pello logo q hora chamam *Rio de Villa* q entom chamavam *Canal mayor* e os Bispos
«dante este poserom sentença descomunhom em aquelles q chamassem a Canal mayor senom Rio
«de Villa e poserom nome Canal mayor por fundo de Miragaya por hu chamam Monchique q parte
«com o couto de Cedofeita e esto fizerom os ditos Bispos por acrecentarem moor couto q o q ha-

«viam e deve a dita Egreja perder o q assy mais acrecentou. E dis q *aquem do dito logo que cha-* «*mam Canal mayor q hora chamam Rio de Villa jaz o dito logo, em que estam as ditas cazas e* «*almazem e jaz ainda o Moesteyro de S. Domingos,* o qual logo em q el está foi dado depoiz pella «Raynha Dona Tereyja aos frades para se fazer o dito Moesteyro e assy se mostra bem que nom «he do dito Bispo e Cabido e que he de dito Senhor, e desto he todo vos e fama no Porto e tal he «a comunal openiom dos homeens moradores da dita cidade q as *ditas cazas e almazem estam fora* «*do couto e que o dito couto soya de partir pello dito logo que hora chamam Rio de Villa,* o qual «entom chamavam Canal mayor e foi posto nome Canal mayor por fundo de Miragaya como dito «he e *assy fez o que devia pois o fes onde avia dereito de o fazer.* Item: fez o q devia ainda porq «dis q postq fossem no Couto do dito Bispo e Cabido, o q el nom cree, dis q el o fez com boa en- «tençom por seu servisso e prol do dito Bispo ca certo he e notorio q o dito Senhor e os outros «Reys dante el ouverom e ham a dizima de todallas cousas q entram pella fos do mar dessa Ci- «dade em navios e que dam e deram sempre aa Egreja do Porto a redizima e acontecia muitas «vezes antes q o dito Senhor Rey ouvesse *Casas dalmazem* na dita cidade q descarregavam esses «averes em casas alhêas porq era gram perigo destar nos navios no mar e essas casas alhêas em q «asy poinham os ditos averes filhavomnas a seus donos por aluguer e delles sem aluguer, e do alu- «guer pagava a Egreja sa parte, e assy das outras cousas q tomavam a seus donos e de mais esta- «vam os averes em gram perigo nas ditas casas q assy tomavam por razom de temor de Ladrooes, «e de fogo de q hi ouvera de se fazer gram dano por fogo q se alçou e queimou muitas daquellas «cazas em q soya seer e siam os ditos averes, e outrosy acontecia muitas vezes q os averes erão «muitos e de muitas pessoas e nom aviam hu os descarregar ante os descarregavam nos Moestey- «ros asy q os ditos averes estavam a gram perigo e a gram dano q hi por vezes aconteceo e el «para tolher todos estes encarregos e danos e nojos consyrou q era serviço de Deos e seu e prol «da dita Egreja e outrosy dos Mercadores q fezesse a dita *Casa dalmazem* em q fossem postas to- «das as ditas mercadorias, em q o dito Senhor Rey e a dita Egreja ouvessem dereito, e para esto «mandou comprar cazas e terreos e alguus terreos ouve por escaimbo doutras herdades q deu por «elles q erão de tanto e de mayor contia q os ditos terreos todo das voontades de seus donos e «*fez em estes terreos as ditas Cazas dalmazem, e outrosy* comprou *alguas cazas juntas com esse* «*almazem* q lhe erão muy comprydouras, porq em esse almazem muitas vegadas nom podiam seer «descarregadas todas as mercadorias q vinham pella dita fos aa dita Cidade e outro sy *para pou-* «*zarem hi alguus desses oficiaaes,* e porq alguas vegadas aconteçe q o seu almoxarife aluga alguas «dessas cazas quando som vasias, e entende q as pode escusar e nom entende que esto seja agra- «vo ao dito Bispo e Cabido».

Mostra este documento que Affonso IV, erigindo o Almazem, fizera construir tambem e comprara casas, que lhe ficaram annexas. A situação do Almazem e d'essas casas, que eram de moradia, pode-se determinar como sendo no local do edificio da Alfandega Velha, pois o documento indica que elle ficava fóra do *Rio da Villa*, assim como o *Mosteiro de S. Domingos.* É possivel que D. João I *tomasse aposentadoria n'essas suas casas,* em 1394, quando nasceu o Infante; pois tambem em 1502, quando a 25 de Outubro entrou D. Manoel n'esta cidade, respondera ao procurador do concelho portucalense, que ao caminho fôra esperal'o pedindo-lhe as determinações para a real hospedagem «*quanto a noso apousentamento abemos por bem de pousar na rua noba naquelas casas dela em q mylhor apousentado podermos ser.*» (Livro *Despezas com festejos,* 1.º do Cartorio da Camara do Porto.)

Paço real não tinham os reis no Porto; os bons-homens do concelho não lh'os consentiam. Eram todos a lembrar immediatamente os privilegios.

D. João I tambem *não construio paço,* imitando assim os seus antecessores em satisfazer os moradores da cidade. Lá refere o *Livro Grande do Cartorio da Camara do Porto* a fl. 54 «meu padre cuja alma ds aja nuca em ella pa ssy nem pa os ifantes (?) fezera pousadia perlongada nem casas de morada.» (Carta de D. Duarte.)

Escrevi mais na dita nota que uma das casas annexas ao Almazem cahira e fôra reconstruida por *anúduva*, mandando D. Affonso v. Effectivamente, como indico, no *Livro 4.º de Pergaminhos do Cartorio da Camara do Porto*, a fl. 74, ha um, em parte bastante gasto, no qual estão escriptas algumas cartas régias, relativas a essa reconstrucção. Em um dos Indices elucidativos dos documentos do Cartorio, aponta-se essa casa reconstruida como sendo no local da Alfandega Velha. Cathegoricamente não se póde affirmar que a ella correspondesse, pois uma das cartas do *pergaminho* mostra que essa casa era *no cabo da rua*, «mandamos fazer hua casa no cabo da rua nova da nosa cidade do poto honde ja se fez out e cayo».

Onde seria o cabo da rua?

Em outra das cartas escrevia o Rei: «Fazemovos saber q por Vasco Gill voso cidadaão nos foi apresentada hua vosa carta em resposta doutra q escrevemos acerca das *casas nosas* q estam derribadas na rua Formosa da dita cidade.»

É mais uma prova que o Rei tinha casas no local anteriormente á conclusão da rua; mesmo no *pergaminho* se refere que o concelho havia pedido ao Rei a reconstrucção da casa em vista d'esta, derribada, *desfear a obra da rua Formosa.* Seria portanto essa reedificação a primeira da provavel casa de nascimento do Infante D. Henrique. Mas seria aquelle ponto o *cabo da rua?* É possivel que a cerca dos franciscanos se estendesse até ahi. Uma das cartas do *pergaminho* tambem indica que essa casa prejudicava com o escoamento das aguas a Casa da Moeda. Devia esta ficar-lhe proxima e inferior, evidentemente.

Eis o que um insufficiente exame a alguns dos numerosos documentos do precioso Cartorio do Municipio Portuense me permitte apresentar ácerca do local em que se pensa, com probabilidades, foi o berço do Infante das Descobertas.

INDICE DOS CAPITULOS